

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

JADE MARIÁ PAIS VAZ DE MELO

**“TENHA FÉ NO CAPITAL”:
AS PRÁTICAS ESTRANHADAS PRODUZIDAS
PELA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Belo
Horizonte
2020

Jade Mariá Pais Vaz de Melo

“Tenha fé no capital”: As práticas estranhadas produzidas pela Igreja Universal
do Reino de Deus

Trabalho de Dissertação apresentado ao Centro
de Pós-Graduação e Pesquisas em
Administração da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito para obtenção do
título de Mestre em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Luiza da Silva
Ferraz

Belo
Horizonte
2020

Ficha Catalográfica

M528t Melo, Jade Mariá Pais Vaz de.

2020 “Tenha fé no capital” [manuscrito]: as práticas estranhadas produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus / Jade Mariá Pais Vaz de Melo. – 2020.

1 v. : il.

Orientadora: Deise Luiza da Silva Ferraz

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.

Inclui bibliografia.

1. Ideologia – Teses. 2. Igrejas pentecostais - Teses. 3. Igreja Universal do Reino de Deus - Teses. 4. Administração – Teses. I. Ferraz, Deise Luiza da Silva. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. III. Título.

CDD: 200

Elaborado por Fabiana Santos
CRB-6/2530
Biblioteca da FACE/UFMG. –
FS/106/2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "TENHA FÉ NO CAPITAL: as práticas estranhadas produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus"

AUTORA: Jade Mariá Pais Vaz de Melo

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ADMINISTRAÇÃO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ADMINISTRAÇÃO.

Aprovada em 27 de março de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof^ª. Dr^ª. Deise Luiza da Silva Ferraz (orientadora - CEPEAD/UFMG)

Prof^ª. Dr^ª. Janayna de Moura Ferraz (DCA/UFRN)

Prof^ª. Dr^ª. Aline Fábria Guerra de Moraes (CAA/UFPE)

Belo Horizonte, 16 de janeiro de 2024.

Ivan Beck Ckagnazaroff
Subcoordenador do CEPEAD



Documento assinado eletronicamente por **Ivan Beck Ckagnazaroff, Professor do Magistério Superior**, em 16/01/2024, às 13:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2965547** e o código CRC **27888A73**.

RESUMO

A religião vem sendo alvo de inúmeros estudos na atualidade, principalmente pelo crescimento das Igrejas Evangélicas pentecostais e neopentecostais, que se acelerou consideravelmente a partir de 1980. A fé está relacionada ao ser crente, a crer em algo além, que ultrapasse a materialidade da vida humana, e isso nos leva a questionar como ela é capaz de guiar as ações humanas a partir de preceitos bem delineados e definidos pelas igrejas, como também constituir as subjetividades humanas. Pensar em subjetividade, no sentido marxiano, é pensar em uma relação recíproca e complexa entre sujeito e objeto, onde se constroem e se transformam ao mesmo tempo, porém, compreendendo que a prioridade ontológica é do objeto. Investigar, portanto, a prática dos fiéis nos permite estudar essa relação dialética entre objetividade e subjetividade. Tendo como foco de pesquisa o contexto religioso, entendemos que, no agir e pensar dos indivíduos da classe trabalhadora que professam a fé evangélica, opera uma prática intencional guiada por um conjunto de preceitos mediados por uma relação de certeza no poder de um ser extra-humano, deus. Isso posto, objetivamos, neste trabalho, apreender as possibilidades objetivas produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus, referência neopentecostal brasileira, que constituem a subjetividade dos fiéis. Para tanto, investigamos o ideário religioso que guia as práticas dos fiéis; apreendemos as práticas dos fiéis; e analisamos a relação entre ideologia e as práticas produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus. Discutimos, também, algumas categorias a partir da perspectiva marxista, como prática, subjetividade-objetividade, consciência, afetividade, ideologia e religião. Entendemos como a fetichização de deus cria a ideologia da fé que produz as práticas estranhadas dos fiéis. O ser que produz a atividade religiosa não se reconhece enquanto produtor da mesma. Este é o fenômeno do estranhamento. O ser estranho ao qual pertence a atividade religiosa e a religião, para a qual a atividade religiosa está a serviço e para a fruição da própria religião, só pode ser o próprio ser humano. Na atividade religiosa, o ser humano para de se relacionar como humano com a própria humanidade. Assim, a efetivação da humanidade se dá ao reconhecer a humanidade no outro, mas o outro, na religião, não é o outro ser humano, é deus. E ele é a expressão mais clara, atual, da desefetivação da humanidade. O ser humano, assim, engendra sua própria produção [a religião] para a sua desefetivação. Para tanto, afirmamos a necessidade de superação da religião, mas consideramos que ela não é suficiente. Nosso objetivo deve ser a emancipação humana. Devemos superar as condições que mantêm necessárias a relação humana com a religião, aqui, o capitalismo. A atividade religiosa é, portanto, uma contribuição à nossa desumanização, mas já estamos em condições desumanas desde nossa condição- determinação de reprodução da vida em um sistema capitalista. A religião é só mais uma forma desenvolvida para nos manter estranhados e sem consciência efetiva diante do capital. Porém, não aceitaremos essas condições. Ao termos consciência da realidade material, se faz necessário lutar contra essas formas ideológicas que nos acorrenta aos pés do fetiche maior, o pai de todos os fetiches, o capital. E essa luta não se faz nos céus nem no inferno, se faz aqui e agora.

Palavras-chave: Estranhamento; Ideologia; Neopentecostalismo; Prática; Religião.

ABSTRACT

Nowadays religion has been the subject of numerous studies, mainly due to the growth of the Pentecostal and Neopentecostal Evangelical Churches, which has been considerably accelerated since 1980. Faith is related to being a believer, to believing in something beyond the materiality of human life and this leads us to the question of how this is able to guide human actions based on precepts well defined by the churches, as well as constituting human subjectivities. To think of subjectivity, in the Marxian sense, is to think of a reciprocal and complex relationship between subject and object, where they are constructed and transformed at the same time, however, understanding that the ontological priority is given to the object. Therefore, investigating the practice of the faithful allows us to study this dialectical relationship between objectivity and subjectivity. Focusing on the religious context, we understand that in the actions and thinking of working class individuals who preach the evangelical faith, there is an intentional practice operates guided by a set of precepts mediated by a relationship of certainty in the power of an extra-human being, god. In this work, our goal is to apprehend the objective possibilities produced by the Igreja Universal do Reino de Deus, a Brazilian neo-Pentecostal reference, which constitute the subjectivity of the faithful. Therefore, we investigate the religious ideal that guides the faithful practices; we learn these practices; and we analyze the relationship between ideology and practices produced by the Igreja Universal do Reino de Deus. We also discuss some categories from a Marxist perspective, such as practice, subjectivity-objectivity, consciousness, affectivity, ideology and religion. We understand how the god fetishization creates the ideology of faith that produces the strange practices of the faithful. The being who produces religious activity is not recognized as a producer itself. This is the phenomenon of strangeness. The alien being to whom religious activity and religion belong, for which religious activity is at the service and for the enjoyment of religion itself, can only be the human being himself. In religious activities, the human being stops relating as a human with humanity itself. Thus, the effectiveness of humanity occurs when recognizing humanity in the other, but the other, in religion, is not another human being, it is god. And it is the clearest, current expression of humanity's lack of effectiveness. The human being, therefore, engenders his own production [religion] for his deseffectivation. For this reason, we affirm the need to overcome religion, but we believe that this is not enough. Our goal must be human emancipation. We must overcome the conditions that keeps necessary the human relationship with religion, here, the capitalism. Religious activity is, therefore, a contribution to our dehumanization, but we are already in inhuman conditions since our condition-determination to reproduce life in the capitalist system. Religion is just another tool developed to keep us strangers and without an effective awareness of capital. However, we will not accept these conditions. When we are aware of material reality, it is necessary to fight against these ideological forms that chained us to the feet of the greatest fetish, the father of all fetishes, capital. And this fight is not done in heaven or in hell, it is made here and now.

Keywords: Strangeness; Ideology; Neopentecostalism; Practice; Religion.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição percentual das pessoas de 10 anos ou mais de idade com rendimento entre os 10% com menores rendimentos e o 1% com maiores rendimentos, por cor ou raça - Brasil - 2005/2015...

62

Gráfico 2 - Distribuição dos evangélicos segundo o nível educacional

83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Documentos que apresentam a ideologia da fé	65
Tabela 2 - Documentos que apresentam a prática dos fiéis	102

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	16
2.1 Algumas vivências no campo.	17
3 PERCURSOS TEÓRICOS	21
3.1 A prática em Marx	28
3.2 A concepção de subjetividade a partir da teoria marxista...	28
3.2.1 A subjetividade e a relação sujeito-objeto...	28
3.2.2 Consciência, consciência de classe e subjetividade	35
3.2.3 O lugar do afeto na discussão sobre subjetividade marxiana	38
3.3 O fenômeno ideológico e a religião como uma ideologia...	44
3.3.1 A ideologia e sua função social	44
3.3.2 A religião em Marx...	49
3.3.3 O conteúdo ideológico na religião protestante	54
3.3.3.1 Breves discussões sobre a fé religiosa a partir da ciência burguesa	54
3.3.3.2 Considerações acerca da Reforma Protestante	55
3.3.3.3 Pentecostalismo e Neopentecostalismo no Brasil	56
4 A FÉ NO CAPITAL: A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	61
4.1 O perfil dos fiéis	62
4.2 Os preceitos que guiam a prática dos fiéis	64
4.2.1 “Buscai primeiro o reino de deus”	65
4.2.2 Palavra de deus - [O fetiche d]a bíblia sagrada	67
4.2.3 A ideologia da fé	73
4.2.4.1 Manual de Comportamento Cristão...	75
4.2.4.2 A Teologia da Prosperidade [não] cabe no seu bolso...	81
4.2.4.3 O regulamento da fé para a vida amorosa dos fiéis	85
4.2.4.4 Universal e [sua] ideologia de gênero...	88
4.2.4.5 “A fé para vencer o diagnóstico”	96
4.2.4.6 A gente conta o que quer: sociedade, política e economia	99
4.3 A prática dos membros e fiéis guiada pela ideologia da fé	102

4.3.1 Evangelização na miserabilidade humana.....	103
4.3.2 A interação prática dos bispos e pastores.....	105
4.3.3 A prática estranhada dos fiéis.....	108
5 À GUIA DE CONCLUSÃO: URGE SUPERAR A RELIGIÃO, MAS NÃO APENAS.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
APÊNDICE A - VERSÃO COMPLETA DA TABELA 1.....	130
APÊNDICE B - VERSÃO COMPLETA DA TABELA 2.....	135

1 INTRODUÇÃO

A religião vem sendo alvo de inúmeros estudos na atualidade, como Mariano (2008), Martinoff (2010), Birman (2012), Souza (2013), Rosas (2016) e Almeida (2017). O crescimento das Igrejas Evangélicas pentecostais e neopentecostais² (terceira onda da vertente pentecostal — novo pentecostalismo — que angariou a partir da década de 1970)¹ tem seu marco a partir da década de 1960, quando as Igrejas Protestantes passaram por uma diminuição considerável de seus seguidores tanto no Brasil como no mundo (VITAL DA CUNHA, 2008), o que se acelerou a partir de 1980 (MARIANO, 2008).

De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2010), em 1980, o percentual de evangélicos no Brasil era de 6,6%, passando, em 1991, para 9,0% da população. Em 2000, eles representavam 15,4% e, dez anos depois, em 2010, chegaram a atingir 22,2%, totalizando um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Portanto, diante de um contexto marcado pela expansão da religião evangélica, é necessário se atentar para este fenômeno.

Em uma entrevista concedida à Terra, em 2015, Marcelo Rebello, presidente da ABREPE (Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos) e organizador do Salão Internacional Gospel, afirmou que a estimativa é que os evangélicos movimentem cerca de R\$ 21,5 bilhões por ano no país (REBELLO, 2015). Ele diz que este é um público com bom poder de consumo, até por viver uma vida mais regrada. É de se afirmar que as colocações de Rebello são condizentes com os dados do IBGE (2010), que apontam que o mercado evangélico conta com 42,2 milhões de potenciais consumidores e, dessa forma, tem atraído as empresas para investir nesse segmento.

Enquanto, de um lado, o público evangélico são esses potenciais consumidores, do outro, ainda de acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2010), é dado que mais de 60% dos evangélicos pentecostais [que são a faixa mais expressiva da população evangélica] recebem até 1 salário mínimo. Isso, portanto, enfatiza o fato de que a maioria são trabalhadoras e trabalhadores de baixa renda.

Além dos dados de expressivo crescimento e consumo da fé evangélica, vemos também sua influência na política brasileira, onde existe uma frente parlamentar do Congresso Nacional do Brasil composta por políticos evangélicos, denominada bancada evangélica, que é uma frente de peso que faz um grande enfrentamento político diante de

² Esses movimentos serão melhor discutidos durante o texto.

questões sociais como gênero, prostituição, eutanásia, aborto e sexualidade, a qual assume posições pautadas no conservadorismo.

Essas informações nos chamam atenção, o que faz necessário adentrar por este campo para ir além da aparência dos dados numéricos e compreender quem são esses fiéis, como suas afetividades são mobilizadas, produzindo determinadas subjetividades que os mantêm vinculados à Igreja e servem à obstaculização [ou não] da consciência de classe.

Ainda de acordo com os dados do Censo 2010 (IBGE, 2010), considerando as igrejas evangélicas de maior influência, temos que, dentro das igrejas de origem pentecostal apresentadas nos dados, a que tem maior representação no movimento neopentecostal brasileiro é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Além disso, por esta ser uma pesquisa realizada na Administração, entendemos que a IURD é a Igreja que mais se aproxima de uma forma empresarial de gestão, até por ter como líder o Bispo Edir Macedo, também considerado um dos grandes capitalistas brasileiros, dono de uma das maiores emissoras televisivas do Brasil, a Record TV. Para tanto, nos propomos a realizar esta pesquisa nessa instituição.

A fé, de qualquer forma que seja, está relacionada ao ser crente, a crer em algo além, que ultrapasse a materialidade da vida humana e, nesse sentido, Sproul (2010, p. 8) afirma que, na bíblia, a definição mais importante da fé está em Hebreus: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho”. Isso, portanto, nos leva a questionar como a fé é capaz de guiar as ações humanas através de preceitos bem delineados e definidos pelas igrejas e também constituir as subjetividades humanas.

Entretanto, pensar em subjetividade no sentido marxiano é pensar em uma relação entre objetividade subjetivada e subjetividade objetivada, ou seja, em uma relação recíproca e complexa entre sujeito e objeto, em que há interação entre eles de forma a um construir e transformar o outro, porém, compreendendo que a prioridade ontológica é do objeto, ou seja, a subjetividade pressupõe a objetividade. Assim, as relações sociais determinam as subjetividades produzidas, logo, determinam a consciência dos seres humanos. No contexto a que estamos nos referindo, no qual existe uma propagação de uma moral religiosa que determina a prática dos fiéis, entendemos que, nestas, eles expressam subjetividades como também a produzem. Todavia, saber que existe a produção de subjetividades pelas igrejas evangélicas apenas arranha a problemática em questão, uma vez que é necessário compreender qual a ideologia que conduz essas práticas e quais são os aspectos subjetivos

das mesmas.

Investigar as práticas dos fiéis nos permite estudar a produção de afetos, sentimentos, ou seja, as expressões da subjetividade humana. Ferraz et al. (2017) entendem que a afetividade é uma expressão da subjetividade; os sentimentos, portanto, seriam respostas às objetividades vividas que se manifestam (e se produzem e se reproduzem) de formas diferentes na medida em que as relações se complexificam.

Tendo como foco de pesquisa o contexto religioso, entendemos que no agir e no pensar da população evangélica, mais especificamente, dos indivíduos da classe trabalhadora que professam a fé evangélica, estão processos de constituições de práticas mobilizada por uma relação de fé no extra-humano. Ter a religião enquanto preceito das práticas humanas, sobretudo aquilo que guia a forma de reciprocidade dialética da subjetivação da objetividade do ser humano, é algo que chama atenção, até mesmo por se valer de valores morais pré- concebidos pela igreja e, continuamente, assentados em uma noção de fé que é engendradora e engendra interesses do capitalismo.

Sabemos que o modo de produção capitalista tem como fim último um processo de expansão econômica determinado pela constante necessidade de valorização do valor, e, dessa forma, entendemos que o movimento objetivo do capital produz, ao mesmo tempo, subjetividades [que são] para sua própria reprodução.

Este cenário, portanto, nos remete a uma questão: quais as possibilidades objetivas produzidas pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que constituem a subjetividade dos fiéis?

Temos, assim, como objetivo geral do presente trabalho, apreender as possibilidades objetivas produzidas pela IURD que formam a subjetividade dos fiéis.

Para dar conta do objetivo geral, temos como objetivos específicos:

- 1) investigar o ideário religioso que guia as práticas dos fiéis;
- 2) apreender as práticas dos fiéis.

Para tanto, realizamos um estudo na Igreja Universal do Reino de Deus, considerada referência do neopentecostalismo brasileiro, tendo como uma das técnicas de pesquisa a observação sistemática. Este estudo pauta-se pela primazia do real.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: a começar pela introdução, parte em que abordamos brevemente o contexto inicial que motivou a pesquisa; em seguida, emerge a metodologia adotada, constando caminhos para nossas investigações e as vivências no campo; o terceiro capítulo conta com três partes, sendo que na primeira desenvolvemos a categoria *prática* em Marx, na segunda investigamos a concepção de subjetividade a partir

da teoria marxista e sua relação com a afetividade e a consciência de classe, e, na terceira, abordamos o fenômeno ideológico e a religião como uma ideologia; o quarto capítulo, por sua vez, abarca nossas análises, apresentando os dados coletados bem como nossas discussões a respeito do que foi observado em dois grandes tópicos, quais sejam: “a ideologia que guia a prática” e “a prática dos membros e fiéis guiada pela ideologia da fé”; e, por fim, as referências bibliográficas, além de dois apêndices contendo as tabelas as quais constam os documentos coletados no site da Igreja Universal do Reino de Deus.

2 METODOLOGIA

A questão da ciência, para Marx, se coloca como algo necessariamente transformativo, no sentido de apreender as contradições da realidade objetiva e, junto a isso, ser resolutiva e transformadora. Para ele, “a teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador - é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (do pensamento)” (NETTO, 2011, p. 21).

Para alcançar o objetivo proposto, iniciamos nossa investigação por observar a prática religiosa em três igrejas distintas: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), considerada referência do neopentecostalismo brasileiro; a Assembleia de Deus (AD), avaliada como referência do pentecostalismo brasileiro; e a Igreja Batista da Lagoinha (IBL) de Belo Horizonte, que é um dos maiores templos da cidade frequentado por grande parte do público evangélico. Após essa aproximação, observamos que, para fins de pesquisa, acompanhar uma das vertentes religiosas seria suficiente, uma vez que elas possuem uma mesma linha condutora, ainda que com algumas particularidades que em nada determinam mudança substancial na produção das práticas. Dessa forma, optamos pela aproximação com a IURD que, por ser de tamanho expressivamente maior que as outras, tanto em tamanho do templo quanto pelo número de fiéis, já poderia nos possibilitar a pesquisa.

Este estudo pauta-se pela primazia do real. Deste modo, o objeto determinou os passos para a coleta de dados após sua primeira apreensão. Assim, utilizamos como técnicas a análise documental e a observação não participante.

Os documentos apresentados são frutos de uma catalogação de notícias dispostas no site oficial da IURD. Esses documentos apresentam os dogmas da Igreja e os conteúdos a respeito de temáticas cotidianas. Dividimos os documentos por assuntos, quais sejam: Ação Social da Universal; Autoajuda; Eventos da Universal; Finanças; Relacionamentos; Saúde; Sociedade, Política e Economia; Testemunhos e Depoimentos; e Vida Cristã. Esses documentos nos permitiram apreender os preceitos apresentados como possibilidade de efetivação da conduta dos fiéis, assim como investigar como o conteúdo é apresentado, indicando as mediações que ligam os preceitos e a prática. Os documentos foram dispostos em duas tabelas apresentadas no texto, a Tabela 1 (T1) e a Tabela 2 (T2), em que na primeira constam as notícias que apresentam o conteúdo dos preceitos da IURD e na segunda há a prática intencional. Essas tabelas contam com o Assunto; a Sigla dos Documentos; e a Quantidade de Documentos. Elas são um resumo das tabelas principais que, por questão de tamanho, foram alocadas nos Apêndice A e Apêndice B, ao final deste trabalho.

A observação foi realizada como não participante devido à não permissão formal ao acesso aos cultos como pesquisadora. A observação nos permitiu apreender o processo prático de subjetivação dos preceitos religiosos como guia de comportamento social que condiciona o modo como os sujeitos se relacionam entre si nas múltiplas esferas da vida.

A observação dos cultos e o acesso aos documentos nos permitiram investigar a relação entre fiéis e pastores e como são criadas as possibilidades objetivas produzidas pela IURD para formar a subjetividade dos fiéis. Apresentamos no item 4 os documentos e as análises derivadas dos mesmos.

2.1 Algumas vivências no campo

No primeiro momento de aproximação com o campo, nos propomos a ir em algumas igrejas na cidade de Belo Horizonte (MG) para observar os cultos e a realidade dos fiéis, como a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), a Assembleia de Deus (AD) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Vale lembrar que as igrejas pentecostais e neopentecostais, principalmente no contexto atual que vivemos, onde sua expansão corrobora e fortalece as reformas propostas pelo governo do país, não estão abertas a compactuar com pesquisas que possam, de alguma forma, questionar suas crenças, dogmas e preceitos. Diante disso, tivemos alguns acessos obstaculizados, gerando a impossibilidade de gravações e registros. Tentamos, a priori, entrar nas igrejas como pesquisadoras e redigimos um documento onde expomos alguns dados da pesquisa e a importância da observação [e possíveis entrevistas] para sua concretização. Tivemos os acessos negados enquanto pesquisadoras. Dessa forma, chegamos à conclusão que o melhor seria realizar observações sistemáticas de acesso público, como qualquer pessoa que tenha interesse em frequentar as atividades das igrejas.

O primeiro contato foi com a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), na sua sede principal, no Bairro São Cristóvão, onde participamos de apenas dois cultos. Cada dia da semana tem um culto diferente. Segunda-feira é a Noite de Milagres, na terça-feira é o Culto Fé, na quarta-feira é a Quarta na Palavra, na quinta-feira é o Carisma Open, na sexta-feira é o Culto Lagoinha Gerações, no sábado é o Culto Legacy Jovens e no domingo é a Escola Bíblica Dominical, o Culto de Celebração, o Culto Rhema e o Culto Cristo Vivo. A grande maioria dos fiéis presentes eram jovens adultos, trabalhadoras e trabalhadores em idade ativa, em pleno gozo de suas capacidades de trabalho. Percebemos uma divisão no templo, na qual, aproximadamente, metade das pessoas eram brancas e metade eram negras. A estrutura do templo principal da IBL contava com muitas televisões espalhadas por todo o espaço, um palco grande com um telão e

diversos instrumentos musicais. Os cultos têm duração aproximada de 2 horas e a banda que guia os cultos é composta por vários integrantes, luzes e cores, como em um grande show.

Na Assembleia de Deus (AD) de Belo Horizonte, estivemos duas vezes no templo central onde os cultos acontecem três vezes por semana e não tem temáticas tão variadas, mas a bíblia se mantém como força superior para todos os ensinamentos. O templo se localiza em um bairro nobre de Belo Horizonte, Lourdes, mas em uma área mais próxima do centro da capital. Notamos que as pessoas presentes eram, majoritariamente, negras e aparentavam ter baixa renda. A recepção com os visitantes e fiéis era regada de muito carinho e atenção. Logo no primeiro contato uma pessoa se aproximou perguntando se era nossa primeira vez na AD, anotou o número de telefone e endereço e entregou uma folha para que fosse respondido um questionário. No questionário continham perguntas a respeito da crença, religião, se a pessoa era evangélica e se já frequentava alguma outra igreja. Em seguida, apresentaram outras pessoas que estavam lá e fizeram um *tour* para que pudéssemos conhecer todo o templo.

As pessoas quando chegam na AD se ajoelham, colocam a cabeça no banco e rezam até o culto começar. O culto tem duração de 1 hora e 30 minutos. O espaço não é pequeno e a estrutura é simples, diferente dos templos principais da IBL e IURD, mas as pessoas são mais atenciosas e adquirem maior proximidade com os frequentadores do templo. O número médio de pessoas durante os cultos era de mais ou menos 70 pessoas. O culto começa com os cantos, com uma banda estruturada com vários musicistas e, logo em seguida, o pastor começa a palestra.

Presenciamos, também, a realidade de um dos maiores templos do Brasil, o templo principal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), conhecido como Catedral da Fé, situado em Belo Horizonte, em um bairro nobre da capital mineira, Lourdes — o mesmo bairro que a AD. Na IURD, os cultos acontecem todos os dias da semana em diversos horários ao longo do dia, pela manhã, tarde e noite, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Segunda-feira acontece a Corrente pela Vida financeira, terça-feira acontece a Corrente pela Saúde, quarta-feira é a Escola da Fé, quinta-feira é o dia da Terapia do Amor, sexta-feira é o culto da Sessão de Descarrego, sábado é o culto de Jesus das Causas Impossíveis e domingo é o dia do Tratamento Espiritual.

Tudo o que vimos nas outras igrejas foi ainda mais intensificado na IURD, que tem uma estrutura maior, mais complexa e organizada que as outras. Frequentamos aproximadamente 10 cultos na Catedral da Fé e percebemos a importância de priorizar a proximidade com essa organização em detrimento das outras, tanto pelo maior número de fiéis quanto pela disseminação da fé em todo o mundo através dos dogmas e crenças da Igreja Universal do Reino

de Deus, sendo a maior referência do neopentecostalismo brasileiro. Por isso, este trabalho tem como objeto de pesquisa a Igreja Universal do Reino de Deus.

Desde a primeira vez que estivemos na IURD percebemos o quanto a estrutura da Igreja é grande. O estacionamento, os banheiros, as salas e, principalmente, o templo. O ambiente é preparado para receber mais de 4 mil pessoas sentadas por culto. Existe uma grande equipe de trabalhadores e trabalhadoras que auxiliam os cultos, e os cultos contam com bispos, pastores, obreiros (que é como um auxiliar do pastor, “aquele que serve a Deus”) e fiéis. Embora o templo esteja localizado em uma região nobre de Belo Horizonte, a maioria das pessoas que frequentam os cultos são trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda, o que será discutido melhor no capítulo 4 deste texto. Logo no início dos cultos é possível observar nos dois telões laterais a mensagem que afirma que é proibido registrar qualquer parte do culto, seja gravações de vídeo, áudio ou fotografia, de acordo com o Artigo 208 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40, que afirma que é proibido “impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso”, o que demonstra preocupação da IURD com relação às informações divulgadas.

Vale notar que, pelo acesso negado como pesquisadoras, tivemos que buscar outras fontes de conhecimento dos preceitos da IURD para além da observação, que consideramos que não seria suficiente. Por isso, decidimos coletar e analisar, também, documentos apresentados pela Igreja. Em nossas idas aos cultos passamos por diversas experiências e algumas serão relatadas no capítulo 4. Ressaltamos que vivenciamos muito do que foi relatado no texto. A forma como os bispos e pastores conduzem os cultos mobilizam, intencionalmente, nossas afetividades, produzindo sensações diante de suas falas. Quando eles trazem a dura realidade produzida pelo modo de produção que reproduzimos a vida, o capitalismo, também nos afetamos, afinal, também fazemos parte dessa realidade. A forma como os argumentos são construídos nos chamou atenção, já que primeiro abordam a realidade cruel do mundo, as dificuldades que as pessoas passam, os problemas, as dores, as doenças, as dívidas, etc., para, depois, em um segundo momento, apontar os caminhos e soluções. Até chegar neste segundo momento, as pessoas já se entregaram às emoções produzidas pelo primeiro momento, que afetam todas elas. Então, é como se a barreira já fosse quebrada pelo acesso comum à realidade e agora que já se ganhou o acesso à subjetividade dos fiéis, afetando-os por escancarar a realidade que vivem, se torna mais simples convencê-los a acreditar em suas soluções [as soluções dadas pela IURD]. Mas não vamos nos aprofundar nisso neste momento, porque o faremos ao longo do texto. Aqui, estamos trazendo nossas percepções enquanto pesquisadoras. E enquanto pesquisadoras podemos afirmar que nossas afetividades foram acionadas algumas vezes ao longo dos cultos, tanto por algumas falas que buscam evidenciar a realidade

(des)humana no capitalismo, quanto pelas reações dos fiéis que são extremamente exacerbadas e o excesso de barulho é algo que nos deixa ainda mais inquietas. Isso quer dizer que, com as pessoas gritando, fazendo suas orações, chorando, caindo ao chão, pedindo ajuda, etc., não é possível, enquanto seres sensíveis, não sermos afetadas.

Assim, evidenciamos aqui o quão desafiador foi realizar este trabalho e mesmo diante de todas as experiências vivenciadas apreender as práticas estranhadas produzidas na atividade religiosa.

3 PERCURSOS TEÓRICOS

Muitos autores se debruçaram no estudo das relações sociais no sistema capitalista, porém, é a teoria marxista que dá conta de chegar no cerne das contradições da vida humana sob o capital, pois ela está comprometida com a apreensão das raízes dos problemas. Portanto, para nos auxiliar nas discussões e análises que serão feitas no decorrer do trabalho, é essencial compreender algumas categorias que darão suporte e contemplarão os argumentos trazidos.

3.1 A prática em Marx

Aqui, vamos discutir a prática em Marx e, cientes da impossibilidade de apresentar as múltiplas discussões que perpassam esse assunto, buscamos trazer algumas questões para uma breve compreensão de parte [fundamental] da filosofia marxiana a partir do próprio autor, tendo como base obras como os Manuscritos Econômico-filosóficos, as Teses sobre Feuerbach, a Ideologia Alemã, O Capital, entre outras.

Essa discussão se inicia na filosofia alemã, particularmente em Hegel, que traz a questão da prática, porém de forma diferente de Marx, uma vez que as limitações do próprio idealismo hegeliano inviabilizam a transformação do real, exatamente por estabelecer sua primazia na ideia, como Marx expõe na Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. A prática da filosofia hegeliana ainda está limitada por uma noção teórica de transformação que se encontra no campo das ideias. E este é o salto da teoria marxiana, quando Marx entende a prática como uma atividade real, que transforma o real em sua materialidade. Para Marx, a ideia não transforma; o que transforma são os sujeitos pensantes (VÁZQUEZ, 2007). E vamos esclarecer melhor tal ponto ao longo do capítulo.

Em suas discussões tanto com Feuerbach quanto com Hegel, percebemos que Marx chama atenção para seu materialismo, que embasa, de alguma forma, sua concepção de prática. Em suas Teses sobre Feuerbach - 1845 (2007), ele denuncia a limitação dos materialismos existentes até esse momento, que só apreenderam a realidade sob a forma objetiva, e não, também, subjetiva, prática, como atividade sensível. Essa afirmação nos permite aproximar do que Marx está considerando como prática, qual seja essa atividade humana sensível, atividade esta que está em [é] movimento, que é o real e não se limita, portanto, à atividade do pensamento. A crítica de Marx é que o real é tomado como objeto desprovido de atividade-

humana-sensível, sendo a ideia a expressão da atividade humana. Então, os filósofos ou tomam o real pela forma [sem a subjetividade humana] ou meramente o contemplam.

Nesse sentido, Marx (2013b) critica a filosofia alemã afirmando que os alemães são contemporâneos filosóficos do presente, mas não são seus contemporâneos históricos, logo, a filosofia alemã é o prolongamento ideal da história dos alemães, ou seja, a filosofia idealista alemã não consegue compreender a realidade histórica alemã. Sendo assim, ao entender a prática como um processo prático e teórico, Marx, na Introdução da Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, texto produzido entre 1843–1844, discute sobre o que ele chama de partido político teórico e partido político prático na Alemanha. Nessa discussão, ele argumenta sobre essa relação da teoria e da prática com a filosofia e a realidade. Para ele,

é com razão, pois, que o partido político prático na Alemanha exige a negação da filosofia. Seu erro consiste não em formular tal exigência, mas em limitar-se a uma exigência que ela não realiza seriamente, nem pode realizar. Crê ser capaz de realizar essa negação ao murmurar - dando as costas à filosofia e afastando dela sua cabeça - algumas fraseologias furiosas e banais sobre ela. Dada a estreiteza de seu ângulo de visão, não considera que a filosofia encontre-se no mesmo nível da realidade alemã ou até mesmo a situa falsamente abaixo da prática alemã e das teorias que a servem. Reivindicais que se deva seguir, como ponto de partida, o germe da vida real, mas esqueceis que o germe da vida real do povo alemão brotou, até agora, apenas no seu crânio. Em uma palavra: não podeis suprimir a filosofia sem realizá-la (MARX, 2013b, p. 156).

Como Marx expõe, diante da filosofia alemã, que não dá conta de apreender a realidade, que se limita às condições políticas e jurídicas ideais, o partido prático exige sua negação. Mas o ponto ao qual Marx chama atenção é que ele quer ignorar a filosofia, mas ela nem ao menos foi realizada. De fato, a filosofia alemã é limitada, mas a filosofia é necessária, a consciência é necessária. Portanto, como pode o partido prático negar a filosofia e exigir sua supressão se ela ainda não é a filosofia, se ela ainda não correspondente à realidade? Como pode extinguir algo que ainda não é? E ela só será, quando for prática ao mesmo tempo, ou seja, quando for a filosofia do real, a consciência da realidade.

E, assim, Marx continua, pois, afirmando que o partido teórico cometeu o mesmo erro, porém de forma invertida.

Na presente luta, esse partido vislumbrou apenas o combate crítico da filosofia contra o mundo alemão, sem considerar que a própria filosofia até então existente pertence a esse mundo e constitui seu complemento, mesmo que ideal. Crítico contra seu oponente, ele se comporta acriticamente em relação a si mesmo, na medida em que partiu dos pressupostos da filosofia e ou aceitou seus resultados ou apresentou como exigências e resultados da filosofia exigências e resultados extraídos de outros domínios, embora estes - pressupondo-se sua legitimidade - só possam, ao contrário, ser obtidos pela negação da filosofia até então existente, da filosofia como filosofia. [...]. Seu defeito fundamental pode ser assim resumido: ele acreditou que poderia realizar a filosofia sem suprimi-la (MARX, 2013b, p. 156–157).

O partido teórico, por sua vez, foi incapaz de fazer a crítica a ele mesmo. Foi incapaz de perceber que a filosofia até então existente não era a filosofia real, e sim a filosofia ideal. Contudo, ele acredita ser capaz de realizar a filosofia sendo que ela ainda não é filosofia. Como realizar algo que não é, que não existe em sua forma real? Assim, não é possível ignorar a filosofia, nem ignorar o mundo, o real. Não é possível transformar a realidade se não se tem consciência, e aqui estamos falando não [apenas] da consciência individual, mas da consciência das massas. Assim como também não é suficiente apenas ter consciência e compreender o mundo, sem atuar, portanto, sobre ele, sem transformá-lo. O que muda o mundo é a prática, não a ideia.

Em *A Sagrada Família*, obra escrita em 1844, Marx e Engels (2003) chamam atenção para os idealistas e jovens hegelianos que cindiram a teoria e a prática. Portanto, não é possível uma apreensão [tampouco transformação] da realidade, uma vez que não se parte da totalidade e contradição da mesma. Voltamos, assim, à discussão que estamos traçando durante este capítulo: na realidade concreta, teoria e prática não estão separadas, elas existem ao mesmo tempo.

Isso evidencia a relação recíproca entre sujeito e objeto que é a unidade da ação consciente dos seres humanos com a necessidade e realidade histórica, ou seja, atividade subjetiva e objetiva ao mesmo tempo. Nas *Teses sobre Feuerbach*, como já mencionamos anteriormente, Marx avança mais ainda nessa discussão, uma vez que critica o materialismo contemplativo de Feuerbach, apontando sua não compreensão da atividade-prática-sensível.

Começando pela Tese 1 dessa obra, Marx (2007, p. 533) aponta que:

O principal defeito de todo materialismo existente até agora (o de Feuerbach incluído) é que o objeto, a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do objeto ou da contemplação, mas não como atividade humana sensível, como prática; não subjetivamente. Daí o lado ativo, em oposição ao materialismo, [ter sido] abstratamente desenvolvido pelo idealismo - que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, efetivamente diferenciados dos objetos do pensamento: mas ele não apreende a própria atividade humana como atividade objetiva. Razão pela qual ele enxerga, n' *A essência do cristianismo*, apenas o comportamento teórico como o autenticamente humano, enquanto a prática é apreendida e fixada apenas em sua forma de manifestação judaica, suja. Ele não entende, por isso, o significado da atividade "revolucionária", "prático-crítica".

A questão para a qual Marx chama atenção está na apreensão do objeto apenas como objeto material, e não como atividade sensível, como prática. Ou seja, Feuerbach enxerga apenas um aspecto do objeto, não percebendo, portanto, o objeto como objetivação teórico-prática. É exatamente por não compreender essa relação recíproca e necessária entre sujeito e objeto que Feuerbach não consegue apreender a atividade humana. Marx critica o materialismo tradicional [incluindo o de Feuerbach] por entender que ele coloca o objeto como algo oposto

ao sujeito, ao invés de produto da atividade humana, ou seja, como algo construído pelo próprio ser humano que, portanto, deve ser reconhecido por ele objetivamente e subjetivamente, de forma prática. E isso falta em Feuerbach, entender como a atividade prática é, também, objetiva, assim como o objeto é, também, atividade-prática-sensível.

Na última frase dessa Tese, Marx e Engels (2007) evidenciam que a atividade revolucionária, transformadora, é prático-crítica, ou melhor, é prática e teórica, é ação e consciência, é realidade e filosofia, não cindidas, não apartadas.

Em seguimento, na Tese 2 da mesma obra, Marx (2007, p. 533) chama atenção para a natureza interior do pensamento e traz que “a questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática”. Para ele, a natureza interior do pensamento está na prática do ser humano, ela é a realidade do pensamento. Assim, não é possível apartar a teoria da prática, uma vez que a teoria se confirma na e pela prática. E o pensamento, por sua vez, tem nela sua prioridade ontológica.

Na Tese 3, Marx e Engels (2007) falam sobre a modificação das circunstâncias e da educação, que se dá pelo próprio ser humano. É exposto que o educador é também resultado de sua prática e práticas novas demandam um educador transformado. Isso evidencia, portanto, o papel do ser humano como ser ativo, que modifica as circunstâncias e modifica a si mesmo. A pessoa que educa também deve ser educada. A pessoa que transforma, também, é transformada. A circunstância, ao ser modificada pelo ser humano, também modifica o ser humano. Esse é o ponto para o qual Marx chama atenção, e aí reside também seu método dialético de apreensão da realidade. No final da Tese 3, Marx (2007 p. 534) afirma que “a coincidência entre a altera[ção] das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária”. Por conseguinte, é evidenciado que a prática é essa unidade entre a mudança objetiva e a mudança subjetiva.

No entanto, na Tese 9, Marx (2007, p. 535) ressalta, mais uma vez, a limitação do materialismo contemplativo, que não “concebe o sensível como atividade prática”, e se limita a apenas contemplar os “indivíduos singulares e a sociedade burguesa”. E assim, já na última Tese, XI, Marx (2007, p. 535) termina o texto afirmando:

Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo.

A questão que o autor enfoca nesse momento é exatamente o que estamos tentando compreender ao longo deste capítulo, que é a não suficiência da teoria [filosofia] enquanto possibilidade de transformação do mundo. Marx afirma que os filósofos tradicionais se preocuparam em interpretar o mundo, ou seja, buscar e propor teorias para explicar a realidade

[realidade esta desprovida de seu aspecto de atividade humana], mais especificamente, para que o ser humano tenha consciência do mundo que o cerca e do qual ele faz parte. E essa consciência, por sua vez, está relacionada ao conhecimento deste mundo. Porém, o que Marx critica é sobre a limitação da teoria se esta for cindida da prática, da concepção do sensível, da atividade-prática-sensível. Assim, ter consciência do mundo e da realidade em que se vive não é, de forma alguma, suficiente para transformar essa realidade; ainda mais se essa filosofia guardar correspondência relativa com a realidade, ou seja, não corresponder efetivamente à realidade, que é uma das principais críticas que Marx faz aos filósofos.

E por que a filosofia corresponde relativamente à realidade?

Pensando na filosofia idealista, primeiro, por sua primazia na ideia, questiona-se: como ter consciência da realidade se se tenta imputar na realidade o que está na cabeça do ser humano? O processo é exatamente o inverso. É a partir da realidade que temos consciência. A consciência, portanto, é sempre de alguma coisa, que por sua vez é também atividade-sensível- humana, por ser dela resultado — aspecto que será discutido com mais detalhes no próximo capítulo. Em segundo lugar, que é o argumento mais importante, é que a filosofia só corresponde relativamente à realidade porque as práticas sociais estão estranhadas. Dessa forma, se as práticas são estranhadas, como a teoria não será?

E então Marx discorre um pouco sobre a importância [e necessidade] da crítica, expondo que:

a arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas. A teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra ad hominem, e demonstra ad hominem tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem (MARX, 2013b, p. 157).

Reside, neste trecho, uma consideração importante do autor. Trazer a questão da crítica

é fundamental para pensarmos em suas possíveis limitações quando se reduz ao campo teórico, por considerar que a crítica sem ação é inoperante. Marx ainda nos evidencia que a raiz da coisa é a própria coisa, seu próprio corpo e movimento, e chama atenção para a questão da teoria e prática, uma vez que o [que ele chama de] poder material está relacionado à prática, ou seja, ao que se faz, e não à ideia sobre o que se faz, mas também à teoria, já que, ao fazer, também se produzem ideias sobre a prática, o que também é material e também tem

movimento, não sendo apenas resultado abstrato dos intelectuais. Ou seja, a prática impescinde da relação [dialética] teoria e prática, consciência e movimento, conhecimento e ação, para, tão logo, haver a transformação [ou superação] da condição até então existente. Marx demonstra que a filosofia

materialista é aquela que traduz o real para o pensamento, e a prática é o critério da verdade no marxismo, porque é ela que é transposta para o pensamento.

Considerar que a raiz da coisa é a própria coisa é algo relevante na filosofia marxiana. Constatar que a raiz, para o ser humano, é o próprio ser humano [não é deus, nem o diabo] nos relembra a importância da prática enquanto atividade sensível — que é o real. Marx (2011, p. 58), em outra obra, os *Grundrisse*, escrita entre 1857 e 1858, afirma que “os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já é conhecida”, ou seja, para conhecer a espécie humana, não se deve partir do macaco, e sim do próprio ser humano. Isso para dizer que a raiz da coisa é a própria coisa, mas não a própria coisa em outro tempo histórico e em outra forma, mas a própria coisa agora, em movimento, no real.

Marx (2013b, p. 158) demonstra que “a teoria só é efetivada num povo na medida em que é a efetivação de suas necessidades. [...]. Não basta que o pensamento procure se realizar; a realidade deve compeli-la a si mesma em direção ao pensamento”. Logo, a crítica está diretamente ligada a essas necessidades, ou seja, a partir das necessidades radicais, é possível construir a crítica radical dessas necessidades. A teoria, contudo, está relacionada à expressão de uma necessidade radical, deixando em relevância a noção de necessidade radical, enquanto necessidades da humanidade que expressam sua essência, portanto, o conhecimento mais próximo da realidade. A prática é uma atividade humana real, efetiva e transformadora, podendo, nesse sentido, ser revolucionária. Dizemos que ela *pode ser* revolucionária porque, no capitalismo, ela está estranhada, então ela não é efetivamente atividade-humana-sensível, ou seja, ela é prática-humana-sensível estranhada, unilateralmente efetiva.

Essa relação do ser humano com suas necessidades está diretamente interligada com a relação do ser humano com a natureza, uma vez que ele transforma a natureza segundo suas necessidades. Dessa forma, o trabalho, para Marx (2013), é essa relação entre o ser humano e a natureza, em que o ser humano transforma a natureza para satisfazer suas necessidades [criadas por ele], se autotransformando [ou autoproduzindo].

A objetivação da vida genérica do ser humano, como Marx (2004) expõe, é quando o ser humano se duplica não apenas na consciência [intelectualmente], mas efetivamente, contemplando-se a si próprio em um mundo que ele mesmo criou. Ou seja, é o objetivar algo, produzir algo exterior a ele. Na relação estranhada, o que é objetivado no processo de produção material não pertence a quem produziu, e o ser humano, assim, não se reconhece enquanto produtor desse objeto [produto]. No entanto, devemos lembrar que o estranhamento não é essencial na produção material, ele é essencial no modo de produção capitalista, que exige o

estranhamento do trabalhador diante do processo de produção [e exploração], portanto, pode ser superado. A objetivação, por sua vez, é essencial ao ser humano, uma vez que processos de produção produzem elementos externos ao produtor, que são para ele, objetos, resultado de atividade-humana-sensível.

Todavia, “o trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência” (MARX, 2004, p. 85). Assim, quando o trabalho estranhado é apenas um meio para autoatividade, ele faz da vida genérica do ser humano um meio de sua existência física, logo, mediante o estranhamento, o ser humano não tem mais consciência de seu gênero nem da vida genérica, ou seja, não reconhece o caráter humano nos produtos das relações humanas, não se reconhece mais como ser humano e nem mesmo a humanidade, a essência humana (MARX, 2004). E o estranhamento, no capitalismo, está na questão da propriedade privada.

A propriedade privada é, portanto, o produto, o resultado, a consequência necessária do trabalho exteriorizado, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo.

A propriedade privada resulta portanto, por análise, do conceito de trabalho exteriorizado, isto é, de homem exteriorizado, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem estranhado (MARX, 2004, p. 87).

Partindo disso, a propriedade privada é a expressão material do trabalho estranhado. Porém, vale lembrar que exteriorização, em essência, não é o estranhamento, sendo este a exteriorização de forma estranhada, de forma que o ser humano está estranhado do trabalho e do produto do seu próprio trabalho, que é o que acontece no modo de produção capitalista, diante da contradição entre capital e trabalho. Por conseguinte, a essência subjetiva da propriedade privada é o trabalho estranhado (MARX, 2004).

Se entendemos que a prática ou atividade-humana-sensível está estranhada, uma vez que o trabalho, que é exatamente essa atividade-humana-sensível, está estranhado no capitalismo, facilita nossa compreensão de que a prática revolucionária, portanto, é determinada pela classe trabalhadora. E essa é a chave para a emancipação. Quando pensamos, portanto, no sujeito ativo revolucionário, Marx e Engels (2007) mostram como as relações materiais de produção evidenciam a exploração/opressão que sofre a classe trabalhadora; contudo, para esta se emancipar, é necessário que ela esteja consciente dessa situação. A consciência da exploração depende do reconhecimento do trabalhador enquanto fruto estranhado da exploração; mais ainda, é importante que nesse reconhecimento ele possa reconstruir os nexos que “distanciaram de seu trabalho, e de sua pessoa, o fruto produzido” (MARTINS, 1998, p. 135 apud IASI, 2012, p. 47).

Destarte, se estamos falando sobre prática revolucionária, estamos falando sobre transformação. Logo, entendemos que, para transformar a realidade, é necessário, antes, conhecê-la. A teoria, portanto, nos ajuda a conhecer a realidade, quando ela é a expressão da realidade transposta para o campo das ideias. O que queremos dizer com isso é que, para a teoria ser teoria, ela precisa ser prática, ela precisa que a prática se expresse idealmente enquanto teoria real, válida. E a prática, por sua vez, para ser prática revolucionária, precisa ser ação cuja intencionalidade é a transformação necessária à emancipação humana, dado que teoria e prática se produzem ao mesmo tempo.

A cabeça dessa emancipação é a filosofia, o proletariado é seu coração. A filosofia não pode se efetivar sem a suprassunção do proletariado, o proletariado não pode se suprassumir sem a efetivação da filosofia (MARX, 2013b, p. 163).

Assim, a prática, enquanto atividade humana transformadora da natureza e das relações sociais postas, é essencial na filosofia marxiana, uma vez que só através dela é possível compreender e transformar a realidade.

Cabe agora avançar na compreensão dessa relação destacando os movimentos da constituição das subjetividades nessa unidade que é subjetividade-objetividade.

3.2 A concepção de subjetividade a partir da teoria marxista

3.2.1 A subjetividade e a relação sujeito-objeto

Para alguns críticos da marxologia, ainda há um debate a respeito da falta do tratamento à subjetividade dentro da teoria marxiana. Contudo, é expressamente importante discutirmos essa categoria a partir da teoria marxista para expor o que Marx expressa como subjetividade e desvelar, ainda, como e por que não falta o tratamento à subjetividade, mas que esta se encontra em relação com a objetividade, e não de forma pura e autônoma, como nos aponta, também, os estudos de Bicalho (2014).

Para tanto, devemos entender, a priori, o lugar da atividade sensível e a relação entre subjetividade e objetividade (VAISMAN, 2006).

Um ser que não tenha sua natureza fora de si não é nenhum ser natural, não toma parte na essência da natureza. Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum ser objetivo. Um ser que não seja ele mesmo objeto para um terceiro ser não tem nenhum ser para seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, seu ser não é nenhum [ser] objetivo (MARX, 2004, p. 127).

Nesse sentido, Marx chama atenção para o ser sensível enquanto ser objetivo, e não ser objetivo apenas em si e para si, mas ser objetivo para outros seres objetivos e cercado por outros seres objetivos. Dessa forma, a objetividade do ser pressupõe a objetividade do mundo. E, além disso, se considera a relação entre ser e objetividade. No entanto, o que Marx

entende é que a verdade é a prática social e histórica. Portanto, essa prática não está apartada do sujeito nem do objeto. “Tendo em vista o caráter ativo do homem que constrói seu mundo efetivo, tem-se simultaneamente a produção das esferas subjetiva e objetiva de sua existência” (VAISMAN, 2006, p. 6).

Marx e Engels (2007, p. 94) afirmam que

não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos [...].

Portanto, as condições materiais de produção postas para o indivíduo é que determina quem ele é, ou seja, é sua atividade prática — ou atividade sensível — que determina seu ser [e lembrando que, para Marx (2004), o indivíduo é expressão do ser social]. A diferença entre ser humano e animal se dá quando o ser humano produz seus meios de vida e sua própria vida material de forma intencional. Uma vez que o ser humano, então, transforma a natureza, ele transforma a si mesmo. Assim, o ser humano é o que ele produz e (d)o modo como produz (MARX E ENGELS, 2007). Vale lembrar as discussões que fizemos no capítulo anterior.

O conceito de trabalho, portanto, está associado ao movimento relacional entre o ser humano e a natureza. O trabalho, “complexo esse cuja dinâmica de articulação entre suas categorias forma a base sobre a qual tem lugar o processo de autoconstrução do ser social” (FORTES, 2001, p. 7), é categoria fundante, e, a partir dele, o ser humano cria a si mesmo.

Dessa forma, compreender que o trabalho está na essência do ser social é fundamental para compreender a realidade objetiva, carregada de uma historicidade que abarca o trabalho desde seus primórdios, como protoatividade humana.

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social (LUKÁCS, 2013, p. 43).

Partindo disso, temos que o trabalho é o fator ontológico da humanidade e, por isso, devemos começar por ele, uma vez que o ser humano é constituído através do trabalho, trabalho este que não deve ser reduzido ao trabalho assalariado, mas sim relacionado a toda e qualquer atividade em que haja uma interação entre ser humano e natureza [ou algo já trabalhado], visando a alguma transformação. O ser humano não se relaciona com a natureza diretamente, por isso, é preciso desse intermédio, o trabalho.

Entender que a humanização do ser humano está imbricada com o ato de trabalho é um ponto imprescindível para nossas reflexões posteriores. O trabalho, assim, é uma

atividade humana, na qual o ser humano não apenas cria algo externo a ele [o produto do trabalho], mas também se autoconstrói, gerando interferência imediata, e não somente no seu ser. Lukács (2013) aponta que, pelo trabalho, o ser humano atua duplamente sobre a naturalidade, transformando a natureza, exterior a ele, e sua própria natureza.

Nesse sentido, para entendermos melhor a concepção de trabalho em Marx (2013, p. 255), apresentamos um trecho em que ele expõe essa categoria de forma abstrata [ou seja, livre de suas determinações concretas], presente no capítulo *O processo de trabalho e o processo de valorização d'O Capital*:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. [...]. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais.

Nessa longa citação, Marx evidencia algo primordial sobre o trabalho, que Lukács, posteriormente, vai chamar de pôr teleológico, como uma atividade orientada a um fim, algo que tem uma finalidade ou teleologia. Assim, o que difere as operações dos animais com a dos seres humanos é que os humanos têm a capacidade de idear, de pensar antes de executar. A partir das condições concretas, o ser humano constrói em seu pensamento o que quer produzir. É fato que não necessariamente será produzido exatamente [com precisão] o que foi ideado, mas o ser humano sabe, a priori, [n]o que resultará seu trabalho.

Quando Marx traz, nessa passagem, que “ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade”, ele está chamando atenção para o fato de que o produto é limitado pelas condições materiais, ou seja, é a partir do que há presente na natureza para ser transformadora, e dentro das limitações do próprio objeto, que ele pode ser trabalhado. Por exemplo, se o ser humano tem a sua disposição a madeira, ele pode fazer um martelo,

mas ele não poderia fazer um martelo se a madeira não tivesse qualidades que a permitisse transformar em martelo, nem se não tivesse a madeira à sua disposição.

Essa relação em si já pressupõe a relação sujeito-objeto a qual estamos tentando compreender, uma vez que o ser humano tem a vontade subjetiva de produzir determinada coisa, mas as condições objetivas têm prioridade ontológica para essa produção. Da mesma forma, para a realização da relação ser humano-natureza no processo de trabalho, não basta o objeto sem a presença do sujeito disposto a transformá-lo. Como nos aponta Bicalho (2014, p. 57), não é possível descobrir as propriedades nem possibilidades das coisas sem alguma mediação da subjetividade humana que enfrenta os “problemas reais postos pela objetividade das coisas e das relações no interior das quais elas vivem”.

Bicalho (2014, p. 59) também afirma que esse processo “prefigurador da objetividade já existente” de antecipar o resultado, ou seja, a ideação é algo que é próprio da subjetividade humana, porém, “este momento não é nada senão potência subjetiva também latente, condenada a permanecer apenas como possibilidade enquanto estiver ausente o pôr efetivo que a intermedeia, regula e controla”. Nesse sentido, Marx (2013, p. 259) o que se segue:

No processo de trabalho, portanto, a atividade do homem, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma. O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia sob a forma do movimento, agora se manifesta, do lado do produto, como qualidade imóvel, na forma do ser.

Com tal afirmação, ele dá luz ao fato de que, quando o processo de trabalho é executado, ele se finda na objetivação do produto, “o trabalho se incorporou a seu objeto”. O produto é. O que antes era movimento, agora é imóvel. No entanto, o movimento total é maior, já que não altera apenas a objetividade, mas também a subjetividade daquele que trabalha (BICALHO, 2014), que como mencionamos anteriormente, também se autoproduz no processo de trabalho.

Ainda nos apoiando na linha de raciocínio de Bicalho, quando Marx chama atenção para a cooperação, quando “os indivíduos trabalham de modo planejado uns ao lado dos outros e em conjunto” (MARX, 2013, p. 400), “o trabalhador supera suas limitações individuais e desenvolve sua capacidade genérica” (MARX, 2013, p. 405). Para tanto, é dado que o simples contato social excita os indivíduos, fazendo com que um número x de trabalhadores em conjunto produza mais do que o mesmo número, se trabalhando individualmente (MARX, 2013). Isso para mostrar que o indivíduo não pode ser descolado

da sociedade, como querem alguns teóricos, ele é ser social, e como ser social vive transformando e sendo transformado pelas relações sociais que estabelece. Logo, tem sua subjetividade afetada e afeta, contudo, a objetividade, não podendo, assim, refutar a influência de nenhuma delas.

Diferentemente do senso comum, a subjetividade proponente não fica silenciada em função da própria natureza do processo de trabalho realizado. O modo de produção capitalista, não é, de modo algum, inferior ao trabalho isolado porque fica silenciada o momento subjetivo em sua autenticidade ou porque se dá a separação entre trabalho e meios de produção. Mantendo essas contradições ao fundo, o modo capitalista de produção é superior porque amplia de modo contraditório os rendimentos dos trabalhos e os efeitos sobre a natureza, supera os limites individuais e desenvolve a capacidade do gênero (BICALHO, 2014, p. 64).

Dessa forma, o trabalho enquanto objeto para análise categorial da relação sujeito-objeto evidencia o tratamento de Marx à essa questão e sua “reciprocidade complexa” (BICALHO, 2014). O trabalho, por si só, enquanto categoria universal, independente da época histórica, já assume a relação sujeito-objeto, portanto, na particularidade do modo de produção capitalista, ele traz ainda formas mais complexas de relacionar sujeito e objeto. Nesse sentido, essa passagem de Bicalho é relevante para pensarmos nos desdobramentos dessa relação, na qual há uma limitação das potencialidades individuais, silenciando a subjetividade dos trabalhadores em sua autenticidade, que supera os limites individuais [que pode ser exemplificado pela exploração do trabalho cooperado] e desenvolve a capacidade do gênero — porém, enquanto sociabilidade estranhada, produz para as necessidades da valorização do valor, e não para o desenvolvimento omnilateral da humanidade.

Interessante pensar, também, que quanto maior a massa de trabalhadores, maior a possibilidade de resistência, uma vez que, ainda que haja esse silenciamento da subjetividade no processo de produção [de forma ainda mais desenvolvida no modo de produção capitalista], não se anula a subjetividade. Até as formas mais repressoras não eliminam o fator subjetivo (BICALHO, 2014). Por outro lado, ainda que para manter a subsunção do trabalho ao capital e sua autovalorização seja necessária a limitação das potencialidades humanas, a autora chama atenção para as complexidades no processo de produção que demandam outras atividades, principalmente trabalhos que exigem criatividade e maior flexibilidade, que resultam em formas de ampliação da potência subjetiva.

Portanto, diante da maior exploração do trabalho a partir do desenvolvimento do capital, maior a relação de dominação. E, sabemos que as relações de dominação se mantêm em um movimento recíproco com a apropriação da subjetividade, ainda que possa haver maior resistência quanto mais escancarado fica. Contudo, não podemos negar que esse

movimento é subjetivo e objetivo ao mesmo tempo e, portanto, contraditório e dialético.

Sem as barreiras do capital, no entanto, há um campo de possibilidades para a subjetividade propositora dos trabalhadores livremente associados. Isso significa dizer também que as possibilidades das complexas reciprocidades entre objetividade e subjetividade socialmente consideradas tornam-se limitadas pela finalidade posta da maior autovalorização possível do capital (BICALHO, 2014, p. 69).

Isso mostra que compreender a relação sujeito-objeto no capitalismo é ainda mais complexo, dado que existem barreiras que não permitem o pleno desenvolvimento das potencialidades subjetivas dos indivíduos. Portanto, isso também não é razão para autonomizar a subjetividade e compreendê-la como algo cindido da objetividade. Como nos traz Bicalho (2014, p. 129), as críticas à teoria marxista a respeito do não tratamento da subjetividade em Marx são infames, por vezes por falta de compreensão do próprio autor, que parte da “unidade ontoprática entre objetividade e subjetividade e não poderia dar um tratamento exclusivo a algo que não é autônomo e não tem, por si mesmo, lógica própria”.

Nesse sentido, retomando a discussão que estamos trazendo neste capítulo [e com o auxílio do capítulo anterior], buscamos mostrar a relação recíproca e dialética entre a objetividade e a subjetividade. Apresentar o trabalho enquanto objeto para análise da relação sujeito-objeto torna mais fácil a compreensão. Em termos mais diretos, temos que, no processo metabólico entre ser humano e natureza, o ser humano objetiva sua subjetividade transformando a natureza a partir de sua vontade, ou do que idea em seu pensamento. Mas de onde vem sua subjetividade? Por outro lado, essa subjetividade é produzida na objetivação

— e por meio de uma objetividade — que, quando é transpassada para seu pensamento, é a objetividade subjetivada, ou seja, o que está posto fora do ser [externamente], internalizado.

Assim, pensando no ser humano como ser social, sua individualidade só pode se exteriorizar mediada pela sociabilidade, ou seja, a individualidade é a expressão da sociabilidade (ARAÚJO E TEODORO, 2006) e, ao mesmo tempo, também medeia a sociabilidade. O que os indivíduos são depende das suas condições materiais de produção (MARX E ENGELS, 1977). Portanto, o que chama atenção no pensamento marxiano é que, ainda que exista certa determinação objetiva, não se refuta a existência do subjetivo, como alegam seus críticos mais vulgares. Nesse sentido, Marx inclusive critica os materialismos anteriores por captar o concreto e o sensível apenas de forma objetiva; e não como prática ou seja, não de forma subjetiva (MARX E ENGELS, 2007), como vimos nas suas Teses sobre

Feuerbach e expomos no capítulo anterior.

Por via de consequência, para Marx a efetividade, o concreto, o sensível não é apenas exterioridade ou intuição (enquanto conhecimento empírico imediato), mas é, sobretudo, atividade humana sensível, o que implica em subjetividade sensível, em

subjetividade efetivada (VAISMAN, 2006, p. 10).

E continua dizendo:

na instauração ontológica marxiana o mundo humano é reconhecido na unidade de sua atividade objetiva, que funde objetividade e subjetividade e a prática emerge como o momento que confere unidade às referidas dimensões (VAISMAN, 2006, p. 10).

A partir dessas citações, percebemos a prática, a atividade sensível, como esse duplo movimento entre sujeito e objeto, como salto possível, prática que tem em sua protoforma o trabalho. A atividade humana sensível é sujeito e objeto, não cindidos, não separados. Porém, “a objetividade é ontologicamente pressuposto para qualquer evento subjetivo. Não é possível haver pensamento sem a materialidade do ser” (BICALHO, 2014, p. 133). O ponto que queremos chegar é que, embora exista uma primazia do objeto em relação à cognição para apreensão do real, o subjetivo, ou o pensamento, não é abandonado. Nesse sentido, as autoras [Vaisman (2006) e Bicalho (2014)] expõem muito bem suas interpretações do que Marx considerava a respeito do pensamento — da subjetividade —, o que, inclusive, se relaciona com a crítica que o próprio Marx fez a respeito do idealismo de Hegel, quando apontou que o erro de Hegel foi ter concebido o real como resultado do pensamento, enquanto, na verdade, o pensamento é o concreto apropriado mentalmente, ou seja, o concreto pensado (MARX, 2011).

Partindo disso, Marx possibilita a discussão da própria consciência humana, enquanto aquela que é constituída a partir da realidade concreta. E, importante lembrar, isso não exclui, ignora ou refuta a subjetividade, apenas considera que, no processo de constituição da consciência, há a subjetivação de uma objetividade. Isso tudo, portanto, tem relação com o fato de [repetimos]: o ser humano é ser social. Nesse sentido, Chasin (1995, p. 405) apud Vaisman (2006, p. 15) afirma que

atividade ideal é atividade social. O pensamento tem caráter social porque sua atualização é a atualização de um predicado do homem, cujo ser é, igualmente atividade social. Na universalidade ou na individualidade de cada modo de existência teórica - cientista, pensador etc. - o pensamento é atividade social, inclusive pelos materiais e instrumentos empregados. Em síntese, consciência, saber, pensamento etc., sob qualquer tipo de formação ideal, das gerais às mais específicas, da mais individualizada à mais genérica, dependem do ser da atividade sensível, socialmente configurado, ao qual confirmam por sua atividade abstrata, igualmente social.

Assim, o ser humano [ser social] constitui e é constituído de uma objetividade e subjetividade socialmente construídas, uma vez que há uma humanização nas suas dimensões constitutivas, ou seja, apropriação e humanização do mundo objetual (VAISMAN, 2006). A própria consciência, portanto, para Marx, é um produto social. Só se tem consciência de alguma coisa, ou seja, é a partir de algo objetivo que é possível subjetivar e ter consciência.

Assim, a consciência é a própria prática do ser humano constituída na sociabilidade.

A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência (MARX E ENGELS, 2007, p. 94).

Nessa passagem, Marx e Engels mostram a preponderância da objetividade para a constituição da subjetividade, sobretudo como o sujeito pressupõe o objeto. Para a teoria marxista, não é possível falar de subjetividade, sem falar de consciência. Assim, com relação à consciência, a citação confirma o que estamos reafirmando: a vida determina a consciência. Ou seja, a consciência sempre será de alguma coisa externa ao ser que, portanto, é interiorizada e subjetivada em sua singularidade. Marx ainda acrescenta uma nota de rodapé com a seguinte frase: “a consciência desses indivíduos práticos, atuantes. (V.M.)”, que expõe a relação da consciência com a prática, o ser ativo, atuante, prático. Além disso, destaca o termo “sua consciência” para trazer o sujeito [individual] da consciência —, mas sem refutar a consciência como produto social.

Agora, vamos entrar um pouco mais na discussão a respeito da consciência.

3.2.2 Consciência, consciência de classe e subjetividade

A consciência é movimento que ora se apresenta como consciência do indivíduo isolado, ora como expressão da fusão do grupo, depois da classe, podendo chegar a diferentes formas no processo de constituição da classe até a uma consciência que ambiciona a universalidade (IASI, 2012, p. 25)

Trazer à vista o debate e o entendimento sobre a consciência passa por discutir o indivíduo como particularidade histórica do ser e seu modo de sociabilidade também histórico. De acordo com Iasi (2012), a vida cotidiana é o espaço heterogêneo em que há a interação dinâmica entre os dois polos humanos da realidade social, quais sejam a particularidade e a genericidade. E é pensando nessa interação entre esses dois polos, produzindo assim a realidade material, que podemos compreender que sujeito e objeto se produzem no mesmo ato.

O sujeito, que aqui vamos tratar como indivíduo, é a forma particular que mais se distancia do universal, uma vez que fragmenta o caráter social do ser (IASI, 2012), enquanto a classe é a forma particular que melhor revela o ser social. Assim, quando discutimos a consciência de classe, Iasi (2012, p. 74) entende que

a consciência de classe não está apenas na forma coletiva enquanto produto ou em suas representações institucionais acabadas, assim como não pode se reduzir a manifestações individuais que compõem estas formas coletivas, mas no movimento em que umas se transformam nas outras.

E esse movimento, portanto, inclui tanto as ações particulares quanto as objetivações coletivas que influenciam e produzem essas ações particulares. Indivíduo e sociedade não se apresentam como coisa fixa, mas como movimento.

Assim, o ser e a consciência de classe dos trabalhadores também seria aquilo que estes trabalhadores produzem como ser e consciência de classe por meio de sua atividade histórica, não correspondendo a nenhuma essência, seja ela revolucionária ou reformista. É no movimento vivo da classe que esta se move. Aquilo que encontra mediação, seja na práxis individual dos seres humanos, seja na práxis coletiva (que podem ir desde grupos imediatos até ações de classe), é a singularidade que compõe a ação humana diante do mundo na forma de uma intencionalidade que deve agir comprimida por uma materialidade determinada. É a singularidade do ato do trabalho e da atividade que se mediatiza nos seres particulares ou nas manifestações genéricas (IASI, 2012, p. 76).

Isso quer dizer que os indivíduos e suas trajetórias particulares são mediações, são expressões subjetivas que trazem em suas devidas limitações e potencialidades a síntese de uma totalização histórica e social, ou seja, do movimento da totalidade histórica e social. As relações materiais de vida são determinantes para as ações humanas, ainda que elas possam ser mais ou menos semelhantes. Os indivíduos e suas mediações coletivas representam a expressão da prática humana, seja como sujeitos vivos que constituem patamares de objetividades, seja como produto objetivado de práticas anteriores diante da história (IASI, 2012). Dessa forma, nos cabe dar o devido lugar de importância à história e entender que nenhuma prática está apartada da atividade histórica e do movimento histórico-social. E, por isso, “o indivíduo é uma manifestação particular do ser social humano” (IASI, 2012, p. 78). Ainda que ele tenha suas singularidades e particularidades, ele também é ser genérico e social.

Isso abre espaço para discutirmos um pouco mais do interior das classes. Iasi (2012), a partir da teoria marxista, nos mostra a relação dialética entre indivíduo e sociedade. Ao mesmo tempo em que os indivíduos são pessoas específicas com suas características e qualidades, elas também são personificações das relações de classe. Ou seja, ainda que um capitalista seja uma “boa pessoa” [sem julgamento moral] individualmente em suas relações particulares, ele também é a personificação do capital, que se apropria do [mais-]valor a partir da exploração da força de trabalho da classe trabalhadora.

Assim, como nos aponta Mészáros (2008), Marx considera que a consciência de classe é inseparável do reconhecimento do interesse de classe. Nesse sentido, ele [Mészáros] nos apresenta a diferença fundamental entre a consciência de classe contingente e a consciência

de classe necessária. “Enquanto a primeira percebe simplesmente alguns aspectos isolados das contradições, a última as compreende em suas inter-relações, isto é, como traços necessários do sistema global do capitalismo” (MÉSZÁROS, 2008, p. 89). Partindo disso, a necessidade histórica do desenvolvimento da consciência necessária está nas próprias contradições do modo de produção capitalista, de forma que ela deve fornecer alternativas globais de superação desse sistema.

Para Horst et al. (2016), tendo como base os estudos de Mézáros, os interesses individuais e gerais das classes se dão de forma diferente entre a classe capitalista e trabalhadora — dentro da própria classe. Sendo assim, para a classe capitalista, os interesses individuais coincidem com os interesses gerais da classe. Enquanto isso, para a classe trabalhadora, essa coincidência é contingente. Os interesses dos indivíduos da classe capitalista são necessários para a perpetuação do sociometabolismo do capital — para utilizar uma expressão de Mézáros —, e os interesses contingentes desses indivíduos tendem a coincidir com os interesses necessários de sua classe. Com a classe trabalhadora, isso se dá de forma diferente, de modo que os interesses necessários da classe trabalhadora significam perceber as contradições do modo de produção capitalista de modo a romper com as estruturas do próprio sistema que propiciam seu estranhamento e exploração, como a questão da propriedade privada e o trabalho estranhado. Segundo nos aponta Ferraz (2010), cabe à classe trabalhadora identificar e interligar seus interesses de classe contingentes e necessários para que seja possível o desenvolvimento da consciência de classe.

A partir das discussões feitas anteriormente, temos que a sociabilidade é condição de possibilidade do pensamento, ou seja, é a partir da vida em sociedade, das relações sociais, que é possível conhecer, pensar e apreender. Em consonância com o capítulo anterior, frisamos a relação recíproca e não autônoma [nem cindida] entre sujeito-objeto, prática-teoria, ação-consciência, realidade-filosofia, etc. No entanto, ao relacionar subjetividade e objetividade, entendemos que a própria atividade humana sensível, na prática, já une interioridade e exterioridade, ideia e realidade. “A verdadeira consciência social é constituída

- em uma reação inevitável ao desafio sócio-histórico - como uma necessidade interna: uma unidade dialética de determinações, objetivas e subjetivas, internas e externas” (MÉSZÁROS, 2008, p. 90).

Assim, percebemos o avanço da ontologia marxiana, marcada por chegar ao cerne das contradições da vida humana por seu comprometimento com a apreensão do real para além da aparência, captando os movimentos, nexos e contradições do próprio objeto, à medida que concebe a prática como a superação [ou mediação] dos confrontos entre

objetivismo-

subjetivismo à medida que assume a relação [e unidade] entre eles na própria realidade concreta, em que não é possível refutar a existência nem do sujeito nem do objeto.

Investigar a categoria subjetividade para Marx nos mostra que não é possível pensar em uma subjetividade autônoma, cindida, portanto, da objetividade. Porém, uma vez que a subjetividade é o concreto transposto para o pensamento, devemos considerar que esse concreto pensado assume as formas mais singulares nos indivíduos. Isso nos permite pensar nas diversas manifestações da nossa subjetividade, das formas mais comuns e sociais às mais particulares e específicas. Dessa forma, entendemos que falar em subjetividade, para a teoria marxiana, é falar em consciência, tanto a consciência individual quanto a consciência de classe, que é a forma mais evidente de revelação do ser social.

Não obstante, enquanto ser prático, ativo, sensível, temos sentimentos, somos afetados e reagimos. No entanto, isso nos leva a outra categoria de análise, a afetividade. Logo, vamos aos afetos...

3.2.3 O lugar do afeto na discussão sobre subjetividade marxiana

Desde já, assumimos que é um árduo trabalho discutir a afetividade dentro da teoria marxiana, uma vez que Marx não utilizou essa categoria em suas obras e não encontramos trabalhos marxistas que fazem uso da mesma [em evidência], buscando entender sua relação com a subjetividade humana. Dessa forma, não pretendemos [nem poderíamos] concluir este capítulo com alguma exposição da categoria em Marx, mas nos aventuramos por este campo para tentar entender como a afetividade, essa manifestação da subjetividade humana, se expressa na particularidade das práticas sociais sob o capitalismo. Logo, não podemos esquecer a preponderância do objeto, ponto no qual já ressaltamos, com base nos estudos de Bicalho (2014) e Vaisman (2006) a partir da teoria marxiana, que a subjetividade pressupõe a objetividade. Assim, a prática sobre o objeto transforma o sujeito, e o sujeito, por sua vez, transforma o objeto.

O ser humano produz o ser humano, a si mesmo e ao outro ser humano, assim como produz o objeto, que é a ação imediata da sua individualidade e, ao mesmo tempo, sua própria existência para o outro ser humano, para a existência dele e a existência dele para ele. Assim, tanto o objeto de trabalho quanto o ser humano enquanto sujeito são, simultaneamente, resultado e ponto de partida (MARX, 2004). Ou seja, a mesma sociedade em que é produzido o ser humano é aquela que ele mesmo produz.

Não apenas o material da minha atividade [...] me é dado como produto social, a minha própria existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social (MARX,

2004, p. 107).

Nesse sentido, Marx chama atenção que o ser social é o ser ativo diante da realidade. Isso nos remete às discussões que fizemos no capítulo anterior. Para o autor, a vida individual e a vida genérica do ser humano não são diversas, mesmo que “o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais universal da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais particular ou universal” (MARX, 2004, p. 107). Isso quer dizer que, independente do ser em sua subjetividade viver uma vida mais particular ou genérica frente à sociedade, isso não faz com que ele deixe de ser um ser social. Assim, a relação entre realidade e consciência não estão cindidas, visto que a consciência universal genérica do ser se efetiva na vida real.

Para Marx (2004, p. 108), o ser humano tem a capacidade de se desenvolver de forma omnilateral [contrária à unilateralidade], ou seja, como ser humano total, completo.

Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos de sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; seu comportamento para com o objeto é o acionamento da efetividade humana [...], eficiência humana e sofrimento humano, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano.

Aqui, Marx já aborda, mais especificamente, o sensível do ser humano, suas relações sensíveis com o mundo, como a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar e também os sentidos práticos, em que o autor cita, como exemplo, o amor. Para ele, essas relações se dão a partir da sua relação com o objeto, ou seja, com o mundo que se fez objetivo ao ser humano. Nesse momento, em que o ser humano se relaciona com o mundo, é o momento que ele se efetiva enquanto ser humano. Assim, até mesmo o sofrimento é a efetividade humana, é o ser humano se afirmando enquanto humano, é efetividade genérica.

Em continuidade a seu raciocínio, Marx (2004) chama atenção para uma questão importante, que inclusive é tema do capítulo em questão, a propriedade privada. Para ele, a noção de propriedade privada na sociedade fez [faz] com que busquemos ter os objetos para nós, ou seja, nos relacionamos com o objeto plenamente apenas quando temos sua propriedade individual privada. “O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter” (MARX, 2004, p. 108). Mas essa é uma particularidade. Não necessariamente a apropriação de um objeto será uma apropriação privada. Como reitera Ferraz (2019, p. 244), a apropriação material é quando

o humano toma para si os elementos do processo de trabalho, idealmente quando

descobre [...] as qualidades do objeto a ser trabalhado e as formas de melhor manipular essas qualidades para alcançar o objetivo previamente posto. Porém, essa apropriação, de modo algum é, a priori, uma propriedade privada. Falar em propriedade privada é adentrar na discussão sobre o processo de produção em geral (universal) na sua particularidade capitalista.

Assim, a atividade sensível é se apropriar do objeto para o desenvolvimento do ser e não para ter o objeto. Porém, em uma sociedade na qual prepondera o valor de troca, o determinante é ter o objeto, apesar de ele ser uma apropriação para o desenvolvimento do ser. O estranhamento, portanto “é um aspecto determinante para que a apropriação do resultado do trabalho (protoforma de qualquer atividade) ocorra enquanto apropriação privada” (FERRAZ, 2019, p. 243).

Como possibilidade de realização efetiva — ou emancipação — das qualidades e sentidos humanos, Marx (2004) aponta para a supressão [supressão] da propriedade privada, uma vez que, só assim, o ser humano terá suas capacidades humanas desenvolvidas em toda sua potencialidade. Se nossas capacidades humanas, para o capital, se limitam à reprodução da nossa força de trabalho, para nossas outras capacidades são postos obstáculos concretos. Dessa forma, o nosso desenvolvimento enquanto ser humano é uma desefetivação da humanidade, de forma que negamos nossa humanidade. Portanto, enquanto não tivermos a nossa disposição as condições materiais para desenvolvimento livre de nossas capacidades humanas, nosso desenvolvimento enquanto humanidade será uma efetivação de nossa desumanização.

Na prática, os sentidos humanos se tornaram teóricos. Assim, a propriedade privada serve como obstáculo para o avanço da humanização da humanidade. Como os seres humanos se relacionam a partir de uma necessidade [histórica-social] e se apropriam das coisas para si, para ter, eles não conseguem se relacionar, na prática, de forma humana. Veem tudo como objeto a ser apropriado privadamente segundo a métrica do valor de troca e, dessa forma, se colocam, também, enquanto objetos eles mesmos. Mas, como Marx (2004) nos evidencia, na prática, só é possível se relacionar humanamente com a coisa [comportamento humano objetivo], se essa coisa se relaciona de forma reciprocamente humana. Então será que não nos relacionamos com as coisas em sua máxima potência humana? Parece que não.

Objetivamente, os sentidos são peculiares, uma vez que o objeto que o ouvido ouve é diferente do objeto que o olho vê, tendo como exemplo a forma sensível de apreensão. Com todos os sentidos, portanto, o ser humano é afirmado no mundo objetivo (MARX, 2004). No entanto, considerando a apreensão subjetiva,

assim como a música desperta primeiramente o sentido musical do homem, assim como para o ouvido não musical a mais bela música não tem nenhum sentido, é

nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a confirmação de uma das minhas forças essenciais, portanto só pode ser para mim da maneira como a minha força essencial é para si como capacidade subjetiva, porque o sentido de um objeto para mim (só tem sentido para um sentido que lhe corresponda) vai precisamente tão longe quanto vai o meu sentido, por causa disso é que os sentidos do homem social são sentidos outros que não os do não social [...] (MARX, 2004, p. 110).

Entender que “só tem sentido para um sentido que lhe corresponda” é imprescindível para compreender a apreensão subjetiva a que Marx se refere. Um objeto só tem sentido para alguém se é uma de suas forças essenciais. Essa passagem pode, assim, nos atribuir ao mais universal e particular do ser.

Em sequência, Marx (2004, p. 110) continua que

[é] apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam sentidos capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas, em parte recém-cultivados, em parte recém-engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada.

A riqueza objetiva, portanto, só o é por ser desdobrada das capacidades humanas; ela só o é por ser um objeto da atividade-sensível. E é por essa riqueza objetiva que a riqueza subjetiva se efetiva, ou seja, a riqueza dessa objetividade é a condição da riqueza da subjetividade. Além disso, elas também criam novas riquezas, desenvolvendo, assim, os sentidos humanos — ou capacidades humanas. E esses sentidos, por sua vez, não se limitam aos sentidos objetivamente dados pelo ser biológico do ser social, mas também aos sentidos práticos, que são produtos de relações sociais e históricas. A subjetivação dos sentidos só é possível quando a essência humana está desvelada. “A humanidade dos sentidos vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada”, que se transforma a partir da atividade-humana-sensível, produzindo objetos capazes de serem subjetivados para além da contemplação.

A objetivação das capacidades humanas, teórica e praticamente, tem movimento recíproco, uma vez que faz humanos os sentidos do ser humano e, também, cria sentido humano na natureza humanizada (MARX, 2004). Contudo, apreender o movimento recíproco e não dicotômico das coisas, e aqui nos referimos, também, a relação sujeito-objeto, só é possível na prática, diante da realidade, assim, a teoria *per se* encontra-se enquanto uma limitação para essa apreensão.

Ainda na passagem citada acima, Marx atribui os sentimentos como sentidos práticos, exemplificando-os como vontade e amor. Dado que somos seres sociais e, portanto, nos relacionamos com outros seres, devemos considerar que essas relações são, também, relações

que produzem subjetividades particulares como resultado das relações objetivas singulares, ou seja, afetos, afetos estes que não são limitados à noção de amor romântico, mas é aquilo que nos afeta enquanto ser. As relações com seres particulares produzem um sentido objetivo em nossa subjetividade que expressa o conteúdo da relação. Porém, sabendo que esses sentidos práticos são produtos das relações humanas, temos que eles têm determinação social, e não biológica. Dessa forma, os sentidos práticos são sociais e históricos. Mas voltaremos nisso logo mais.

Antes, precisamos ter clara a relação entre ser e sensibilidade [ou sensível] para a teoria marxiana. Para Marx (2004), a natureza sensível imediata para o ser humano é imediatamente a sensibilidade humana, sensibilidade esta que se coloca, também, no sentido social, uma vez que é a sensibilidade do ser humano que interage com a sensibilidade de outro ser humano, sobretudo, um existe sensivelmente para o outro. Assim, enquanto seres sensíveis uns para os outros, assumimos relações contraditórias, cuja contraditoriedade tem como determinante as contradições reais do modo de reprodução da existência. Nesse sentido, Marx (2004) usa como exemplo o homem rico que, ao mesmo tempo que é rico, é também carente de humanidade. A riqueza que ele tem, portanto, é uma riqueza desumanizada. O mesmo se vale para o ser humano que se coloca independente. Ainda que ele seja independente [um ser que se sustenta com suas próprias pernas], ele deve a um outro ser sua criação. “A criação é, portanto, uma representação muito difícil de ser eliminada da consciência do povo. O ser-por-si-mesmo da natureza e do homem é inconcebível para ele porque contradiz todas as palpabilidades da vida prática” (MARX, 2004, p. 113). Todavia, ainda que objetivamente a geração de um ser humano seja um ato genérico, ela é, também, uma ação afetiva, que gera sentimentos práticos, que são expressão da generidade em sua particularidade.

Agora podemos nos aproximar da afetividade. Enquanto seres sensíveis, que possuem sensibilidade, somos afetados. Como nos traz Ferraz et al. (2017), a afetividade é, portanto, uma expressão de nossa subjetividade, que está vinculada ao sentir. Assim podemos exemplificar como as sensações práticas, sejam elas: tristeza, alegria, prazer, felicidade, euforia, dor, medo, etc. Para as autoras,

essas sensações não estão desprovidas de seu aspecto orgânico, tampouco de seu aspecto social, afinal, a liberação das substâncias corporais que agem sobre todo organismo humano desencadeando aquelas sensações está relacionada com o objeto da relação no processo relacional, nas experiências vividas. Assim, o ser humano não é refém de um sentimento chamado paixão. A paixão, o amor, etc., são respostas às objetividades vividas que se manifestam em distintas intensidades conforme as relações sociais estabelecidas se complexificam. Tal como o ouvir humano se complexifica e complexifica a música; amar complexifica-se à medida em que se complexifica o objeto e a relação objetiva que afetam a subjetividade dos indivíduos que sentem (amam) (FERRAZ et al., 2017, p. 257).

Este trecho permite refletir sobre a noção de afetividade como expressão da subjetividade na objetividade da vida. As sensações liberam substâncias em nosso corpo, que são melhores explicadas biologicamente, causando reações específicas, porém não são em si decorrências imediatas dessa materialidade biológica. Essas reações não estão apartadas da objetividade, uma vez que as sensações estão relacionadas com o objeto da relação, externo, portanto, ao ser sensível em uma relação prática e histórica. Dessa forma, o que as autoras chamam atenção é para o fato de que os afetos, ou seja, os sentimentos [ou sensações] que interferem e se relacionam com o ser, não são autônomos, eles existem como “respostas às objetividades vividas”. Assim, quanto mais complexas as relações, mais complexas as sensações. Quanto mais ricas as relações, mais ricas as sensações vividas, os afetos vividos.

Quando Marx coloca esses sentimentos como sentidos práticos, ele dá luz à subjetividade enquanto prática-sensível, que, em relação com a objetividade, é a própria atividade-prática-sensível. Assim, o ponto a que queremos chegar é que a afetividade, enquanto expressão da subjetividade, revela aspectos da relação sujeito-objeto do ser social. Os sentimentos que podem advir dessas relações estão limitados às mesmas, dependendo, portanto, das relações concretas em que se envolvem os seres humanos na singularidade de suas vidas.

Cabe ressaltar que traçamos essa linha para evidenciar o ser-sensível na teoria marxiana e sua relação genérica-individual. Sem compreender o ser como ser sensível e sua relação com a objetividade, sua atividade prática sensível, não seria possível compreender como o ser humano pode engendrar sentidos práticos, sentidos do espírito. Contudo, agora que compreendemos que os afetos são respostas [subjetivadas] complexas às objetividades vividas, cabe identificar mais precisamente as especificidades das relações que causam determinados tipos de afetos.

Destarte, antes de concluir e como pressuposto para o próximo capítulo, trazemos uma citação que Marx (2004, p. 114) faz antes de findar o capítulo de suas reflexões sobre a propriedade privada e o comunismo [que foi base de nossos estudos no presente capítulo].

Na medida em que a essencialidade do ser humano e da natureza se tornou prática, sensivelmente intuível; na medida em que o homem [se tornou prática, sensivelmente intuível] para o homem enquanto existência da natureza e a natureza para o homem enquanto existência do homem, a pergunta por um ser estranho, por um ser acima da natureza e do homem - uma pergunta que contém a confissão da inessencialidade da natureza e do homem - tornou-se praticamente impossível.

Agora podemos seguir para a investigação da religião dentro da teoria marxiana.

3.3 O fenômeno ideológico e a religião como uma ideologia

3.3.1 A ideologia e sua função social

Para tratar da questão da ideologia, utilizamos alguns textos como base para compreender sua função social, tais como Marx (2008), Marx e Engels (2007), Lukács (2013) e Vaisman (1996; 2010). De acordo com Vaisman (2010), o marxismo vulgar e as posições de origem burguesa interpretaram a teoria da ideologia em Marx de forma deturpada, partindo de algumas constatações expostas n' *A Ideologia Alemã*, sem considerar todo o “quadro histórico global” produzido por Marx ao longo de sua obra, que é onde se encontra “a teoria da ideologia do ponto de vista ontológico” (VAISMAN, 2010, p. 60).

Os estudos de Ester Vaisman dispostos em sua tese de doutorado “A Determinação Marxiana da Ideologia”, defendida em 1996 na Universidade Federal de Minas Gerais, e o artigo “A ideologia e sua determinação ontológica” publicado em 2010 na Revista On-line Verinotio, foram importantes contribuições para este trabalho, considerando que a autora se preocupou em abordar a problemática da ideologia a partir de György Lukács, filósofo húngaro que também é referência para nossos estudos marxistas.

Lukács, ao tratar da ideologia, busca sua conexão ontológica com o ser social, refutando o critério gnosiológico para sua determinação (VAISMAN, 1996;2010). No marxismo não é diferente, visto que a questão da ideologia muitas vezes se apresenta também sob o prisma gnosiológico, ainda que existam duas tendências diferentes e que também se relacionam: “uma concebendo a ideologia enquanto superestrutura ideal e a outra tomando o fenômeno enquanto sinônimo de falsa consciência” (VAISMAN, 2010, p. 42). Lukács (2013, p. 346–347), em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social II*, nos apresenta que a redução da ideologia à falsa consciência é uma forma parcial de compreensão da ideologia, uma vez que “há muitas realizações de falsa consciência que jamais se converteram em ideologias, [...], e aquilo que se converteu em ideologia de modo algum é necessária e simplesmente idêntico à falsa consciência”. Mas, neste momento, não vamos nos debruçar sobre essa expressão. Vamos nos concentrar no que se segue:

a tematização lukacsiana de ideologia [que] se fundamenta na constatação ontológica preliminar, contida na afirmação do pensamento marxiano, que é precisamente o reconhecimento do homem ativo no mundo real, ou seja, o mundo real existe e essa é uma constatação feita pelo homem ativo no mundo. Em decorrência, este mundo real é capturável pelo homem, pelo seu entendimento. Em síntese, a concepção ontológica da qual Lukács parte é a de que: o homem ativo no mundo real é capaz de capturar o realmente existente (VAISMAN, 2010, p. 44).

Nesse sentido, lembremos que este “homem ativo no mundo real” é o ser humano prático, o ser que realiza a atividade-sensível, que é capaz de compreender e agir sobre a realidade. Assim, Lukács (2013) chama atenção para o fato de que o real existe e tem uma natureza capturável. Se ele pode ser capturado, ele pode ser, também, transformado “pela ação cientificamente instruída, ideológica e conscientemente conduzida” (VAISMAN, 2010, p. 45) pelo ser humano.

As formas ideológicas são, portanto, instrumentos pelos quais o ser adquire consciência e enfrenta os conflitos sociais que preenchem o cotidiano (LUKÁCS, 2013; VAISMAN, 2010), por isso, ela é o momento ideal da ação prática do ser humano. Isso quer dizer que “a ideologia tem sua gênese determinada pela atividade social” do ser humano. “Ela surge do aqui e imediatamente que coloca problemas”. Portanto, se a ideologia tem função social e emerge a partir da relação social, “ela está presente em todas as ações humanas, enquanto orientação ideal” (VAISMAN, 2010, p. 50).

Na medida em que o ser social exerce uma determinação sobre todas as manifestações e expressões humanas, qualquer reação, ou seja, qualquer resposta que os homens venham a formular, em relação aos problemas postos pelo seu ambiente econômico-social, pode, ao orientar a prática social, ao conscientizá-la e operacionalizá-la, tornar-se ideologia. Ou seja, ser ideologia não é um atributo específico desta ou daquela expressão humana, mas, qualquer uma, dependendo das circunstâncias, pode se tornar ideologia (VAISMAN, 2010, p. 50).

Dessa forma, se a resposta aos problemas mundanos, à medida que orienta prática social, pode se tornar ideologia, ou seja, servir como um instrumento de resolução desses problemas, é fato que a existência do ser e a ideologia estão intimamente ligados. Onde existe o ser social, existem problemas a serem resolvidos, tão logo, existem formas ideológicas para a resolução destes problemas.

Agora, o que Vaisman (2010) nos chama atenção é que, quando o conflito social faz parte da realidade do ser, se apresentando como problemática vital, a ideologia se concentra na resolução deste conflito específico, dessa forma, ela passa a se manifestar como um “instrumento ideal” através do qual o ser humano e as classes se envolvem nas lutas sociais.

Nesse sentido, Lukács, baseando-se em Marx, formula uma caracterização mais restrita de ideologia que “consiste no fato de que os homens, com o auxílio da ideologia, trazem à consciência seus conflitos sociais, e por seu meio combatem conflitos cuja base última é preciso procurar no desenvolvimento econômico” (452). Na acepção restrita de ideologia, portanto, ideologia é instrumento de conscientização e de luta social “que caracteriza pelo menos aquelas (sociedades) da ‘pré-história’ da humanidade” (447). Ou seja, aquelas sociedades divididas em classes sociais antagônicas, que por meio da ideologia conscientizam e enfrentam conflitos derivados de seus interesses contrapostos (VAISMAN, 2010, p. 50).

Considerando o percurso de exposição e análise da autora, agora entendemos porque ideologia, enquanto instrumento de luta social ou de resolução de conflitos sociais, vai para além da definição de falsa consciência. Não que uma ideia seja verdadeira ou falsa. É preciso que a ideologia seja instrumento de luta. É preciso que a ideologia esteja relacionada às formas de solucionar problemas conduzindo a ações de resolução e, não simplesmente, uma opinião.

Quando Lukács (2013, p. 352) discute a generalização ou universalidade de uma ideia, ele deixa claro que o seu funcionamento como ideologia “não depende de ela ser verdadeira ou falsa, cientificamente fundamentada ou de constituição mitologizante, mas primordialmente de que um estrato social vislumbra nela o meio apropriado para enfrentar e resolver suas colisões sociais”.

Essas formas ideológicas que aparecem enquanto universalidade, de um modo geral, em uma sociedade de classes, como é o caso do modo de produção capitalista, se manifesta enquanto interesses de classe. Nesse sentido, Marx e Engels (2007, p. 47) expõe que

as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal [ideológica] das relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a dominante, são as ideias de sua dominação.

O que Marx chama atenção nesse trecho é que as formas ideológicas dominantes no capitalismo são as ideias da classe capitalista. A maneira de resolver problemas gerados pelo capitalismo é dada pelo próprio capitalista em nome de sua reprodução, porém colocado na forma de sujeito. Logo, essa ideologia é a força material e espiritual dominante na sociedade. De toda forma, essas ideias dominantes são apenas a expressão das relações materiais dominantes, de modo que a classe dominante expressa através da ideologia sua própria dominação, objetivando, contudo, reproduzir as condições já estabelecidas.

Essa classe é composta por indivíduos e, obviamente, com eles não seria diferente. Os indivíduos que compõe a classe dominante possuem consciência e, enquanto seres conscientes, eles subjetivam a objetividade e objetivam a subjetividade, de tal forma que, como produtores de ideias e de formas de regulação, controle e distribuição de suas ideias, as suas ideias são as ideias dominantes da época (MARX E ENGELS, 2007), são as ideias de sua dominação, pois, como demonstramos, o mundo das ideias tem sua gestação no solo do real. Que fique claro que isso não quer dizer que a classe trabalhadora não tenha suas ideias enquanto produto e expressão de suas condições materiais de vida [condições de opressão].

Assim, o ponto a destacar, especificamente, sob a perspectiva lukacsiana é a superação do critério científico-gnosiológico pela concepção ontológica-prática presente em outros autores marxistas. Dessa forma, “falar de ideologia em termos ontológico-práticos significa, portanto, analisar este fenômeno essencialmente pela função social que desempenha, ou seja, enquanto veículo de conscientização e prévia-ideação da prática social” (VAISMAN, 2010, p. 51). Isto é, só através do critério ontológico-prático podemos, então, determinar se um pensamento assume ou não função ideológica.

O que Marx e Engels (2007) nos apresentam n’A Ideologia Alemã é que a produção de ideias está entrelaçada com a atividade material. Os seres humanos “são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os [seres humanos] reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas [...], até chegar às suas formações mais desenvolvidas” (MARX E ENGELS, 2007, p. 94). A consciência, portanto, é o ser consciente, e o ser é o seu processo de vida real (MARX, 2008). Isso quer dizer que é a prática, a ação material que determina o ser do ser humano.

A partir do processo de vida real do ser humano,

expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. [...]. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX E ENGELS, 2007, p. 94).

À medida que ocorrem transformações materiais da realidade, transformam-se também as ideias e as formas ideológicas que servem como força espiritual para legitimar [ou não] a vida material. Quando os autores apontam sobre a determinação da vida sobre a consciência, isso quer dizer que a consciência é constituída a partir da vida concreta, e não o contrário. Dessa forma, se a ideologia é como um meio de formação da consciência, ela também é determinada a partir da vida, vida esta que é realizada pelo ser humano ativo, prático, logo, eis aí a determinação ontológica da ideologia.

No trecho exposto acima, Marx e Engels chamam atenção que a religião é uma ideologia. Agora que compreendemos [brevemente] que as formas ideológicas são instrumentos de lutas sociais ou, até mesmo, instrumentos de resoluções de conflitos sociais e, dessa forma, orientam a prática humana e só são possíveis de serem reconhecidas na e a partir da vida material, podemos afirmar, com base nos autores e também na compreensão do fenômeno ideológico, o que aqui nos interessa: a religião, que é objeto de estudo dessa pesquisa, é, pois,

uma ideologia. Nesse sentido, a partir do que compreendemos sobre o fenômeno da ideologia, ela [a religião] orienta a prática humana.

Lukács (2013, p. 500) afirma que

nenhuma religião autenticamente ativa no plano social jamais poderá ser uma ideologia isolada e interiormente bem diferenciada, como são, por exemplo, o direito e a moral. Ela deverá constituir-se em uma configuração complexa, extraordinariamente articulada e multiforme, para lançar uma ponte entre os mais particulares interesses singulares dos homens do cotidiano e as grandes necessidades ideais daquela dada sociedade na totalidade do seu ser-em-si. Contudo, não se trata, nesse caso, simplesmente de um sistema de fatores ideológicos que complementam uns aos outros; muito antes, essa ponte deve produzir ao mesmo tempo também uma conexão vitalmente funcional entre a vida particular dos homens singulares e as questões gerais da sociedade, e de tal modo que o homem singular em questão perceba as soluções que lhes são propostas para os problemas gerais como resposta às questões com que ele lida em sua existência particular como tarefas indispensáveis de sua conduta de vida específica. Nesse tocante, tampouco se deve esquecer que essas finalidades da vida cotidiana são, por seu conteúdo, mundanas, imanentes. Ninguém desejaria pôr em movimento poderes transcendentais (isto é, não acreditaria na sua existência) se não esperasse receber delas uma ajuda para as suas finalidades terrenas e materiais. Esse pelo menos é o ponto de partida das necessidades religiosas. Max Weber sublinha isso logo no início da sua sociologia da religião, citando com esse fim as seguintes palavras da bíblia: “Para que tudo te vá bem e tenhas longa vida sobre a terra”[67].

A partir disso, percebemos o quanto a religião como fenômeno ideológico é ainda mais complexa e diferenciada de outros, à medida que ela deve atender as necessidades da sociedade na totalidade, como também responder aos interesses singulares dos seres humanos, e por isso servir à individualidade de cada ser. Porém, o que o autor nos chama atenção é que não basta um sistema de fatores ideológicos que se complementam; é, pois, imprescindível que haja uma conexão funcional entre a vida particular dos seres singulares em suas individualidades mais complexas e subjetivas e as questões gerais da sociedade, em que as respostas dadas para os problemas sociais, respostas essas “fornecidas” pela própria ideologia, sejam também as respostas para seus problemas pessoais. E Lukács ainda ressalta que essas respostas aos problemas pessoais se referem aos problemas mundanos, às questões mundanas, terrenas, e não transcendentais. Ainda que os poderes postos pela religião sejam transcendentais, eles visam atingir questões terrenas, visam “melhorar” a vida dos fiéis na terra, na vida material.

Dessa forma, percebemos o quanto a religião guia ações humanas e reflete materialmente como instrumento de luta social. Ela produz objetividades e subjetividades a partir de um ideal, ideal este que, como vimos, tem correspondência com o real, uma vez que parte das condições concretas de vida. O ponto que chama atenção, nesse sentido, é como a

religião enquanto uma ideologia aparece como uma apreensão da realidade a partir da totalidade do ser-em-si, mas ela é a representação da realidade a partir da concepção da classe dominante. Para tanto, compreender o conteúdo ideológico da religião é essencial. Por isso, neste trabalho, vamos passar para a concepção da religião em Marx, para, depois, entender como a ciência burguesa apresenta a religião e sua história, neste trabalho, com foco específico na religião protestante.

3.3.2 A religião em Marx

Nesse momento, vamos nos dedicar um pouco à religião para Marx. No entanto, utilizaremos algumas obras em que Marx tratou do assunto, como Sobre a Questão Judaica, a Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel e os Manuscritos Econômico-filosóficos.

O texto Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel foi escrito no final de 1843 e publicado em 1844, posterior à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, o qual ele queria que fosse a introdução da obra, ainda que tivesse sido escrito depois. Nesta obra, Marx (2013b) expõe pontos importantes sobre a religião, a começar pelo fato de que não é a religião que faz o ser humano, e sim o ser humano que faz a religião. Assim, “a religião é de fato a autoconsciência e autossentimento” (MARX, 2013b, p. 151) do ser humano, mas não do ser humano real e sim do ser humano que ainda não conheceu a si mesmo, ou ainda que já tivesse chegado a um nível de consciência de seu ser genérico, já tenha se perdido novamente — do ser humano estranhado. Como Marx (2004) afirma nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, assim como o estranhamento do trabalho aparece para o trabalhador como se esse trabalho [e produto do trabalho] não fosse seu, mas, sim, pertencesse a outro, o mesmo ocorre com a religião.

Assim como na religião a autoatividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo (MARX, 2004, p. 83).

Assim, enquanto ser estranhado, o ser humano não reconhece a natureza, não reconhece a si mesmo como ente genérico, tampouco a humanidade. Todavia, “o homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido” (MARX, 2013b, p. 151). Ou seja, pelos fundamentos da sociedade e do Estado diante de sua solidificação serem invertidos, desumanos e, portanto, estranhados, a produção da consciência edificada por eles será também, isso porque eles já o são desde suas matrizes. A religião, portanto,

enquanto

produção de uma consciência pelo próprio ser humano, que é produzido pela sociedade e sustentado nas formas estatais, não será outra que não uma consciência invertida, irreal, estranhada. Invertida no sentido de que a humanidade não se reconhece como autoprodutora de si, mas produto de um ser que ela mesma produziu. Ser este que é produzido para a satisfação de uma carência que materialmente não é suprida. Na impossibilidade objetiva de uma livre autorreprodução da humanidade, de um desenvolvimento omnilateral, a produção teórica de um poder externo ao humano se efetiva.

Quando Marx (2013b, p. 151) afirma que a religião é o ópio do povo, ele está dizendo que a religião é como um efeito paliativo diante da miséria real, “é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos”, é uma forma de se conformar com a realidade, por mais cruel que ela seja, é a estagnação [não possibilidade de transformação], a ilusão. Portanto, suprimir a religião, que se sustenta por uma felicidade ilusória, é, tão logo, exigir a felicidade real dos seres humanos (MARX, 2013b). É parar de se convencer de um mundo ideal, criado e sustentado por ilusões que o próprio ser humano cria, para ver o mundo como ele é, ainda que cheio de contradições, mas como ele é. É ver a realidade e, só diante dela, poder transformá-la.

Neste momento, vale trazer a relação da religião com o Estado. Para tanto, utilizaremos a obra Sobre a Questão Judaica, em que Marx está discutindo o texto A Questão Judaica de Bruno Bauer, na qual Marx se dedica a analisar a situação da Alemanha onde os judeus buscam a emancipação diante do Estado alemão [cristão]. Nesse momento, Marx (2010) chama atenção para o fato de que a emancipação almejada é a emancipação política e, diante disso, aponta as devidas limitações e a necessidade da emancipação humana enquanto seres humanos, uma vez que a emancipação política não é suficiente para libertá-los. Mas não entraremos profundamente nessa questão por aqui. O intuito de trazer essa obra é que, ao discutir a questão dos judeus, Marx (2010, p. 34) está falando sobre a religião, mas, sobretudo, sobre a real emancipação, uma vez que, “enquanto o Estado for cristão e o judeu judaico, ambos serão igualmente incapazes tanto de conceder quanto de receber a emancipação.” Assim, o antagonismo entre o judeu e o cristão é o antagonismo religioso. E como resolver esse antagonismo? Marx afirma (2010, p. 34): “superando a religião”.

Assim que judeu e cristão passarem a reconhecer suas respectivas religiões somente como estágios distintos do desenvolvimento do espírito humano, como diferentes peles de cobra descartadas pela história, e reconhecerem o homem como a cobra que nelas trocou de pele, eles não se encontrarão mais em uma relação religiosa, mas apenas em uma relação crítica, científica, em uma relação humana (MARX, 2010, p. 34).

Nessa passagem, Marx ratifica que a religião é construída pelo próprio ser humano e, por isso, a equipara às peles de cobras que são trocadas ao longo da vida [história], diante dos diferentes estágios de desenvolvimento da sociedade. Assim, ainda que uma religião possa ter princípios diferentes da outra e, aparentemente, tenha o centramento de sua crítica em sua distinção, Marx (2010, p. 37) mostra como a questão é ainda mais profunda, uma vez que a questão puramente teológica, que se restringe na relação entre os judeus e o Estado cristão, “conserva a aparência de um antagonismo religioso, teológico”. Isso porque o Estado deve se comportar politicamente para com a religião, então, a crítica não é à teologia, mas sim ao Estado político. Isso abre brecha para pensarmos a religião, também, para além da aparência. Para o autor, a religião existe porque existe uma carência, e a fonte dessa carência deve ser buscada na essência das próprias condições reais de produção da vida, para além do próprio Estado (MARX, 2010).

Para nós, a religião não é mais a razão, mas apenas o fenômeno da limitação mundana. Em consequência, explicamos o envolvimento religioso dos cidadãos livres a partir do seu envolvimento secular. Não afirmamos que eles devam primeiro suprimir sua limitação religiosa para depois suprimir suas limitações seculares. Afirmamos, isto sim, que eles suprimem sua limitação religiosa no momento em que suprimem suas barreiras seculares. Não transformamos as questões mundanas em questões teológicas. Transformamos as questões teológicas em questões mundanas. Tendo a história sido, por tempo suficiente, dissolvida em superstição, passamos agora a dissolver a superstição em história. A questão da relação entre emancipação política e religião transforma-se para nós na questão da relação entre emancipação política e emancipação humana. Criticamos a debilidade religiosa do Estado político ao criticar o Estado político em sua construção secular, independentemente de sua debilidade religiosa. Humanizamos a contradição entre o Estado e uma determinada religião, como, p. ex., o judaísmo, em termos de contradição entre o Estado e determinados elementos seculares, em termos de contradição entre o Estado e a religião de modo geral, em termos de contradição entre o Estado e seus pressupostos gerais (MARX, 2010, p. 38).

A religião, portanto, em sua forma fenomênica, apresenta a limitação mundana. O que Marx chama de barreiras seculares se refere à historicidade, às relações sociais que, ao longo da história, dos séculos, vêm sendo transformadas e trazem, assim, novas complexidades. Com a religião não é diferente. Ela se faz diante dessas barreiras seculares, assim, a religião é um aspecto do desenvolvimento histórico da humanidade.

Ao transformar a questão entre emancipação política e religião em emancipação política e emancipação humana, podemos pensar na limitação, tanto da emancipação política — enquanto não suficiente para emancipação do ser humano —, quanto na essência da religião enquanto limitação humana [e mundana] — como apontamos anteriormente. Dessa forma, a contradição entre o Estado e a religião se fundamenta, principalmente, na contradição entre o Estado e seus pressupostos gerais. Isso quer dizer que a religião é como um meio, uma forma de manifestação, mas não a essência da contradição. Assim, Marx nos traz que urge superar a

religião, mas para isso é necessário encontrar seu fundamento e suas bases diante das próprias contradições dos pressupostos gerais do Estado burguês.

Para tanto, como os pressupostos gerais que colocam a necessidade do Estado [burguês] são os modos de reprodução capitalista da vida, os interesses privados são vividos, de fato, na sociedade civil, enquanto o Estado expressa determinados interesses particulares como universais, fazendo com que o Estado possa se declarar laico, que seria o Estado em sua condição efetiva. Todavia, o Estado pode ser laico sem que o indivíduo deixe de ser religioso, ou seja, o Estado pode se emancipar da religião, sem que o indivíduo dela se emancipe.

Contudo, ainda que o Estado se constitua em sua laicidade, o ser humano continua religiosamente condicionado, uma vez que ele só se reconhece a partir de um desvio, ou seja, através de um meio (MARX, 2010). A religião é esse meio. Na relação entre o ser humano e sua “liberdade”, o Estado se coloca enquanto meio, enquanto mediador. “Cristo é o mediador sobre o qual o homem descarrega toda a sua divindade, todo o seu envolvimento religioso, assim como o Estado é o mediador para o qual ele transfere toda a sua impiedade, toda a sua desenvoltura humana” (MARX, 2010, p. 39). Isso posto, enquanto ser humano religioso, que se liga ao divino, Cristo é o meio. Enquanto ser humano em uma sociedade de classes³, o Estado é o meio. Assim, o ser humano leva uma vida dupla. Ou seja, na vida em comunidade política, ele é cidadão; na vida, na sociedade civil, onde ele deve atuar enquanto uma pessoa particular, ele “encara as demais pessoas como meios, degrada a si próprio à condição de meio e se torna um juguete na mão de poderes estranhos a ele” (MARX, 2010, p. 40). Aí reside a relação entre um ser humano que tem uma religião particular e sua cidadania. E sim, “só assim, pela via dos elementos particulares, é que o Estado se constitui como universalidade” (MARX, 2010, p. 40).

O Estado que continua a professar o cristianismo na forma da religião ainda não o professa na forma do Estado, pois continua a comportar-se religiosamente para com a religião, isto é, ele não é a realização efetiva do fundamento humano da religião, porque ainda se reporta à irrealidade, à figura imaginária desse cerne humano. O assim chamado Estado cristão é o Estado incompleto, e ele tem a religião cristã na conta de complemento e santificação de sua incompletude. Sendo assim, a religião se torna para ele um meio, e ele se constitui no Estado da hipocrisia (MARX, 2010, p. 43).

Nesse trecho, Marx nos expõe como o Estado cristão não se efetiva como Estado [burguês], uma vez que, para ser um Estado efetivo, ele deveria ser laico, ou seja, não professar a religião, dado que esta não é uma necessidade do Estado burguês. Assim, a religião determina a insuficiência do Estado, e ela, como um meio para sua [não] realização, evidencia sua não completude e sua hipocrisia.

³ Na prática, não há essa cisão.

Dessa forma, essa não correspondência da religião com o real, a faz ser sustentada de outra forma, e, nesse sentido, a obra de Marx é extremamente relevante para essa compreensão. Ele nos traz que a consciência religiosa no capitalismo está em tão mais concordância com a religião quanto mais ela se afasta dos assuntos mundanos e terrenos, quanto menos política ela for, e, por outro lado, quanto mais for produto da arbitrariedade, da fantasia, e mais, quanto mais transcendente for, ou seja, que transcenda o real, que ultrapasse o real — que seja assim, irreal.

O cristianismo chega à expressão prática de sua relevância religiosa universal ao agrupar lado a lado as mais distintas cosmovisões na forma do cristianismo, e não só isso: ao passar a nem mesmo colocar aos outros a exigência de seguir o cristianismo, mas apenas a religião em termos gerais, qualquer religião. A consciência religiosa se deleita com a riqueza dos antagonismos religiosos e da pluralidade religiosa (MARX, 2010, p. 45–46, *grifo nosso*).

Dessa maneira, percebemos que a questão religiosa, em um Estado, é tão aparente que tanto as formas estatais quanto a religião estão sob essa condição. Assim, não importa se é cristão ou se segue outra religião. O importante é a liberdade de ser religioso, como consta como um direito humano universal o privilégio da fé (MARX, 2010, p. 48). Assim como o direito à liberdade que é, também, o direito à propriedade privada — e, nesse sentido, Marx nos exemplifica que o ser humano não foi libertado da religião, tampouco da propriedade. Ele ganhou a liberdade da religião e da propriedade (MARX, 2010).

Como Marx (2004) nos evidencia, a propriedade privada material-sensível é a expressão material-sensível da humanidade estranhada, enquanto que a religião, o Estado, a família, a arte, a ciência, etc. são apenas formas particulares da produção social. Assim, “o estranhamento religioso enquanto tal somente se manifesta na região da consciência, do interior humano, mas o estranhamento econômico é o da vida efetiva - sua suprassunção abrange, por isso, ambos os lados” (MARX, 2004, p 106).

Assim, a partir dessas discussões, afirmamos: urge superar a religião, mas não é possível nem suficiente superar a religião enquanto não tratarmos dos pressupostos gerais do próprio Estado e, posteriormente, da separação da sociedade em forma de força política. Assim como não é suficiente a emancipação política sem a emancipação humana. Portanto, ainda que o Estado possa se emancipar da religião, o ser humano real não estará emancipado imediatamente da mesma. A emancipação humana, por sua vez, exige o reconhecimento das raízes do ser humano, e a raiz do ser humano é o próprio humano.

Ademais, a superação da religião não é [nem deve ser] simplesmente sua negação — que é o que o ateísmo faz. O ateísmo, enquanto uma negação de deus, se baseia nessa negação para afirmar a existência do ser humano real (MARX, 2004), mas isso [essa mediação] não é

necessário se partirmos da religião, do Estado — e das outras formas particulares da produção social da vida — e, principalmente, da propriedade privada, já suprimidas, uma vez que, não mais existindo essas mediações, a consciência do ser — positiva, como Marx realça — teórica e praticamente-sensível e a efetividade positiva da vida humana se efetiva. Ou seja, só o ser não estranhado, seja da vida efetiva, seja das formas particulares de expressão da vida efetiva, toma consciência de si e da vida real. E a consciência não é outra coisa senão o ser consciente, ou seja, a consciência do processo de vida real do ser humano (MARX E ENGELS, 2007).

Até aqui, entendemos que a religião, como forma ideológica, é uma das manifestações do estranhamento humano, mas, com toda força social que tem, a crítica da religião não é só importante, como, também, necessária.

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si (MARX, 2013b, p. 152).

3.3.3 O conteúdo ideológico na religião protestante

3.3.3.1 Breves discussões sobre a fé religiosa a partir da ciência burguesa

Como nos expõe Sproul (2010), a fé é a certeza da esperança. Quando falamos em esperança, não estamos falando de algo que queremos que aconteça ou que achamos ou pensamos que pode acontecer. A esperança para os cristãos é a certeza de que algo vai acontecer. Dessa forma, a fé e a esperança estão diretamente relacionadas, mas são distintas.

De acordo com Sproul (2010, p. 10–11) a partir de Hebreus, “a fé é a convicção de fatos que não se veem”.

O Novo Testamento nos chama a colocar nossa confiança no evangelho não com base em algum salto irracional no escuro, e sim com base nas afirmações de testemunhas oculares, que relataram nas Escrituras o que elas viram.

Portanto, a ideia de que a fé é a convicção de coisas que não vemos tem seu fundamento a partir de deus. Embora eu não saiba o que acontecerá amanhã, embora eu não tenha certeza sobre o futuro, eu sei que deus sabe o que virá amanhã. Dessa forma, se eu confio em deus e confio que deus sabe sobre o amanhã, tenho fé em algo que não vejo. Essa fé é a convicção, uma vez que o objeto é deus. Deus é infalível, não mente, é perfeito e sabe tudo. Por isso, eu não preciso ver para saber que isso vai acontecer. Se deus sabe e quer que isso aconteça, acontecerá e eu confio nisso (SPROUL, 2010).

Em essência, isto é a fé. Não é crer em algo sobre Deus. É crer no próprio Deus. A fé cristã diz respeito a crer no próprio Deus. É viver por meio de toda palavra que procede da boca de Deus. É seguir a Deus, para lugares em que nunca estivemos, em situações que nunca experimentamos, a países que nunca vimos - porque sabemos quem ele é (SPROUL, 2010, p. 15).

Eles acreditam na palavra de deus para entender o mundo, partindo do pressuposto que as coisas visíveis não foram criadas a partir de coisas visíveis. Os crentes, que creem em Cristo, em deus e que tem fé religiosa, acreditam que não existe nada no universo que tenha poder suficiente para explicar sua existência e, quanto mais as coisas são analisadas, mais finitas e dependentes elas demonstram ser (SPROUL, 2010). Portanto, o que o autor afirma aqui é que tudo existe a partir de deus, e não é necessário ter vivido uma coisa para saber da existência dela, nem do que pode ser dela no futuro. Se deus viu, se deus sabe, se deus esteve ali, se deus criou, aquilo existe e vai acontecer conforme sua vontade. E deus, contudo, é a base das coisas, das ações e do mundo.

3.3.3.2 Considerações acerca da Reforma Protestante

A Reforma Protestante foi um movimento reformista que começou na Europa no século XVI, liderado por Martinho Lutero. Este movimento teve início a partir de críticas e insatisfações do monge sobre as práticas e concepções da Igreja Católica, divulgadas a partir de 95 teses que se espalharam pelo continente europeu e, posteriormente, por todo o mundo. A partir do acesso às críticas de Lutero, surgiu o protestantismo, uma vertente do cristianismo divergente do catolicismo, que se espalhou pelo mundo e se ramifica em diversas doutrinas. As igrejas que surgiram depois da Reforma Protestante e que seguem e praticam a fé proposta por Lutero e Calvino são conhecidas como reformadas.

De acordo com Oliveira (2012, p. 226),

contestando os principais dogmas católicos, o culto aos santos, a venda da indulgência, o sacramento da confissão e a infalibilidade papal, os reformadores afirmavam, de modo geral, que a salvação não pode ser mediada pela Igreja, pois é algo individual. Este fato irá contribuir para a formação da individualidade do sujeito, no sentido moderno do termo.

Se para o catolicismo a Igreja é quem permite e porta a salvação, no protestantismo essa função é dada ao indivíduo. O indivíduo agora é quem tem autonomia, ele responde por si. Agora a missão e função de encontrar a salvação é dele. Essa valorização ao indivíduo trouxe mudanças no agir das pessoas, uma vez que favoreceu o individualismo e o egoísmo, já que cada ser deveria seguir seu próprio caminho.

Influenciado pela obra de Weber sobre a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Oliveira (2012, p. 226) nos aponta que

esse modelo religioso trouxe novos valores e novas práticas. Essa religiosidade impulsionou novos ideais éticos sobre conduta racional em relação ao trabalho. O sucesso econômico dos calvinistas ingleses e holandeses advém de um novo significado religioso atribuído ao trabalho secular cotidiano. A vadiagem, a mendicância, o desperdício e o não aproveitamento das oportunidades de evolução material foram, por sua vez, considerados pelos calvinistas como pecados graves. Nessa perspectiva, o trabalho e o investimento em empreendimentos que geram retornos financeiros são compreendidos como sinais reveladores da evolução do caráter individual e coletivo de um determinado grupo.

A partir disso, vale notar que o ser humano passa, então, a ser dominado pela busca constante por dinheiro, garantido através do trabalho e do esforço. O indivíduo, ainda que tenha suas obrigações com deus, tem também suas obrigações individuais. Enquanto a moral católica condenava o lucro e a usura, este novo ideal faz o contrário (OLIVEIRA, 2012).

Outro ponto importante é que, no Calvinismo, a doutrina da predestinação força consequências para os fiéis, com a teoria de que algumas pessoas nascem predestinadas à salvação eterna e outras não, o que é determinante. Ou seja, para que a pessoa obtenha a salvação eterna, ela deve ter nascido predestinada a isso. Porém, como não há uma forma de saber se a pessoa foi escolhida ou não, ela age da forma mais severa de acordo com os ideias da doutrina, como na dedicação ascética ao trabalho e evitando gastos com prazeres mundanos (OLIVEIRA, 2012; WEBER, 1982).

Práticas marcantes da vertente protestante, principalmente as de influência calvinista puritana, incluem a importância do trabalho na vida do indivíduo, de forma a garantir seu sucesso econômico; o produtivismo; o esforço individual; o desprezo aos prazeres carnis; a acumulação, entre outros.

De acordo com Oliveira (2012), a partir dos estudos de Pierucci (2000), os luteranos vieram para o Brasil na década de 1820, trazendo suas visões de mundo e práticas religiosas. Assim, as missões evangélicas começaram a surgir no país a partir da metade do século XIX, e o Império flexibilizou a legislação de forma a facilitar a entrada de outras religiões no país, principalmente quando estas advinham de países desenvolvidos. Logo mais, o protestantismo já havia se espalhado pelo mundo, e as novas concepções ideológicas da fé estavam se alastrando e adquirindo novos formatos.

3.3.3.3 Pentecostalismo e Neopentecostalismo no Brasil

O pentecostalismo e o neopentecostalismo [ou novo pentecostalismo] têm grande

influência e crescimento contínuo no Brasil e no mundo. Para tanto, nos propomos a entender, brevemente, como a história desses movimentos é contada pela ciência burguesa.

De acordo com Novaes (2006, p.68):

O pentecostalismo no Brasil deve ser analisado como um produto histórico singular. É o resultado de um encontro cultural entre os elementos do cristianismo universal – na Europa reformado e no Novo Mundo reavivado – em um território nacional historicamente construído como católico, com suas heranças indígenas e, religiosamente, marcado pela presença de povos africanos.

Para os pentecostais de berço protestante — herdeiros da Reforma Protestante do século XIV —, a referência geográfica é os Estados Unidos, e a referência temporal é o início do século XX, quando houve uma expansão da religiosidade norte-americana. Acontece que o pentecostalismo não aconteceu só nos EUA, ou seja, aconteceu ao mesmo tempo em vários outros espaços do mundo, inclusive no Brasil, que foi integrante deste movimento desde o início. Dois italianos e um sueco chegaram ao Brasil no século XX: um fundou a Congregação Cristã do Brasil, em Recife, em 1910; já os outros dois fundaram a Assembleia de Deus, em Belém, em 1911.

De maneira geral, os pentecostais partilham da espera de uma segunda vinda de Cristo e acreditam ter acesso, no dia-a-dia, aos dons e carismas do Espírito Santo. À ação do Espírito Santo atribuem curas dos males do corpo e da alma. Em suas igrejas, se expressam religiosamente através das palmas, do falar em línguas estranhas (glossolalia), dos rumorosos louvores e evocações, dos peculiares movimentos corporais, dos exorcismos. Os “testemunhos” são muito importantes em seus cultos. Através deles os fiéis dão publicamente a conhecer os problemas e as soluções encontradas para questões pessoais e familiares, de ordem financeira, afetiva, de saúde. Frequentando assiduamente suas igrejas, os “crentes” ou “evangélicos” – como se autodenominam – reafirmam seu pertencimento à “comunidade de irmãos” e se consideram apartados das “coisas do mundo”, o que pode se traduzir em diferentes graus de sobriedade no vestir e em diferentes formas de condenação dos prazeres do mundo. Mas, no geral, rejeitam o fumo, as drogas e a bebida (NOVAES, 2006, p. 68).

E acrescenta que:

O pentecostalismo faz de cada “crente” um evangelizador, um militante que deve propagar sua fé: este é, sem dúvida, o denominador comum a diferentes denominações (NOVAES, 2006, p. 68).

Dessa forma, como algo que se difere do movimento católico impregnado no mundo, tanto com relação às crenças quanto ao comportamento diante delas, os pentecostais vão ganhando espaço e alastrando seus ideais, desde sua criação. Sua segunda forte expansão foi entre os anos de 1950 até 1970, quando surgem as chamadas Igreja Quadrangular, Deus é Amor, entre outras. E, sua última expansão, começou no final dos anos 70, coincidindo com o movimento político-econômico-social pelo qual o Brasil vinha passando através da chegada a reestruturação produtiva e o fim da ditadura militar, e o início, na década de 90,

de um modelo econômico neoliberal. Esse último movimento pode ser questionado na literatura, que vem, principalmente, com a criação da Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977. Muitos acreditam que esse movimento faz parte do novo pentecostalismo brasileiro ou movimento neopentecostal.

Essa terceira onda de expansão do movimento pentecostal tem como núcleo central o Rio de Janeiro, onde surgem as primeiras igrejas dessa vertente. Esse movimento tem como marco a divulgação da Teologia da Prosperidade.

De acordo com Torres (2007, p. 27–28):

Esta Teologia reafirma uma concepção de divindade já presente no imaginário religioso de nossa sociedade, cuja força se manifesta exatamente mediante benesses materiais concedidas aos fiéis, como recompensa pela adoração bajuladora. Deus passa a ser percebido como terapeuta das mazelas “deste mundo”, pois cura doenças, concede prosperidade econômica e até mesmo conforto afetivosexual aos seus seguidores.

Nesse sentido, a questão da recompensa material começa a aparecer e causar certas motivações para as pessoas, uma vez que deus as acompanha e vai garantir o melhor para suas vidas. Os neopentecostais ressignificaram o sentimento do sofrimento:

As recompensas projetadas no “mais além”, no paraíso post-mortem, raramente são lembradas na liturgia neopentecostal: a teologia da prosperidade resulta numa “teologia prática” que projeta as metas para “este mundo”. A prosperidade material e, por conseguinte, o acesso ao consumo das “maravilhas” do mundo moderno, permitindo um gozo “aqui e agora”, são perseguidos como uma recompensa por aqueles que servem e financiam a obra do “Senhor”. Os fiéis não devem mais aceitar viver como párias virtuosos, completamente excluídos dos prazeres mundanos, nem rejeitar, de forma ressentida, o comportamento das classes dominantes. Esta última característica revela a oposição que o neopentecostalismo tem em relação ao momento de surgimento do pentecostalismo, ou seja, o abandono do ascetismo de rejeição de mundo característico do período denominado clássico (TORRES, 2007, p. 28).

A Teologia da Prosperidade entende que o crente está liberto do pecado primeiro pelo sacrifício de Cristo, dessa forma, ele pode gozar do mundo material sem medo. Ele merece ter saúde física e psíquica, merece vida abundante, bens materiais e conquistas. Ele, portanto, deve estar livre do sofrimento causado pelo diabo. Assim, o diabo acaba tendo uma posição mais relevante nessa vertente religiosa, uma vez que ele é visto com maior relevância e importância para, assim, ser combatido.

A figura do diabo não surge no neopentecostalismo, ela só ganha outra qualidade nessa vertente religiosa. Para os pentecostais, o diabo era referido como algo semelhante à figura do senhor feudal, diante da negação da vida parasitária no feudalismo. Havia uma condenação das práticas da Igreja Católica e da vida feudal, quando os senhores feudais viviam do ócio e do dinheiro alheio. Parte do que o pentecostalismo trouxe como herança da

Reforma Protestante foi uma condenação das práticas da igreja católica e uma exaltação ao capitalismo, o novo modo de produção que estava começando a se desenvolver. Se o diabo surge como uma figura de negação, era isso que precisava ser negado.

Já os neopentecostais vieram com a força do capitalismo e, diante desse contexto, não havia mais que se negar as práticas do feudalismo. Logo, é necessário criar outro elemento de negação. É assim que o diabo ganha um outro lugar. Os neopentecostais não querem negar as práticas do capitalismo, pelo contrário, eles querem afirmar o capitalismo. Por isso, abordam a necessidade de obter sucesso, de prosperidade material, de lucro, etc. Acontece que agora não pode haver na prática algo para se negar, então, quando há a contradição da vida ideal para a vida real, ou seja, quando os fiéis não estão obtendo sucesso, tendo prosperidade material, etc., a Igreja precisa justificar esse problema real com alguma coisa, eis que entra a figura do diabo.

A luta contra o diabo renasce mais forte no novo pentecostalismo, uma vez que todos os males da humanidade são causados pelo diabo e seus aliados. E deus, por sua vez, é quem liberta seus fiéis desse mal, é quem concede a eles “a força para não aceitar o sofrimento, para não se acomodar com a pobreza, pois seria essa resignação com o fracasso o grande sinal da vitória conclusiva do mal” (TORRES, 2007, p. 28).

Segundo Silveira (2007), algumas características da Teologia da Prosperidade são: basta ter fé e pedir a deus que ele dará; todos merecem ter saúde; todos devem ser prósperos financeiramente, ou seja, o dinheiro é sinal da bênção de deus; os profetas hodiernos devem ser seguidos, que são os líderes que recebem a unção diretamente de deus, os quais os fiéis devem seguir o que dizem; a bênção e maldição da lei, que afirmam que recebe a bênção quem cumprir as leis divinas, todavia, a maldição, que seria a pobreza, a doença e a morte espiritual, só alcança quem não cumpre as leis divinas; a existência da autoridade dos líderes religiosos, que seriam como encarnações de deus; e, por fim:

a última característica da Teologia da Prosperidade, *O homem como encarnação de Deus*, é o resumo de todas as outras: o homem não precisaria de autoridade nas revelações. Pois seria a própria revelação; não precisaria perseguir a bênção e fugir à maldição, pois seria o próprio abençoador; não seria profeta, seria a própria profecia; não precisaria da prosperidade financeira, pois seria o dono de tudo; seria o doador da saúde, sem precisar pedi-la; não confessaria nem positiva nem negativamente, pois seria a própria ordem (SILVEIRA, 2007, p. 39).

A partir disso, o neopentecostalismo aparece como uma vertente que traz à vista anseios de uma sociedade que sofre com a pobreza e as doenças, mas querem disso se livrar. Essa vertente religiosa traz a questão da pobreza, entendendo que as pessoas que seguem deus não devem ser pobres e elas merecem enriquecer, ou seja, a esse problema é dada uma

solução. Com isso, as pessoas começam a buscar nesse movimento a salvação e o socorro espiritual para garantir o sucesso. “Os neopentecostais, gerindo seus preceitos religiosos por meios conhecimentos seculares, advindo da gestão empresarial, provocaram mudanças bruscas na esfera religiosa” (OLIVEIRA, 2012, p. 250). A competitividade, a busca por lucro, por maior número de fiéis e maior investimento nos canais de comunicação para disseminação da fé são marcas do neopentecostalismo brasileiro, que impõe essas práticas para os fiéis e, também, para as igrejas.

Toda essa ideologia é fundamentada nos interesses do capital e anda em direção ao seu maior desenvolvimento, ainda que, na aparência, possa questionar práticas que explicitamente pareçam contrárias ao desenvolvimento humano. Portanto, como braço para o desenvolvimento do sistema de capital, a ideologia neopentecostal se apropria de lutas sociais e de discursos humanitários utilizando a fé como saída para a libertação humana — ou prosperidade. Veremos nos capítulos seguintes como tal aspecto se manifesta na prática, tendo como referência nossa aproximação com a Igreja Universal do Reino de Deus, instituição declaradamente neopentecostal.

4 A FÉ NO CAPITAL: A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), declaradamente neopentecostal, existe há pouco mais que 4 décadas. Tem como líder e fundador o Bispo Edir Macedo, que realiza reuniões, eventos e palestras por todo o país, principalmente no Templo de Salomão, sede mundial da IURD, que fica em São Paulo, no Brasil. Como mencionado na introdução, ele também é o dono da Record TV, a terceira maior emissora de televisão do Brasil, sendo, assim, uma personificação do capital, o que não é nada contraditório com o ideário da igreja.

Na apresentação da IURD, presente no site⁴, ela [a Igreja, representada por seus idealizadores] afirma que “expressa sua fé e crença no Deus vivo”, baseia suas crenças na Bíblia Sagrada. Para a IURD, Deus-Pai foi o Primeiro a se manifestar à humanidade, ensinando como obedecer a suas doutrinas. Porém, o ser humano deixou que o pecado corrompesse suas atitudes o desviando do caminho certo para seguir o caminho do seu próprio coração (UNIVERSAL, 2020), o que é considerado um equívoco para deus. Dessa forma, acreditam que deus enviou seu único filho para a terra, “para trazer a Lei e cumprir os Mandamentos Divinos”. Assim, para a Igreja, Jesus chegou à terra e foi o Segundo a se manifestar à humanidade. Logo Jesus foi crucificado, morto e sepultado, ressuscitando ao terceiro dia. Quando voltou, ele “garantiu a Salvação ao homem e a libertação deste de todos os sofrimentos”. Para a IURD, o deus-espírito santo foi o Terceiro a se manifestar à humanidade e, acredita-se, que ele se manifesta no coração dos seres humanos. “Assim, pode convencer o homem de seus pecados, mostrando, por meio da consciência, que uma pessoa pode errar, mas se houver um sincero arrependimento, deus a perdoará” (UNIVERSAL, 2020). Para tanto, ela deve ser batizada nas águas, e assim nasce uma nova pessoa, disposta a realizar a vontade de deus e ser fiel a Ele.

Interessante perceber, portanto, que, para a IURD, a natureza da humanidade é afastar-se de seu criador, pois, quando segue seu próprio coração, tem práticas que deus considera um erro. Logo, deus e seres humanos não possuem a mesma natureza. E, por isso, necessita-se de um ser estranho dentro do coração dos humanos. Um ser que vai corrigir o caminho, mantendo os seres humanos servos da vontade de deus. Se os seres humanos deixarem seus corações serem tomados por esse espírito santo, acontecerá a eles o que aconteceu a Jesus: vida depois da morte, ainda que tenha tido uma vida de muita peregrinação, sofrimento e abstinência. Em outras palavras, Jesus não salvou a humanidade, mas foi “a prática”, o ser humano “vivo em carne e osso”, que demonstrou à humanidade a necessidade de ela deixar-se povoar pelo espírito

⁴ UNIVERSAL, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/home/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

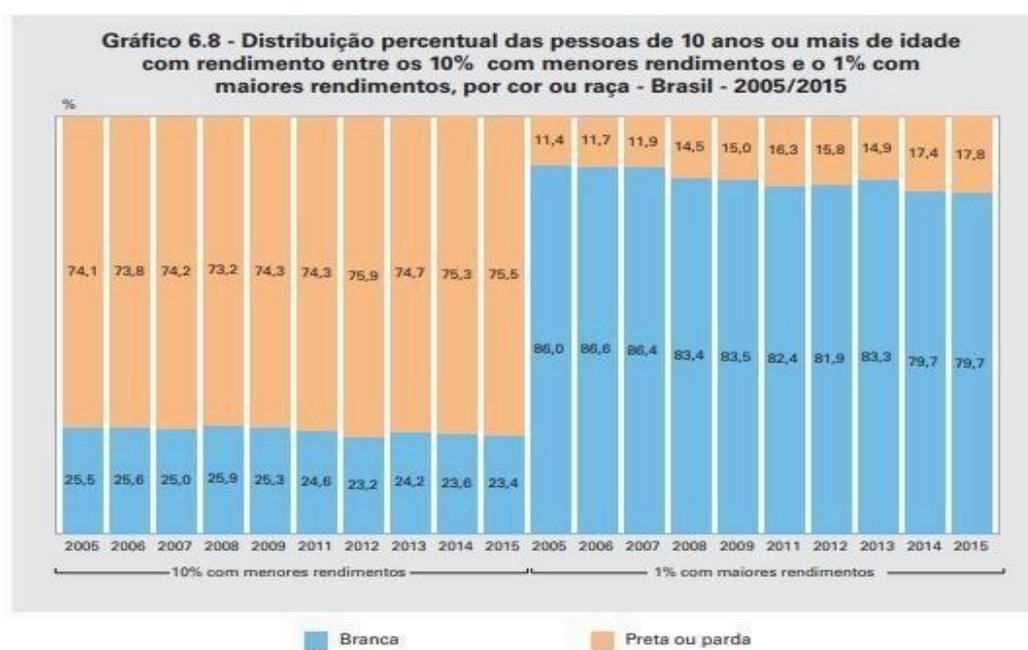
santo e fazer a vontade de um ser que não é da mesma natureza que a humanidade. Porém, qual a natureza de deus? Sobre isso retornaremos após entendermos as múltiplas experiências vividas na IURD.

4.1 O perfil dos fiéis

De acordos com dados divulgados pelo Censo 2010 (IBGE, 2010), estima-se que, no Brasil, em 2010, aproximadamente 42 milhões de pessoas eram evangélicas, sendo 25 milhões de origem pentecostal. As estatísticas também abrangeram as igrejas separadamente, e a Igreja Universal do Reino de Deus tinha quase 2 milhões de fiéis no país em 2010. Os dados de raça dessa população afirmam que, de 1,873 milhões de fiéis da Universal, aproximadamente 943 mil se declaram pardos, 700 mil se declaram brancos, 205 mil pretos, 19 mil amarelos e 5 mil indígenas. Isso nos evidencia que a maior parte dos fiéis não se consideram brancos, o que também nos foi evidenciado em nossas idas aos cultos, ocasião em que percebemos que a maior parte da população presente eram pretos e pardos.

O IBGE divulgou um gráfico (Gráfico 1) em que é demonstrado o percentual das pessoas a partir de 10 anos de idade com rendimento entre os 10% menores e o 1% com os maiores rendimentos, por cor ou raça, no Brasil, entre 2005 e 2015. Os resultados foram:

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE COM RENDIMENTO ENTRE OS 10% COM MENORES RENDIMENTOS E O 1% COM MAIORES RENDIMENTOS, POR COR OU RAÇA - BRASIL - 2005/2015



(Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2015)

A partir disso, percebemos a desigualdade de renda por cor ou raça. Pretos ou pardos representavam, por um lado, em 2015, 75,5% das pessoas com os 10% menores rendimentos do país, contra 23,4% de brancos. Por outro lado, estavam entre as 17,8% das pessoas com 1% dos maiores rendimentos, contra 79,7% de brancos. Isso nos chama atenção pelo tamanho da população, na qual pretos ou pardos representavam, em 2015, 54% do total da população brasileira (IBGE, 2015), junto da tamanha desigualdade de renda por cor ou raça, evidenciando a discriminação que sofre essa população.

Ainda segundo o Censo 2010 (IBGE, 2010), dos 25 milhões de evangélicos pentecostais, 11 milhões são homens e 14 milhões são mulheres, o que demonstra que existem mais fiéis mulheres do que homens espalhadas pelo país. Sobre a questão da escolaridade, em uma pesquisa realizada com pessoas a partir de 25 anos, temos que, de quase 14 milhões de fiéis de origem pentecostal, mais de 7 milhões se consideram “sem instrução e fundamental incompleto”, demonstrando baixo índice de escolaridade (IBGE, 2010). Além disso, de, aproximadamente, 10 milhões de fiéis de origem pentecostal com ocupações, 7,5 milhões estão empregados, ou seja, possuem algum vínculo de venda da força de trabalho, contra apenas 120 mil empregadores, sendo o restante trabalhadores por conta própria, não remunerados ou trabalhadores na produção para o próprio consumo. Em outro dado já exposto na introdução, vimos que 60% da população evangélica recebe até 1 salário mínimo (IBGE, 2010), o que corrobora os dados acima.

Confirmamos estes dados em nossas idas aos cultos da IURD de Belo Horizonte, quando percebemos que a maioria das pessoas presentes eram pessoas pretas ou pardas, trabalhadoras e de baixa renda. A proporção entre homens e mulheres não parecia ser muito diferente. As mulheres vestiam, em sua maioria, saias compridas, até abaixo do joelho, com tons escuros [principalmente marrom, preto e cinza]. Carregavam em seus braços uma bolsa grande na lateral, que parecia conter seus itens pessoais, e do outro lado do corpo carregava a bíblia embaixo do braço. O cabelo permanecia preso com um rabo baixo, sem mostrar muito o pescoço. As blusas eram de manga, por vezes até comprida, e sem decote. Os tons das blusas também eram escuros, buscando não chamar muita atenção. Nos pés andavam com sandálias com uma pequena plataforma. Eram roupas simples e sem muitos detalhes. As mulheres pareciam recatadas, sem comportamentos chamativos. Os homens vestiam calça jeans larga e uma blusa, estilo polo ou social, para compor a vestimenta, mas também roupas simples. A maioria vestia blusa de manga. Poucos ou quase nenhum usavam bermudas e camisetas. Carregavam a bíblia na mão e alguns portavam mochilas ou bolsas laterais. Pareciam estar voltando do trabalho, tanto os homens quanto as mulheres. Seus rostos pareciam sempre

cansados e, por vezes, observamos que eles cochilavam rapidamente em alguns momentos dos cultos. Quase não pudemos ver demonstrações de sorrisos em seus rostos, nem na entrada e saída e nem durante o culto, apenas nos momentos que o pastor ou bispo fazia brincadeiras para os fiéis rirem, mas logo voltavam à expressão de cansaço. A maioria das pessoas presentes nos cultos que presenciamos parecia ter entre 25 e 50 anos. De um modo geral, chegavam sozinhas, sem acompanhantes, mas, às vezes, percebemos casais, principalmente nos cultos da Terapia do Amor.

Tanto os dados quanto as nossas observações confirmam o perfil dos fiéis da IURD, os quais grande parte são trabalhadores e trabalhadoras pretas ou pardas, de baixa renda e baixo índice de escolaridade.

4.2 Os preceitos que guiam a prática dos fiéis

Neste momento, vamos analisar os dados coletados, tais como os documentos dispostos no site da IURD, com a inclusão de algumas percepções obtidas em campo durante a ida aos cultos na Catedral da Fé — templo principal da IURD na cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Colocamos os documentos coletados em duas tabelas, as quais serão dispostas [resumidamente] no início de cada grande tópico, e sua versão completa encontrar-se-á nos Apêndices A e B deste trabalho.

A Tabela 1 (T1), apresentada abaixo, conta com os documentos que consideramos que apresentam o conteúdo da conduta apresentada pela IURD como adequada aos fiéis, ou seja, os preceitos que guiam a prática dos fiéis. Nos temas apresentados, tais quais: Autoajuda; Finanças; Relacionamentos; Saúde; Sociedade, Política e Economia; e Vida Cristã, entendemos que estes norteiam os fiéis sobre como agir diante de tal âmbito da vida. Esses assuntos, por sua vez, nortearão nossa análise para compreender qual o conteúdo apresentado e como a Igreja direciona a prática dos fiéis em cada um deles.

Nas análises, utilizaremos a sigla dos documentos [por ex: B1, B2, B3, etc.] para nos referirmos a eles. Assim, caso queiram, as tabelas poderão ser consultadas nos Apêndices A e B, nos quais consta o link dos documentos, bem como o nome de cada notícia.

Vale lembrar que as notícias contidas são derivadas, em sua maioria, de cultos, apresentando, após o texto, o vídeo a que se refere o conteúdo apresentado. Assim, este conteúdo é destinado aos fiéis, ouvintes e leitores do culto e da página da Universal do Reino de Deus, independente da cidade em que estiver. Nós nos referiremos a eles [os fiéis] ao longo do texto.

TABELA 1 - DOCUMENTOS QUE APRESENTAM A IDEOLOGIA DA FÉ⁵

Assunto	Sigla dos Documentos	Quantidade de Documentos
Autoajuda	B1; B2; B3; B4; B5; B6; B7; B8	8
Finanças	D1; D2	2
Relacionamentos	E1; E2; E3; E4; E5; E6	6
Saúde	F1; F2; F3; F4; F5; F6	6
Sociedade, Política e Economia	G1; G2; G3; G4; G5; G6	6
Vida Cristã	I1; I2; I3; I4; I5; I6; I7; I8; I9; I10; I11; I12; I13; I14	14
		Total: 42 documentos

(Dados coletados pela autora entre 15 de abril de 2019 e 15 de maio de 2019)

4.2.1 “Buscai primeiro o reino de deus”

Iniciamos nossas análises com essa citação de Mateus 6:33 (capítulo 6, versículo 33), na qual ele apresenta: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (B2, 2019). Edir Macedo chama atenção, “primeiro o reino de Deus, ou seja, antes de tudo tê-lo como seu verdadeiro Rei, para, como consequência, chegar às bênçãos financeiras, físicas e no relacionamento, dadas exatamente por Ele, que “assina

⁵ Versão completa no Apêndice A.

embaixo” diante do esforço de Seus filhos” (B2, 2019). Aqui, vale chamar atenção para algo recorrente, a apresentação de um trecho da bíblia seguida de sua interpretação pela IURD. Isso demonstra que há uma diferença entre o que está escrito na bíblia e o que é interpretado pelos bispos e pastores. Já podemos perceber a interpretação de Macedo diante do trecho exposto de Mateus, em que ele acrescenta características particulares do neopentecostalismo, como a prosperidade material, que são “as bênçãos financeiras”.

Neste primeiro momento o Bispo já enfatiza que, antes de qualquer coisa, deve-se crer em deus. Deus vêm à frente de tudo e de todos.

Nada neste mundo, por mais rico, mais lindo, mais prazeroso, mais tudo que seja, se compara com a plenitude do Espírito do Senhor Jesus. Não se contente com migalhas, com bênçãos que podem ser maravilhosas, mas não suficientes; sem o Espírito Santo, não somos capazes de suportar os reveses da vida; somente Ele é capaz de nos dar sustentação nas horas amargas e tristes; Ele consola, conforta, anima, levanta, aviva e é quem nos faz ter esperanças para seguir em frente (B2, 2019).

O que Macedo nos aponta é que, mesmo as relações sociais produzindo afetos como alegrias, prazeres, belezas e felicidade para os fiéis, as questões da vida, as dores, amarguras, angústias, tristezas e devastações só serão sanadas e suportadas com a presença do senhor Jesus. É só Jesus quem irá consolar e ajudar os fiéis, e, por isso, eles não devem se contentar com as migalhas do mundo. Até mesmo para serem capazes de usufruir das bênçãos financeiras, da saúde e dos bons relacionamentos, é preciso, antes, fazer um pacto com deus, ou seja, é preciso colocar deus à frente de si, à frente dos outros e à frente do mundo.

Quando o Bispo afirma isso, ele quer dizer que os fiéis devem ser submissos à presença e ao espírito de deus, ou seja, que os fiéis devem se submeter aos desejos do senhor para serem, assim, dignos de usufruir das belezas do mundo, e essas belezas são uma boa vida financeira, uma boa saúde — ou seja, coisas que parecem ser ausentes na vida dos fiéis, segundo dados apresentados pelo IBGE —, um bom relacionamento, entre outras coisas, que, devem-se lembrar, só serão possíveis de alcançar, através de uma boa vida com deus.

Neste momento nos questionamos, o que é considerado uma boa vida com deus? Como deus se manifesta para essas pessoas? A partir de quais práticas o fiel é considerado como alguém que segue os caminhos de deus e que possui em si, então, a presença do espírito do senhor?

Para responder a essas questões, precisamos investigar o conteúdo das notícias apresentadas pela IURD, resultado dos cultos públicos divulgados em diversos meios digitais. Faremos isso seguindo um caminho que poderá facilitar o entendimento de quem nos lê. Para isso, vamos começar com a “palavra de deus”, que entendemos que é o que guia e direciona esses comportamentos. Em seguida, discutiremos a Fé, que dá a credibilidade na palavra de

deus. Posteriormente, entraremos nas ramificações mais específicas e profundas da vida dos fiéis, sendo elas: a vida individual (a qual classificamos com o tema de “Autoajuda”); a vida financeira (“Finanças”); a vida amorosa (“Relacionamentos”); a “Saúde”; as questões sociais, políticas e econômicas (“Sociedade, Política e Economia”) e a “Vida Cristã”. As discussões estarão dispostas nos tópicos a seguir, mas lembramos que as notícias de cada tema não serão discutidas exclusivamente no seu tópico de “origem”. Ou seja, nem todas as notícias relacionadas aos relacionamentos amorosos serão discutidas neste tópico nem exclusivamente nele. Logo, a separação por tema é apenas uma forma de facilitar a centralidade da notícia, não se restringindo apenas a ele.

4.2.2 Palavra de deus – [O fetiche d]a bíblia sagrada

De início, já devemos saber que, quando os cristãos, de um modo geral, se referem à palavra de deus, eles estão se referindo à bíblia sagrada, que é a escritura divina onde contém os textos religiosos na qual deus se revela à humanidade. “Não é como diz a religião, mas como dizem as Escrituras” (I14, 2019). Esse trecho foi retirado de uma das notícias coletadas no site da IURD, onde se anuncia que a fonte primária do conhecimento religioso são as escrituras, ou seja, é a bíblia. Independente de qual religião se esteja doutrinado, a primazia da palavra de deus está na bíblia.

A IURD afirma em seu site⁶ que a vontade de deus é manifestada por intermédio da bíblia, que foi escrita por “homens divinamente inspirados”, como vemos em Timóteo 3.16-17:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (UNIVERSAL, 2020).

Sabemos, de antemão, que a bíblia foi escrita pelo ser humano, mas acreditam que não foi ele quem a produziu. A bíblia é produção e expressão de deus mediada pelo não humano, que é seu instrumento. Acontece que a bíblia, como qualquer instrumento fetichizado, ganha um caráter supra-humano à medida que é colocado sobre ela um poder sobrenatural, um poder que ultrapassa o poder da humanidade. Ou seja, o ser humano cria um objeto e se torna refém deste objeto, se torna refém do conteúdo que ele mesmo produziu. Na verdade, este objeto fetichizado existe como manifestação de um ser também fetichizado, deus.

Para entender o que é o fetiche, Marx (2013) explica que o fetiche é uma coisa externa, criada pelo próprio ser humano, mas vista por ele como algo mágico, adquirindo poderes naturais ou humanos, e até mesmo sobrenaturais ou sobre-humanos. Dessa forma, os seres

⁶ UNIVERSAL. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/home/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

humanos acreditam que os poderes do objeto — ou ser, para sermos específicos com o ser-deus — são naturais e, não percebem, portanto, que na verdade são poderes sociais. Assim, se torna refém e submisso ao que ele mesmo criou.

“A verdadeira glória está em servir a Deus” (I3, 2019). Para os crentes [e aqui entendemos “crente” como aquele que crê, que acredita no que está sendo dito], servir a deus é essencial para ser glorioso, para ser vitorioso. “A Bíblia nos mostra um bom exemplo ao detalhar a história de Abraão, o homem que, mesmo avançado em idade, se agarrou às Promessas de Deus e não ao que via e ouvia das pessoas” (B6, 2019).

“E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu corpo já amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou, por incredulidade da Promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Romanos 4.18-21).

Muitos desanimam porque não entendem que toda construção requer um tempo e que não há construção mais bem alicerçada do que aquela feita sob a Rocha, que é a palavra de Deus.

Agindo assim, a aparente demora na mudança ou a situação que for não lhe apavoram.

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda” (Mateus 7.24-27).

Os apressados, cedo ou tarde, verão que o que foi conquistado veio com prazo de validade. Aos que perseveram, o tempo, o desespero, as dificuldades e o próprio desânimo não lhes vencem nem lhes convencem porque estão agarrados à Palavra de Quem não lhes desampara e não volta atrás (B6, 2019).

Essa passagem quer dizer que aqueles que agem conforme a palavra de deus, ou “de Quem não lhes desampara e não volta atrás”, colherão bons frutos por terem escolhido o caminho certo. No exemplo, aquele que escuta as palavras de deus e age conforme seu conteúdo é considerado um ser humano prudente, por ter edificado a sua casa sobre a rocha. Por isso, sua casa não cairá, mesmo diante de tempestades. Já aquele que escuta as palavras de deus, mas não age conforme essas palavras, é considerado um ser humano insensato, por ter edificado sua casa sobre a areia. Por isso, sua casa não conseguirá se manter erguida diante das tempestades. Com a metáfora, construir uma casa em cima de uma rocha é mais difícil do que construir uma casa em cima da areia. Assim, a passagem mostra que, ainda que leve mais tempo e que seja difícil construir uma casa sobre a rocha, é só essa casa que aguentará os contratempos. Ou seja, cumprir e seguir as palavras de deus não é fácil, não é simples, mas é como se fosse o único caminho capaz de garantir a sobrevivência e a boa vida dos seres humanos. Para os que

acreditam no que está sendo colocado, não resta outra opção além de seguir as palavras de deus, já que este é o único caminho para se manter erguido — ou vivo.

Chamamos atenção, aqui, para a interpretação que se dá da bíblia. A doutrina afirma que todos os fiéis são merecedores de uma boa vida e que a fé em deus os torna sujeitos que não sofrem. Acontece que na vida real o sofrimento é permanente na vida dos fiéis já que, como percebemos através dos dados e observações, a maioria vive em situações precárias de vida, assim, cabe à Igreja acionar discursos que sirvam para tapar esses problemas da vida real, e aí vem o discurso da tolerância, da espera, da “aparente demora na mudança”, de forma a mantê-los fiéis à doutrina como possibilidade de transformação de suas vidas.

Em uma outra passagem contida no “Critério da resposta de Deus” (I4, 2019), percebemos o quanto a ameaça é visível àqueles que ainda se questionam se devem ou não agir conforme a palavra de deus:

Qual o critério usado pelo Espírito Santo para agradar aos Seus? Ele agrada aos que Lhe agradam.

“Agrada-te do SENHOR, e Ele satisfará os desejos do teu coração.” (Salmo 37.4)

Esse é o critério de Deus. É a lei fixa que rege o relacionamento com Ele. A vida de cada um depende do senhor que se escolhe. Não depende de Deus ou de outros. Não depende da sorte. Não depende dos astros. Não depende do destino traçado. Essa conversa de destino é lorota. Não depende de escolaridade, beleza, força ou dinheiro. Depende de obediência.

O bispo afirma que a vida de cada um depende do senhor que se escolhe, que não depende de deus ou de outros, depende da obediência. É como uma troca, se você age de acordo com deus, você terá uma boa vida. E não é deus quem escolhe, não é o destino, “essa conversa de destino é lorota”, ou seja, quem faz seu destino é você mesmo. Mas essa escolha é unicamente sua? Diante da situação colocada, os fiéis têm mesmo “liberdade” de fazer uma escolha ou essa escolha já está posta? A escolha que os fiéis tomam no dia a dia só pode ser considerada satisfatória por deus. Ele pede obediência, logo, a prática dos fiéis precisa refletir a obediência que, tão logo, só pode ser julgada por deus.

Se há obediência à palavra de Deus, a bênção é inevitável. Se não há obediência, a maldição é inevitável (Deuteronômio 28) (I4, 2019).

Quem escolherá a maldição?

Obediência a Deus se resume na prática da fé na Bíblia Sagrada. Claro, essa prática de fé exige sacrifícios. Do contrário, este mundo seria maravilhoso, já que todos têm fé. (I4, 2019)

Para os pastores e bispos da IURD, que redigem essas mensagens como representantes de deus para a humanidade, não basta ter fé, é preciso praticar a fé. O que significa isso?

Os crentes creem na Palavra, mas um mínimo a obedece. Por isso são crentes fracassados. Obediência a Deus foi o segredo de Abraão. Ele não fez nenhum milagre, nenhuma maravilha. Peregrinou por muitas terras. Autêntico nômade. Mesmo assim, por onde o Senhor o encaminhava, ele obedecia. Seu nome deveria ser Abraão Obediente. Não foi à toa que o Senhor o escolheu. Ele não escolhe desobedientes e rebeldes (14, 2019).

Aqui reside uma “solução”. A Igreja diz que os fiéis merecem riqueza, mas a vida real deles não é de riqueza. A Igreja também diz que deus pode dar a riqueza, mas ele não está dando. Então, se as pessoas não estão conquistando riquezas e não estão melhorando de vida, onde está o problema? Em deus? Claro que não. O problema está na obediência. Porém, quem julga as práticas dos fiéis é deus, então, se os fiéis ainda não são ricos é porque ainda não acertaram na obediência. O fracasso dos crentes deve-se ao não cumprimento da palavra de deus.

Se olharmos bem para essa passagem, veremos que o fiel escolhe deus assim como deus escolhe o fiel, e essa suposta relação de mão dupla, objetivamente implica uma situação em que a vida objetiva do fiel só pode transformada a partir de deus, que é o mesmo que dizer que a realidade não pode ser alterada pela prática humana direta, pela atividade-humana-sensível, mas sim pela prática mediada por deus — ou pela vontade de deus. Se a objetividade não pode ser transformada pela prática humana direta, a subjetividade do fiel vai estar sempre conforme essa objetividade que está posta, sem possibilidade de transformação direta, e sim apenas pela obediência e submissão — que são condições para a atuação de deus na vida objetiva do fiel. Eis aí uma limitação da consciência e, também, uma contradição. Ao mesmo tempo que o fiel é responsável por fazer a escolha de seu senhor e é culpado caso não obtenha as maravilhas do mundo, ele também não é responsável pela transformação prática em sua vida, já que sempre dependerá da mediação de deus para qualquer alteração.

Sabemos que os fiéis vão a IURD buscando resolver algo em sua vida, resolver problemas cotidianos. Diante disso, a Igreja deve fornecer soluções para esses problemas. Porém, estamos percebendo que há uma contradição entre o discurso pregado pela Igreja e a vida concreta dos fiéis. Para tanto, a IURD precisa acionar discursos que justifiquem essa contradição e assim o fazem, não apenas vangloriando deus, como culpabilizando o indivíduo.

“Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à Minha voz, e Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo; andai em todo o caminho que Eu vos ordeno, para que vos vá bem. Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante” (Jeremias 7.23,24) (17, 2019).

Como nos traz Jeremias em uma passagem da bíblia, é como se deus estivesse reafirmando o que já abordamos anteriormente, que quem segue suas ordens e instruções, vai

“bem”, e quem ousa seguir suas próprias vontades, anda “para trás e não para diante”. Neste momento, nos é colocada uma outra contradição: como pode a essência dos fiéis ser contrária à essência de deus? Mas deus não fez o ser humano à sua semelhança? Por que deus quer uma coisa e os fiéis querem outra?

A palavra de Deus nos faz saber Sua vontade. Nos faz entender Seus pensamentos. Quem dá ouvidos à voz de Deus, isto é, quem obedece à Sua Palavra, anda para diante. Enfrenta lutas, mas conquista. Sua segurança está em Deus, suas decisões são baseadas nos conselhos de Deus (I7, 2019).

A partir disso, tem-se que a bíblia, então, é a única fonte de sabedoria. A palavra de deus é o que guia as ações humanas, ou seja, o fetiche-deus, expresso materialmente através de uma escritura, guia [e determina] os preceitos da subjetividade humana.

Quem não dá ouvidos à voz de Deus, isto é, quem não obedece à Sua Palavra, anda para trás. Pode até conquistar alguma coisa, mas não consegue reter tudo. Sua segurança está em si mesmo, no dinheiro, nos amigos, na família. Suas decisões são baseadas nos conselhos dos outros ou em seus próprios conselhos. Não tem coragem de depender de Deus. Essa é a dureza de seu coração maligno. Maligno e burro. O segredo do sucesso não poderia estar mais claro: “Daí ouvidos à Minha voz, e Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo” (I7, 2019).

Aqui está a constatação, dada pela Igreja, de que o ser humano não pode basear suas decisões em seus próprios conselhos, nem nos conselhos dos outros, e esses outros é a sociedade, são os seres sociais. Assim, se as decisões não são baseadas nos próprios seres humanos, elas são baseadas em quem? Quem é deus, que é esse ser que escolhe o que deve ser feito? Que guia o que deve ser dito? Que sabe por onde cada pessoa deve andar? Que sabe o que cada pessoa deve fazer? Será deus um produto humano, criado diante da necessidade de explicar a miséria humana, que, para ser vivida e suportada, teve que partir de uma ilusão? Demonstramos que sim.

Outro ponto aqui é que a Igreja precisa encontrar respostas para as contradições da vida real. Essas pessoas a que ela está se referindo como malignas e burras, às vezes, vivem vidas melhores que os fiéis que estão dentro da própria Igreja, e a Igreja inferioriza essas pessoas por elas não terem “coragem de depender de Deus”, afirmando que elas podem até conquistar coisas, mas o ponto que elas pecam é por não depender de deus, por não confiar a vida em deus. De um lado, grande parte dos fiéis confiam em deus, mas vivem a carência da vida material, vivem o sofrimento, a miséria, a pobreza, a doença. De outro, existem pessoas que seguem seus próprios conselhos e têm uma vida melhor, mas a Igreja precisa deslegitimar essas pessoas com o discurso religioso assumindo que a elas falta deus, falta a dependência de deus, portanto, elas poderiam ter ainda mais e, por isso, não conseguem “reter tudo”.

“O espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós” (João 14.7). “Somente aqueles que vivem em obediência à Palavra de Deus podem recebê-lo” (I12, 2019). Esta é a condição. O mundo não pode ver nem receber, só quem obedece, só quem não questiona. “Aquele que crê assume sua fé e colhe os frutos da promessa” (I10, 2019).

Vai em frente, custe o que custar; doa a quem doer. Não se deixa intimidar por ninguém. “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1.16) (I10, 2019).

“Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4). Aqui, os trechos bíblicos são interpretados pelo bispo como: “Isto é, Ele mostrou que o que procede da boca de Deus é o certo, o que acontece, é a realidade. Mas você tem que crer e se manter firme nela para vencer as dúvidas” (I9, 2019). Logo, para os crentes, a dúvida é sanada através da fé, e a realidade é o que está contida nas escrituras sagradas ditas por deus. A palavra de deus é o que está contida na bíblia, um livro escrito pelo ser humano para afirmar o pensamento de um ser transcendente, que não pertence à realidade material humana. A realidade humana, então, para eles, é baseada em um ser supra-humano. E a fé é que resolve qualquer dúvida que possa surgir sobre a veracidade de suas palavras.

Toda vez que vem uma dúvida, um pensamento negativo, eu estou com a palavra de Deus dentro de mim para responder. É uma guerra diária, que todos nós enfrentamos. O diabo usa marido, amigo, parente, qualquer pessoa, para tentar desviar sua fé e te deixar na dúvida. Por isso, confie apenas na palavra de Deus. Isso é trabalhar com a fé inteligente (I9, 2019).

Se o fiel obedece a deus e não recebe tudo que ele promete, ele deve saber que não é porque deus não deu, mas sim fruto do diabo. A dúvida também é fruto do diabo. E como vimos, o diabo é uma das formas de mascarar as contradições da vida real. O fiel confia, crê na palavra de deus, vai aos cultos, faz o que está sendo pedido, e sua vida não muda. Como a Igreja explica isso? Uma das formas é anunciando a presença do diabo — um ser criado e fetichizado assim como deus, com poderes que podem “desviar sua fé e te deixar na dúvida”.

Nós nos recordamos de um culto que presenciamos na Catedral da Fé, em que o pastor dizia: “A palavra de Deus é a verdade. Onde está a palavra de Deus? Na Bíblia. Então a verdade é a Bíblia”. E todas as pessoas portavam suas bíblias nas mãos, anotavam, liam, escreviam. Era o material de consulta de todos os fiéis. Os fiéis com suas bíblias na mão, as levantavam para o alto e gritavam: “Me olha, senhor, não se esqueça de mim”. Eles imploravam para serem notados e, mais uma vez, inúmeras demonstrações de sentimentos, choros, tremedeiras, olhares

sofridos, medo, mãos apertadas. As pessoas sofriam e acreditavam que aquele era o lugar onde elas encontrariam a salvação, a mudança, a transformação.

A bíblia representava a verdade, a resposta. O pastor dizia que todos tinham que ter a bíblia em mãos durante todo o dia, que, a qualquer momento do dia, em qualquer momento de tristeza, dor, angústia, bastava abrir a bíblia e ler uma passagem que aquilo iria acalmar o coração do fiel. As pessoas escutavam e choravam. Quando se falava sobre a dor, sobre o sofrimento, as pessoas se identificavam com esses discursos e, por isso, reagiam a eles, porque isso faz parte de suas vidas, são sentimentos que as acompanham diariamente. A bíblia então era parte da solução, já que nela se encontra a manifestação de deus, a expressão de deus. Se deus é o único capaz de curar e a bíblia é sua palavra, sua voz, então ter a bíblia em mãos significa ter a cura nas mãos. Mas será isso suficiente? As pessoas param de sofrer por ter a bíblia em mãos? A pobreza diminui por ter a bíblia em mãos? Os fiéis recebem maiores salários por ter a bíblia em mãos? Percebemos que não.

Assim, esse pensamento rege parte das crenças religiosas, nas quais a bíblia sagrada contém a voz de deus, voz essa que foi produzida e dita pelo ser humano, mas ele mesmo perdeu o controle daquilo que ele próprio produziu — é nisso que reside a prática estranhada da religião, a prática não efetiva, uma vez que a própria possibilidade de crítica foi excluída, uma vez que a ação humana é condicionada à existência e permissão de um ser não humano.

4.2.3 A ideologia da fé

O argumento da fé é o que legitima qualquer discurso que possa não ter correspondência com a realidade, uma vez que, se o fiel diz: “tenho fé”, é como se ele não precisasse provar nada, porque a fé não precisa de fundamento material. A fé é o que confronta a contradição entre a proposta ideal e a realidade. “Quando você recebe a palavra de fé, de esperança, sua fé cresce e, ao mesmo tempo, a dúvida diminui. Quando elas chegam no mesmo nível, você fica forte pra confrontar a dúvida. Sendo assim, quando ela está acima, você tem condições de enfrentar qualquer desafio” (I9, 2019). A fé é, por sua vez, acreditar em algo, é ter a esperança de algo que não se vê.

A fé é a certeza absoluta de que a palavra de Deus vai se cumprir na sua vida. O Espírito de Deus convence você de que o que está escrito é real e de que ninguém pode invalidar isso. Como desistir diante de tamanha certeza e convicção? Por isso, você jamais vai ver uma pessoa de Deus desistir dos seus sonhos” (B1, 2019).

Percebemos assim que a fé está relacionada à palavra de deus. A fé é a certeza de que a palavra de deus é a verdade absoluta, universal, real. Dessa forma, tem-se convicção de que o

que deus diz, vai se concretizar. A frase “O Espírito de Deus convence você de que o está escrito é real” nos chama atenção por humanizar o espírito de deus, ao mesmo tempo que o eleva a uma condição supra-humana, ou seja, que está além da humanidade. Ao mesmo tempo que ele é mais poderoso que o ser humano, o espírito dele entra no seu corpo, está presente em você e te convence, te faz acreditar, que o que está escrito na bíblia é real. Quando o bispo afirma que “por isso, você jamais vai ver uma pessoa de deus desistir dos seus sonhos” nos parece contrário aos argumentos anteriores, que afirmam que a vontade individual de cada um não é determinante, uma vez que se deve realizar a vontade de deus. Quais seriam as limitações dos sonhos dos fiéis?

O bispo continua: “O apóstolo Tiago disse que o foco é importante até nas orações: ‘pedis e não recebeis porque pedis mal...’ (Tiago 4.3). Muitas pessoas dizem: ‘minhas orações não são atendidas’, mas é porque, muitas vezes, são orações sem foco” (B1, 2019). Quando algo que o crente pede não se realiza é porque ele pediu mal? Por que ele não teve foco para pedir e por isso deus não o deu? Não soube pedir? Não acreditou o suficiente? Acreditamos que essas questões só o deixam cada vez mais refém do que é considerado deus. Logo, só podemos pedir o que deus quer dar.

Em uma reunião no Templo de Salomão, o Bispo Domingos Siqueira, falando sobre a história de Abraão, incita: “Quem é da fé é guiado pelo que não vê e não pelo que vê” (B6, 2019). Ou seja, a fé está relacionada, como abordamos anteriormente, à convicção do que não se vê, do que transcende, ultrapassa, a realidade material. “A fé sobrenatural submete os planos naturais aos espirituais porque o que é celestial está acima do que é terreno e o que é espiritual está acima do que é material” (B6, 2019).

A partir disso, já percebemos o quanto há uma negação da determinância material para a constituição da vida. Para os fiéis, o plano espiritual está acima do plano material, ou seja, hierarquicamente, ele detém a primazia. O que determina a realidade, portanto, é o plano espiritual, onde se constrói a realidade é no plano espiritual. Dessa forma, o que acontece no plano material é secundário, é passageiro. A vida eterna com deus, para a IURD, se dá nos céus, onde não se vê e não se alcança enquanto se vive na terra.

Essa ilusão criada nos fiéis guia os passos para nossas análises, uma vez que a base da doutrina é a fé religiosa, que eleva as contradições da vida aos céus, justificando a miséria humana como uma provação para que os seres possam obter a salvação e ir de encontro com deus, esse ser fetichizado, aparentemente natural, mas essencialmente criado por humanos.

Na IURD, “em todos os templos, há pastores dispostos a ensinar os desafios da verdadeira fé que agrada a Deus” (I6, 2019). Logo, a ideologia — instrumento pelo qual se

adquire consciência — criada e sustentada pelos membros da Igreja, e concentrada no bispo Edir Macedo, corrobora a submissão à divindade que não se vê, que está além da realidade material. Logo, a IURD, através da ideologia da fé, guia os passos dos fiéis para que eles façam o que [supostamente] Jesus acredita e quer que façam.

Sem dúvida, Lutero venceu a servidão por devoção porque pôs no seu lugar a servidão por convicção. Quebrou a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. [...]. Libertou o homem da religiosidade exterior, fazendo da religiosidade o homem interior. Libertou o corpo dos grilhões, prendendo com grilhões o coração (MARX, 2013b, p. 158).

4.2.4.1 Manual de Comportamento Cristão

Neste momento, as questões que direcionam nossa análise compartilham de um cenário no qual a IURD aponta “conselhos” para a vida pessoal dos fiéis — que deve ser uma vida cristã baseada na fidelidade a deus. Ao longo dos tópicos a seguir, misturamos alguns temas, mas existem temas preponderantes que chamam mais atenção em cada tópico. Neste especificamente, apresentaremos questões vinculadas, principalmente, à autoajuda e à vida cristã.

Em uma matéria publicada no site da IURD sobre o “fracasso”, o bispo afirma que para aquele que se considera fracassado, deve saber que há um poder interno, uma energia que emana de deus, que sai do seu trono e vai para cada um (B3, 2019). “No fundo do poço, você não tem para onde escapar. Você não tem com quem contar. Você só pode contar consigo mesmo e, sobretudo, com deus. No fundo do poço você só tem um lugar para olhar: para o alto. Quando não se pode contar com ninguém, só existe uma saída” (B3, 2019).

Imagine-se olhando para o alto e gritando por socorro. É nessa situação privilegiada que você se encontra. Privilegiada porque é o melhor momento para fazer parceria com Deus. Ele está perto para ouvir o clamor, atender e salvar. Porém, só pode agir se houver um clamor da sua parte. Esse é o momento de mudar a situação. Os que ainda estão descendo o poço, se iludem, pensando que podem contar com alguém; pensando que podem contar com a força de seu braço. Só no fundo do poço se reconhece que ninguém mais pode ajudar, a não ser o Espírito de Deus. Clame. Invoque a Deus. Você não está invocando um Deus qualquer. Ele quer mudar sua história, mas só pode fazê-lo quando você se liga com Ele (B3, 2019).

Essa passagem nos chama atenção quando o Bispo constata que o momento que a pessoa está gritando por socorro, ela está em uma situação privilegiada. Sabemos que o movimento de concentração do capital leva milhões de pessoas a pobreza, e isso é privilégio? Esse privilégio, para ele, é o momento em que a pessoa não tem ninguém para contar e percebe que só pode contar com deus. As pessoas atingidas por esse discurso, de um modo geral, são pessoas em sofrimento. São pessoas que precisam de ajuda, que estão fragilizadas emocionalmente. O nome

da notícia é “Você não é um fracassado”. As pessoas que a procuram para ler são pessoas que de alguma forma se sentem fracassadas e, por isso, precisam que alguém as diga que elas não são, mas estão, porque não clamavam a deus, mas que há uma forma de sair do buraco. E o resultado é: “Clame. Invoque a Deus”. Para não ser uma pessoa fracassada, a pessoa precisa de deus. Como afirma no texto, não adianta contar com seus próprios braços. Para o bispo [baseando-se na bíblia], não é com suas próprias forças que uma pessoa sai do buraco, é com a força de deus, e a força de deus se manifesta no coração do crente. Ela é uma força externa que age internamente exteriorizando o que é próprio da subjetividade humana. Isso torna o crente cada vez mais dependente do ser-deus.

Para manter a subsunção dos fiéis ao capital, é necessário criar formas de limitação das potencialidades de humanas do ser, assim, mantê-los como submissos a deus é uma forma de mantê-los como submissos ao capital e cada vez menos conscientes do processo de estranhamento.

Para reafirmar a importância de priorizar a relação com deus, o bispo afirma, em outra notícia: “o segredo para deixar de usar a falta de tempo como desculpa para tudo está em organizar as prioridades e considerar que a principal delas é a vida com Deus” (B4, 2019). Assim, a vida com deus, para os [neo]protestantes, deve ser prioridade de todo ser que deseja ter bons resultados. “Entregue o seu tempo a Deus e se dedique mais à vida espiritual. Em contrapartida, Ele lhe ensinará a usar o seu tempo com sabedoria” (B4, 2019).

Mais uma vez, deus assume o controle. A fantasia que sustenta sua onipotência é a que dá esperança ao fiel, como o próprio termo nos traz, “espera”, que o faz esperar por algo bom acontecer em sua vida, seja não ser um fracassado, seja saber administrar melhor o seu tempo, e qualquer outra questão que se apresente como um “problema”. Sempre haverá uma forma de responsabilizar deus pelas vitórias e conquistas de cada ser humano. E não só isso, mas também de colocá-lo como maior e mais importante que cada ser humano, mais poderoso, mais inteligente, mais sensato. É ele que sabe o que é melhor para cada pessoa.

No Manual de Comportamento Cristão, vemos como o cristão deve se comportar perante deus e perante o mundo.

Vale lembrar o que a Bíblia descreve em João 14.6-7: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.” É preciso nascer de Deus se quiser ser dEle. É necessário seguir o exemplo de Jesus se pretende alcançar a vida eterna. Então, se você está pensando em sair da igreja, se questione: “vale a pena correr o risco de perder a minha Salvação?” (I1, 2019).

A Salvação é a busca realizada pelos fiéis, é o objetivo maior dos presentes aqui na terra. A Salvação, para os cristãos, não é uma vida limitada a 60, 70, 80, 90 anos, é uma vida eterna com deus, é a possibilidade de encontro com deus, de uma eternidade ao lado dele, é a libertação do sofrimento humano. Os fiéis fazem o que fazem, agem como agem, porque buscam a Salvação, que é essa promessa criada pela religião de que quem seguir deus, e ao seguir “o exemplo de Jesus”, alcançará a vida eterna.

“Diante dos milhões de homens e mulheres que estão colocando sua Salvação em risco ao sustentar esse pensamento, quero dizer que não defendo aqui a placa de uma igreja, pois tenho consciência de que ela não salva. Meu objetivo é mostrar que a igreja física é fundamental para você ser corrigido, exortado, estimulado a dar frutos e a desenvolver os dons. Viver longe dessa comunhão é o mesmo que separar o peixe da água, o sangue do corpo, as nuvens do céu ou Cristo de Sua Igreja”, conclui o Bispo Edir Macedo (I1, 2019).

Nessa passagem, o bispo Edir Macedo fala sobre a importância de estar dentro de uma Igreja, de fazer parte e agir conforme o que ela prega. Para ele, viver longe da Igreja é como “separar o peixe da água”. “Quando a pessoa recebe o espírito de Deus, ela vive 100% em função da vontade de Deus” (I12, 2019). Para tanto, é importante que ela esteja dentro da Igreja, que ela se entregue de corpo e alma no altar. “O servo verdadeiro pensa apenas em agradar a Deus. O pecado não nos surpreende quando a gente pensa somente em agradá-lo”, explicou o Bispo (I2, 2019).

“Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes. E, estando cheia, a puxam para a praia; e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora. Assim será na consumação do mundo: virão os anjos, e separarão os maus de entre os justos, e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.” Mateus 13.47-50. Usando a parábola da rede (descrita acima), o Bispo Macedo pontuou que é preciso estabelecer a própria vida no único objetivo que é o Reino dos Céus, e que todos os que tiraram o foco dele, o perderam. O Bispo lembrou que o Senhor Jesus não morreu na cruz para que tivéssemos uma vida com abundância apenas aqui na Terra, mas principalmente no Reino dos Céus. “Quando abraçamos a fé no Senhor Jesus, deixamos de viver a nossa vida, morremos para o mundo, para os nossos sonhos. Nossos objetivos mudam como da água para o vinho”, destacou (I2, 2019).

Quando o Bispo explica a parábola, ele dá ênfase ao fato de que quem não estabelecer sua vida com o objetivo único de ir ao Reino dos Céus, será lançado na fornalha, onde “haverá pranto e ranger de dentes”. O objetivo deve ser ir para além da terra, ir para além do mundo material. A luta de cada fiel deve ser subir aos céus com deus, pois quem permanecer na terra e lutar por objetivos mundanos, materiais, será jogado fora. A afirmação de que “quando abraçamos a fé no senhor Jesus, deixamos de viver nossa vida, morremos para o mundo, para os nossos sonhos” é sobre não termos desejos mundanos. Aqui, ele inclui até mesmo seus sonhos, que também estão condicionados pela fantasia divina. O bispo quer dizer como se deus

condenasse quem vive essa vida buscando realizar sonhos na terra. Todas as pessoas devem sonhar com os céus, e não com a terra. Se a vida espiritual é maior e mais importante que a vida material, porque devem sonhar na matéria? Por que devem realizar na matéria? Morrer para o mundo é isso, é deixar de priorizar os prazeres do mundo e buscar seguir a palavra de deus, que é o que os levará aos céus. Mas devem saber, também, que é uma via de mão dupla, uma vez que deus também não quer o sofrimento de seus filhos, por isso ele abençoará na terra aqueles que o obedecem.

A objetivação estranhada da vida é demonstrada pelo fato do mundo produzido pelo ser humano ser estranho a ele, já que ele não se reconhece como produtor desse mundo, e sim deus

— ser criado também por ele. Ele cria o mundo e também o ser que governa o mundo ao qual ele está subsumido. Os fiéis são movidos por uma realidade que tem sua raiz na fantasia. O Reino dos Céus é como um mistério que todos devem almejar chegar, pois é lá que mora deus. Esses argumentos corroboram a construção de uma consciência cada vez menos real, uma vez que a realidade que está posta para os fiéis é a realidade inventada baseada no céu, onde se encontrarão com o senhor. A consciência construída é, portanto, idealizada, fantasiada, falsa, pois o que importa para os fiéis não é a vida material, e sim a vida espiritual, aquela imaginada e sustentada através da bíblia, através do fetiche-deus. E que vida é essa? Ela é inventada a partir da negação de quê? Da terra? Nesse sentido, devemos pensar na relação entre o céu, o inferno e a terra. Tanto deus quanto o diabo são figuras criadas pelo ser humano, são figuras sustentadas por uma consciência de mundo invertida, fantasiosa. A terra, que é onde existe a única consciência possível, que é a consciência da vida material, ela é colocada como o intermédio entre o céu e o inferno, como uma passagem. O fim último é o céu ou o inferno, ou seja, o fim último é um lugar que não existe. E é nisso que os fiéis devem acreditar, porque, se eles acreditarem que a terra é o lugar em que devem estar, eles terão que lidar com as contradições da realidade material, e a Igreja não está pronta para lidar com as contradições reais, por isso ela cria ideais. Para não ter que dar soluções reais aos problemas reais, as quais, para isso, ela teria que encarar as contradições da vida material no capitalismo e criar condições para sua supressão, a mesma então cria soluções ideais aos problemas reais, que não os resolve porque não estão comprometidos com sua resolução e, ao mesmo tempo, soluções ideais aos problemas ideais — trazendo as figuras de deus e do diabo para legitimar essas [falsas] soluções.

“De acordo com o Bispo Renato Cardoso, a única forma de estar dentro dos planos do Altíssimo, é servindo-O. Afinal, de outra forma, a pessoa estará servindo a si mesma ou a este mundo” (I3, 2019). Assim, servir o mundo ou a si mesma é o contrário que servir a deus. Para

servir a deus, a pessoa precisa transformar seus sonhos para os sonhos verdadeiros à vontade de deus. *“E, se alguém Me servir, Meu Pai o honrará”* João 12:26 (I3, 2019).

O Senhor Jesus deixou claro, quando esteve na terra, que Ele conhece todas suas ovelhas e, sobretudo, elas O seguem. *“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem”*. João 10:27. Isso quer dizer que ser ovelha de Deus vai muito além de ouvir Sua voz. É necessário seguir a Ele também. Seguir o que Ele deseja que siga. Fazer o que Ele quer que faça. É sacrificar suas vontades para seguir as orientações do seu Pastor. Seguir a Jesus, como uma ovelha, é não enxergar o futuro, mas confiar que o seu Pastor está lhe guiando para o melhor lugar e que, apesar das dificuldades, Ele sempre estará junto para lhe proteger dos lobos que atentarem contra você (I6, 2019).

A partir dessa passagem, entendemos que, para seguir deus, é necessário sacrificar suas vontades, “é não enxergar o futuro” e confiar. Mais uma vez, ter a convicção da fé. Acreditar mesmo sem ver. Acreditar de olhos fechados. “Os que creem não pertencem mais a este mundo. O mundo vai odiar o que não é do mundo. A paz que nos foi prometida é a paz de espírito. Do lado de fora, nos foi prometida a guerra” (I11, 2019).

“Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim não é digno de Mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a Mim não é digno de Mim; e quem não toma a sua cruz e vem após Mim não é digno de Mim” (Mateus 10.37,38). (I11, 2019)

Amar deus antes de todas as pessoas é o que os fiéis devem fazer para serem dignos de deus. Uma criatura criada dentro de cada cristão determina o amor direcionado ao próximo. Uma criatura criada e idolatrada como o melhor e mais importante ser do mundo determina a prioridade do amor de cada um. Essa mesma criatura impõe que “mais importante do que agradar aos outros é agradar a Deus. Mais importante do que o que os outros pensam, é o que Ele pensa. [...] Sacrificar os afetos deste mundo pelo amor de Deus” (I11, 2019). Como pode uma criatura tão perfeita exigir isso dos seus seguidores?

“Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” Isaías 55:8,9 (B7, 2019)

Como Marx (2013b) nos afirma, esta é uma consciência invertida de mundo, a religião é uma consciência invertida de mundo. Mas ela é uma consciência invertida de mundo porque ela é criada por uma sociedade que vive em um mundo invertido, que vive em um mundo desumanizado, em uma realidade estranhada. Portanto, como não criar um produto estranhado? A religião, como um produto da forma de sociedade em que vivemos, não se aparta dessa realidade estranhada. Se um ser estanhado produz uma ideologia, como pode esta ser uma ideologia não estranhada? A religião inviabiliza a apreensão do real e essa é a limitação para que os fiéis não vejam as contradições reais da vida.

Parte dessas notícias apresentadas nos direcionam a conhecer um momento que vem ocorrendo na Universal nos últimos tempos: um evento chamado Jejum de Daniel. “A ação é

realizada a partir do propósito descrito no capítulo 10 do livro de Daniel, na Bíblia, quando ele decidiu jejuar em busca de sabedoria e renovação”⁷. A proposta é se afastar das distrações e de qualquer forma de entretenimento que não esteja ligado a deus. O objetivo maior é se aproximar de deus, permanecendo em jejum, distante das coisas e notícias do mundo por 21 dias e se alimentando apenas da palavra de deus por meio de diversos canais de comunicação indicados pela IURD.

Fugir da realidade material é o que é proposto. Esquecer o mundo e direcionar toda atenção na bíblia, na palavra de deus. “Não basta investir na formação intelectual, é preciso, sobretudo, investir na formação do caráter de Deus (I12, 2019). Assim, para conhecer o caráter de deus, é necessário conhecer as qualidades do espírito de deus. A IURD, então, publicou uma notícia classificando-as em 7.

1 – A Plenitude da grandeza de Deus – quem tem o Espírito de deus tem a plenitude da grandeza de deus dentro de si.

2 – Sabedoria – O Espírito de sabedoria é Quem torna a pessoa sábia. Não se trata da sabedoria desse mundo, mas a sabedoria que vem do Alto.

3- Entendimento – O Espírito de entendimento dá à pessoa compreensão das coisas espirituais. Ela tem o seu intelecto aberto, é sensível à voz de Deus. Ela consegue facilmente discernir a voz do Espírito Santo dentro dela, guiando as suas escolhas, de acordo com a vontade de deus. “Quantas pessoas leem a Bíblia e não entendem nada? Isso acontece, porque elas ainda não receberam o Espírito Santo. No entanto, quando a pessoa tem o Espírito Santo, ela lê a Bíblia e entende perfeitamente o que Deus quer falar com ela”.

4 – Conselho – A pessoa que tem o Espírito de Deus tem o Espírito de conselho. Ela sabe aconselhar a pessoa aflita de acordo com a necessidade dela. Qualquer que seja a aflição, qualquer que seja o problema: quem tem o Espírito de conselho sempre terá uma palavra que vai ao encontro da necessidade do aflito.

5 – Força e fé – O Espírito de fortaleza é Quem torna a pessoa intrépida, fervorosa e de uma fé inabalável. “É o Espírito que a faz levantar o que está caído. Faz a pessoa que está prostrada reverter a situação e se levantar. Ela tem ânimo para enfrentar as lutas e vencê-las.”

6 – Conhecimento: O Espírito do conhecimento proporciona ao batizado com o Espírito Santo o conhecimento que o mundo desconhece. Porque é o Espírito do Criador que conhece todas as coisas. Ele lhe dá conhecimento de coisas que as pessoas mais letradas desse mundo não têm e não podem ter, porque não O conhecem.

7 – Temor – Não é medo, é temor, respeito, reverência. Quando a pessoa tem o Espírito do temor, ela tem o Espírito que a faz compreender o quanto insignificante ela é e quão grande é Deus.

A partir dessas qualidades, podemos perceber o quanto deus é mais significativo que qualquer ser humano. A consciência religiosa no capitalismo, subjetivada pelos fiéis, está mais próxima da religião objetivada, quanto mais ela se afasta do mundo, das questões terrenas, quanto menos política e material ela for, e quanto mais ela for um produto da fantasia. Nessa

⁷ Quais os benefícios do Jejum de Daniel. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/quais-os-beneficios-do-jejum-de-daniel/>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

passagem, percebemos o quanto a raiz é sempre externa, a pessoa é um instrumento do espírito santo, é “a voz do espírito santo”, “a vontade”, “as escolhas”, é ele que “faz”, “proporciona”, “conhece”. A verdade material nada vale sem o espírito santo. O bispo aqui está falando sobre o conhecimento, sobre a teoria, e como ele está condicionado ao saber de deus, ao conhecimento de deus. Marx já nos expôs que as teorias que se apoderam das massas ganham força material, e este poder material só pode ser combatido pelo poder material (MARX, 2013b). Assim, é através da consciência [de classe] que é possível romper a estrutura opressora que produz o estranhamento humano, pois esta é uma ideologia produzida pelo capital, por conseguinte, a consciência interior está estranhada — a partir da religião — e também a vida efetiva — pelo capital. É por isso que os fiéis não se questionam quando o bispo afirma que a pessoa deve compreender o quão “insignificante ela é e quão grande é Deus”. O estranhamento é tanto que o ser humano é um nada, um ninguém, e ele mesmo afirma isso. Essa é a força material que estamos nos referindo.

Para tanto, o conselho final do Bispo é que, “para receber a Plenitude de Deus, é preciso morrer para si mesmo e para o mundo. Você está disposto a pagar o preço?” (I12, 2019).

4.2.4.2 A Teologia da Prosperidade [não] cabe no seu bolso

Partindo das discussões anteriores, apresenta-se na notícia “Como ter a fonte da sabedoria” que:

Albert Einstein, Bill Gates, Steve Jobs e tantos outros gênios da história eram pessoas acima da média. Porém, tanta inteligência ainda é pequena diante da poderosa mente do Criador. O melhor de tudo é que o Senhor a deixou disponível para quem O buscasse. (B7, 2019)

Aqui vemos deus como o ser onipotente. Para o bispo, Edson Costa, não existe mente mais inteligente que a mente de deus. Até mesmo os “gênios da história” têm uma pequena inteligência perto da inteligência de deus. E o melhor — para os fiéis — é que quem quiser pode ter uma mente inteligente, pois deus deixa sua inteligência disponível para quem o buscar, para quem seguir seus passos, sua palavra.

Mas, infelizmente, nem todos alcançam essa conquista. Por quê? Porque nem todos estão dispostos a fazer o que é preciso para chegar ao Altar. “É dele que jorram inspirações para qualquer área da sua vida, é o lugar em que você tem acesso ao Senhor e faz um pacto com Ele. Mas nem todos estão dispostos a se entregar de corpo, alma e espírito”, explicou o Bispo (B7, 2019).

Neste momento, seguimos para o próximo ponto: a chegada ao altar. Para os neoprotestantes, seguidores da Teologia da Prosperidade, o crente merece a prosperidade financeira, mas, para isso, ele deve “se entregar de corpo, alma e espírito”. Isso quer dizer que

ele deve entregar para a Igreja o que ele tem, para que assim ele receba as bênçãos de volta. Quando o bispo diz que “nem todos estão dispostos a fazer o que é preciso para chegar ao Altar”, ele está chamando atenção para isso. É como se fosse um sacrifício, como se algo devesse ser sacrificado para obter a glória, para obter a prosperidade material. E o sacrifício é do próprio bem material. Para isso, os bispos e pastores ensinam como os fiéis se tornam uma pessoa organizada nas finanças a partir da fidelidade a Deus (D2, 2019).

“Não importa quão certas ou quão sábias são suas palavras, se você é pobre ninguém lhe dará atenção. A sabedoria do pobre, ninguém vai ouvir. Não adianta você falar que é de Deus, se você não tem obras, se você não mostra isso no dia a dia” (D1, 2019). Nesse momento, revisitamos os dados do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010) para trazer um dado sobre o rendimento nominal mensal domiciliar per capita no Brasil de pessoas de 10 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, por grupo religioso em 2010. É evidenciado que, de aproximadamente 20 milhões de evangélicos de origem pentecostal, mais de 13 milhões recebem até um salário mínimo de R\$510,00⁸, o que significa que pouco menos de 70% dos evangélicos pentecostais e neopentecostais vivem em situações precárias de vida.

Este dado evidencia que a maior parte dessa população se encontra em uma “classe social” baixa — pobre (E) — de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Além disso, constata-se que a maior parte dos evangélicos no Brasil fazem parte da classe trabalhadora, ou seja, vendem sua força de trabalho aos capitalistas para que possam reproduzir suas condições materiais [básicas] de existência.

Trouxemos isso em discussão para que fique evidente a manipulação discursiva do grupo de religiosos que ditam as características da Teologia da Prosperidade aos fiéis, que, de acordo com ela, merecem prosperidade financeira, mas se mantêm enquanto classe oprimida e explorada, com um elevado número que comprova sua realidade miserável [aproximadamente 70%].

Em continuidade, o palestrante afirma:

Talvez, você, homem, já venceu a pornografia, as drogas e tantos outros comportamentos ruins. Entretanto, isso não é o suficiente. Você também precisa vencer a miséria, as dívidas e os problemas financeiros. Não é para a sua glória, é para a glória dEle. Dinheiro fala e as pessoas ouvem. Nós não somos mais um ‘homem comum’. Não devemos nos gloriar nisso, mas a obra que Ele começou em você será terminada. (D1, 2019)

Isso quer dizer que, para a IURD, para os neopentecostais, é necessário “vencer a miséria, as dívidas e os problemas financeiros”, ou seja, os fiéis não podem ser pobres. Mas

⁸ Salário mínimo no ano base de 2010.

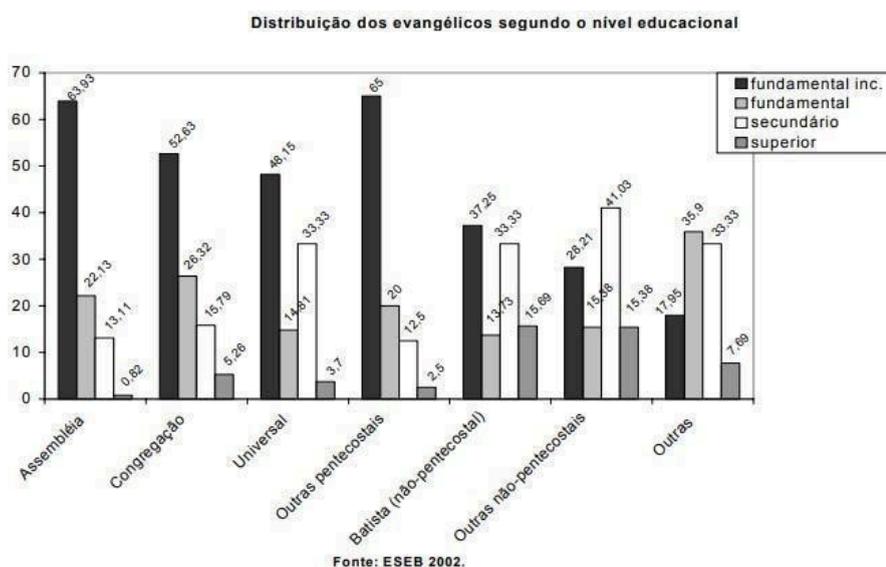
eles são — em sua grande maioria. Como resolver este conflito? Entregando o pouco que se tem ao altar? Sim, pois, para os crentes, essa é a única forma de ser recompensado.

E ele continua dizendo que isso não é para o fiel individualmente, é para deus. Para fazer jus à sua crença, o fiel não pode decepcionar deus, ele não pode ser pobre. Se o dinheiro fala e as pessoas ouvem, o fiel deve ter prosperidade financeira para mostrar para pessoas que ele é de deus. Isso confirma que o fiel deve andar com seu poder social no bolso, pois essa é uma das características que evidencia a obra de deus. “Em outras palavras, você precisa ter em sua vida algo que mostra a sua fé e sabedoria. Algo que comprove o poder de Deus” (D1, 2019), porque se serve a deus e não ao dinheiro. É o desapego da obediência ao dinheiro para a obediência a deus me devolver o dinheiro.

Dívidas, contas atrasadas, despesas inesperadas e imprevistos financeiros são situações vividas por muitos brasileiros. Há pessoas que podem até ter um salário compatível com o padrão de vida que têm, mas parece que ele não é suficiente: o dinheiro não rende. Então, elas colocam a culpa na empresa em que trabalham e nos preços altos dos produtos no mercado. Pode ser que esses aspectos sejam verdadeiros, mas por que algumas pessoas prosperam enquanto outras contam moedas? (D2, 2019)

Como vimos nos dados, as pessoas que prosperam são poucas, se relacionarmos com toda a massa de evangélicos no país. Nesse sentido, nos questionamos sobre a escolaridade dos fiéis e, para corroborar com nossas análises, percebemos que os fiéis da IURD, em sua maioria, não têm nem o ensino fundamental completo.

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS EVANGÉLICOS SEGUNDO O NÍVEL EDUCACIONAL



De acordo com o gráfico apresentado por Bohn (2004), 48,15% por fiéis da Universal têm ensino fundamental incompleto, 14,81% têm ensino fundamental completo, 33,33% têm ensino secundário e apenas 3,7% têm ensino superior. Um dado mais atual, de acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2010), expõe que 54,12% dos evangélicos de origem pentecostal se consideram “sem instrução e fundamental incompleto”. Esses dados demonstram que a probabilidade dos fiéis de prosperarem financeiramente no sistema capitalista de produção, que têm como base a meritocracia para o sucesso profissional, é baixa, visto que a escolaridade é um fator importante para o crescimento econômico pessoal. Além disso, como é demonstrado nos dados que apresentam a faixa salarial dos crentes, a grande maioria é considerada pobre, o que não evidencia a possibilidade dessa ascensão econômica.

O segredo para organizar as finanças está na fidelidade a Deus. Ela ocorre principalmente quando a pessoa se torna dizimista da Casa d’Ele. O Bispo Marcelo Moraes, que realiza a reunião da Nação dos 318 às segundas-feiras no Templo de Salomão, em São Paulo, explica que o dízimo é o sinal que o ser humano dá de que Deus é prioridade na vida dele. “Quando a pessoa é dizimista, ela coloca Deus em primeiro lugar, como está escrito em Mateus 22.37: ‘Amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento’” (D2, 2019).

Em sequência, obtemos a resposta para a pergunta: Como ser fiel a deus? Como colocar deus como prioridade na sua vida? A resposta é simples, “ela ocorre principalmente quando a pessoa se torna dizimista da casa d’Ele”. Colocar deus em primeiro lugar, então, é ser uma pessoa dizimista, é dar dízimo para a IURD, que é considerada a casa dele. Justificam que algumas pessoas prosperam, enquanto outras contam moedas porque elas são dizimistas. Então um ser supra-humano quer dinheiro para sua casa? E esse mesmo ser só acredita no amor dos seus fiéis quando estes dão seu dinheiro? Essas são algumas perguntas que costumam ser respondidas pela bíblia, que é a primeira fonte de conhecimento dos crentes. O fiel, como um ser estranhado na vida religiosa e na vida efetiva [pelo estranhamento do trabalho], considera a vida espiritual sobreposta à vida material, diminuindo mais ainda sua possibilidade de adquirir consciência para sua emancipação. Sua vitalidade aparece como sacrifício da vida (MARX, 2004), isto é, ele sacrifica sua vida para estar vivo. O fiel, ao vender sua força de trabalho, é explorado pelo capitalista e entrega parte do que resta [do seu salário], 10%, a deus — o que caracteriza duas atividades estranhadas, a primeira como relação de trabalho e a segunda como crença ideológica — a religião.

A Palavra de Deus é clara sobre o que ocorre quando a pessoa se torna dizimista: as janelas do céu serão abertas e serão derramadas bênçãos sem medidas sobre ela, como diz a Escritura em Malaquias 3.10, ou assim como aconteceu com Abraão, que deu o dízimo de tudo o que tinha e Deus o abençoou em tudo, conforme relatado em Gênesis 14.20 (D2,2019).

A prosperidade material, prometida pela Teologia da Prosperidade, é como uma recompensa para os fiéis que financiam a obra de Deus (TORRES, 2007). Assim como as pessoas pagam impostos ao governo, os fiéis devem pagar a Deus, que é quem os auxilia diariamente. Assim, quando a pessoa se torna dizimista, Deus a abençoa. Junto a esse discurso, a IURD produz a esperança nos fiéis, principalmente aqueles que buscam prosperidade financeira. É como uma saída para que eles consigam o que almejam. Para ter uma boa vida financeira, é preciso, então, financiar a Igreja, é preciso dar o que se recebe fora da Igreja para dentro da Igreja, e, em troca, Deus te recompensará. O dinheiro, portanto, é sinal da bênção de Deus.

Acontece que na vida concreta não é assim, como vimos nos dados e nas observações. Se todos que seguem a Deus e o obedecem são merecedores da riqueza, por que quase 70% dos fiéis vivem em condições miseráveis de vida? É suficiente ser um dizimista para prosperar? Sabemos que não. A religião procura dar soluções para os problemas cotidianos das pessoas, mas é o que ela precisa fazer para conseguir manter os fiéis vinculados à doutrina. Só que essas soluções não são suficientes, pois os fiéis, em sua maioria, não estão mudando de vida, não estão enriquecendo, prosperando, etc. Alguns podem até ter alterações em suas vidas, como conseguir um emprego, mas isso não é o mesmo que enriquecer e prosperar, são apenas formas de encobrir os buracos maiores, como o da exploração. E assim a Igreja precisa acionar outros discursos para mantê-los vinculados e justificar porque não está dando certo: porque não estão confiando o suficiente, dando o suficiente, obedecendo o suficiente.

Isso é enfatizado ainda mais nas segundas-feiras em todos os templos da IURD no Brasil, onde acontece a reunião da Nação dos 318, que é dedicada “à superação total na área financeira” (B7, 2019).

4.2.4.3 O regulamento da fé para a vida amorosa dos fiéis

Quando falamos da vida amorosa dos fiéis, ressaltamos que existe um culto na IURD que acontece toda quinta-feira chamado Terapia do Amor, em que são dados diversos conselhos amorosos para casais, solteiros(as) e divorciados(as). Embora este não seja um tópico voltado para testemunhos e depoimentos [teremos um tópico sobre isso mais à frente], no site da IURD, as notícias são publicadas, muitas vezes, relatando parte dos cultos, durante os quais, neste caso específico, há comentários dos(as) participantes, que apresentam a externalidade da subjetividade. Também vale lembrar que a maioria dos comentários e conselhos são dados pela Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, e seu companheiro Renato Cardoso. A busca de um par ideal é o que norteia os conselhos.

“O que você tem que fazer é parar de pensar nele. É uma escolha que só você pode e deve fazer” (E6, 2019). Essa frase evidencia como os conselhos são diretos. As pessoas contam o que se passa em poucas frases, e, imediatamente, Cristiane tem a resposta para o que deve ser feito.

As pessoas gostam de espiritualizar as coisas. Deus iria mandar você montar um negócio com uma pessoa que ainda não tem a certeza que vão se casar? Vocês têm projeto de casamento, mas projeto de casamento vem depois de uma certeza e você não tem certeza, tanto é que escreveu para a gente. Deus não Se contradiz. O que está acontecendo é que você está colocando mais confiança nela do que ela merece. Você pode estar embarcando em uma furada, em um “Titanic” (E1, 2019).

Neste caso, a pessoa que pede conselho não sabe se deve se envolver em um projeto financeiro com uma pessoa com a qual ainda não é casada. Cristiane imediatamente responde que, sem casamento, não há negócio. Se a pessoa está com outra, mas não tem certeza se vai casar, então é porque não tem tanta confiança assim. Isso dá a entender que, quando duas pessoas se relacionam, elas obviamente devem buscar um casamento. Se Deus não deu a certeza para ele sobre o casamento, é porque ele pode estar “em uma furada”, porque “Deus não Se contradiz”. Marcamos este trecho para chamar atenção para a formação subjetiva dos fiéis quando se tratam dos afetos amorosos. O casamento deve ser a busca de todo casal. Mas o casamento para a Igreja não é apenas ser um casal, mas sim realizar promessas, inclusive de eternidade, ao companheiro ou companheira. Por isso, ela afirma que não pode haver dúvidas, pois um “projeto de casamento vem depois de uma certeza”, e a certeza se tem por meio de Deus, sabendo que Deus não se contradiz.

A insegurança e a ansiedade de Taisa aumentavam quando ela ouvia frases como “antes só do que mal acompanhada”, “você é tão bonita, por que não arrumou ninguém ainda? ”, “só você que não casou, né? ” Apesar de já estar frequentando a Terapia do Amor naquela época, ela não praticava o que era ensinado. “Passei a confiar de verdade em Deus, a crer que Ele iria preparar tudo no momento certo e que tudo iria acontecer no seu devido tempo” (E2, 2019).

Aqui, Taisa aponta que, mesmo frequentando a Terapia do Amor, ela não praticava o que era ensinado, logo, sentia insegurança e ansiedade. O que mudou foi quando ela passou a confiar de verdade em Deus e crer, ter fé, que “Ele iria preparar tudo no momento certo”. Percebemos como a ideologia da fé é o berço para as particularidades da vida dos fiéis. Independente do que estiverem passando, pela fé tudo pode ser solucionado.

Em 2018, na Terapia do Amor, ela conheceu Vanor Fagundes da Silva, de 36 anos. [...] Ele e Taisa namoraram e se casaram em fevereiro de 2019, na Universal de Itaquaquecetuba, na Grande São Paulo. “Ele foi a pessoa que Deus preparou para mim. Consigo fazê-lo feliz porque eu já estava realizada comigo mesma”, revela Taisa (E2, 2019).

Logo depois, ela conheceu seu companheiro na Terapia do Amor e se casou em um templo da Universal. Ela diz que deus preparou seu companheiro para ela. Foi por acreditar nele e frequentar o culto, que ele preparou alguém para ela. A notícia chama “Como eliminar a ansiedade na área amorosa”. A resposta da IURD é simples: frequente a Terapia do Amor e ame a deus acima de todas as coisas. A notícia nada diz sobre o que na prática são esses encontros: locais com concentração de pessoas dispostas a iniciar ou corrigir uma relação. Não é deus quem prepara, mas a atividade da pessoa tanto no que diz respeito à frequência nos cultos quanto sua disposição em conduzir seus atos conforme o que dizem os pastores.

Em outra notícia, com o tema “Fico com meu namorado ou escolho as amigas? ”, Cristiane Cardoso opina:

O que você tem que entender é que para que o relacionamento seja saudável precisa haver sacrifícios. Mesmo que você não queira deixar as suas amigas, terá de sacrificá-las pelo seu relacionamento. Não estou dizendo todas, mas aquelas que não combinam com um relacionamento amoroso, como a amizade com o sexo oposto. Ter contato com uma pessoa do sexo oposto, uma vez que você está comprometida, é algo estranho (E3, 2019).

De acordo com ela, “mesmo que você não queira deixar suas amigas, terá de sacrificá-las pelo seu relacionamento”, ou seja, seu relacionamento é mais importante que suas amigas. Essa frase nos chama atenção, porque coloca a necessidade de se relacionar amorosamente com alguém como prioridade na vida dos fiéis. É mais importante ter um namoro do que um amigo. E ela continua, “não estou dizendo que todas, mas aquelas que não combinam com um relacionamento amoroso, como a amizade com o sexo oposto”. Para ela, homens devem se casar com mulheres e, por isso, não devem ter amigas mulheres, pois a única mulher que pode ter em sua vida é sua esposa. E o mesmo acontece com as mulheres, que devem se casar com homens e, por isso, não podem ter amigos homens, pois seu marido deve ser o único homem de sua vida. Sabemos que na prática não é bem assim, já que isso se coloca muito mais para a mulher do que para o homem.

Na sociedade em que vivemos, este pensamento conservador é o que é passado para centenas de pessoas que têm acesso a essa opinião. Ter o impedimento de fazer uma amizade com alguém pelo seu gênero parece incabível, mas é o que é dado como certo para deus. Cristiane não é apenas uma comentadora, ela é uma representante do pensamento da IURD e, mais ainda, para os fiéis, é uma representante do pensamento de deus. Poucas são as mulheres que assumem posições de destaque na IURD, mas Cristiane, por ser filha de Macedo, tem influência na constituição da subjetividade das mulheres que frequentam os cultos. Considerando isso, muitas veem nela um exemplo de mulher, até mesmo por ser filha do líder

da Igreja. Quando ela comenta esse tipo de coisa diante dos conflitos amorosos, este discurso é dado como verdadeiro, logo é subjetivado como uma realidade.

“Entender a grandeza de ser auxiliadora foi um dos maiores aprendizados que as reuniões da Terapia me trouxeram. Vivíamos uma relação bagunçada e eu queria tomar a frente de tudo, pois vivi muitos anos sozinha. Não aceitava ser submissa nem auxiliadora e queria tomar o lugar do homem”, diz Taís (E4, 2019).

Essa passagem traz o incentivo a uma relação opressora entre homem e mulher. Como Taís confirma, ela entendeu nas reuniões da Terapia do Amor a “grandeza de ser auxiliadora”, de ser uma mulher que auxilia, que cuida. E continua dizendo que “não aceitava ser submissa nem auxiliadora e queria tomar o lugar do homem”. Ela agora vive uma boa relação com seu marido, pois aceita ser submissa e auxiliadora e não quer mais tomar o lugar do homem, de independente, autônomo. Essa passagem tem um viés opressor, uma vez que coloca a mulher como submissa, em um lugar de inferioridade diante do homem. Essa possibilidade objetiva posta pela IURD é subjetividade por grande parte das fiéis como uma realidade necessária em uma relação afetiva, na qual elas devem entender que seu lugar é como auxiliadora, como cuidadora do homem, da casa, das crianças. Enquanto isso, o homem é quem manda. Esse discurso confirma a estrutura patriarcal existente na sociedade em que vivemos, o que torna a mulher cada vez mais distante da realização de sua emancipação.

De acordo com o “Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais”, em 2014, 52% das mulheres mencionaram ter sofrido violência física, e 43% relataram sofrer violência todos os dias (SENADO, 2016). Esses números nos chamam atenção, principalmente diante do discurso de submissão da mulher imposto pela Igreja, que compõe em sua maioria de fiéis mulheres de baixa renda e com pouca instrução educacional, o que é um grande facilitador para a perpetuação da violência e do feminicídio.

Essa passagem, por sua vez, abre espaço para entrarmos em um outro tópico.

4.2.4.4 Universal e [sua] ideologia de gênero

A ideologia que sustenta o neopentecostalismo também tem suas concepções a respeito do gênero. Aqui, mostraremos três notícias que servem para revelar parte do pensamento da IURD com relação às questões de gênero, bem como apresentar dois movimentos da Igreja Universal do Reino de Deus que é direcionado por gênero, quais são: o Intellimen, criado pelo bispo Renato Cardoso, e o Godllywood, criado por Cristiane Cardoso. O casal objetiva ajudar homens e mulheres a serem melhores em suas vidas. Veremos, posteriormente, a ideologia que sustenta estes movimentos.

A primeira notícia começa com uma frase de efeito: “Veja como a honra é um atributo essencial à masculinidade” (I13, 2019). O objetivo dela é mostrar como um homem, para ser homem de verdade, deve ter honra. Desde já, percebemos como existem qualidades específicas que são vinculadas ao gênero. Não basta ter um órgão genital, quiçá se reconhecer como pertencente àquele gênero [sobre isso, mostraremos mais à frente uma notícia sobre um caso de transexualidade]. O que determina sua pertença ao gênero masculino e feminino, para a IURD, primeiro é o órgão genital e, em sequência, se você possui ou não as características necessárias àquele gênero.

Muitas culturas ao longo da História relacionam a honra à masculinidade. Antes que alguém venha com polêmica, é importante dizer que ser uma pessoa honrada não é traço exclusivo deste ou daquele gênero, mas é, de fato, interessante essa relação antiga. Inclusive, algumas correntes de pensamento entendiam que ao perder a honra também perdia-se o sentido de ser homem. Essa relação é tão verdadeira que entre os sinônimos de honra está a palavra *hombriedade*, que tem origem no espanhol *hombredad* e significa qualidade ou dignidade de ser homem. Mesmo que seres humanos do sexo feminino ou masculino possam ter honra, ser honrado também é essencial para se definir como homem (I13, 2019).

É interessante observar como a IURD já argumenta tentando evitar a crítica, “antes que alguém venha com polêmica” e tenta mostrar que a honra não depende de gênero. Adiante, ela já nega o que disse, mostrando que a palavra honra é derivada da “qualidade ou dignidade de ser homem”. Ou seja, ainda que mulheres possam ter honra, esta é uma qualidade essencial “para se definir como homem”. Qualidade essencial no sentido que vem da essência, logo, mulheres podem ter honra, ainda que isso não seja da sua essência. Agora o homem, para ser homem de verdade, deve ter essa qualidade como essencial do seu ser. “Afinal, quem não a tem é rotulado de moleque, bandido, infiel ou qualquer outro adjetivo negativo que não tem nada a ver com a masculinidade de fato saudável” (I13, 2019). Isso objetivamente determina uma qualidade subjetiva para o ser-homem, uma vez que, para a IURD, a masculinidade não porta qualquer adjetivo negativo.

Agora no que se refere às mulheres, a IURD lança uma notícia chamada “O que a Bíblia fala de igualdade de gênero?”. “Diferentemente do que muitos imaginam, a luta por direitos iguais é mais antiga do que parece. Nunca ouvimos falar tanto sobre igualdade de gênero” (I8, 2019). Aqui, a Igreja reconhece que é um assunto importante de ser tratado. Em seguida, afirma o que se segue:

de uns tempos para cá, algumas [mulheres] têm deturpado a palavra de Deus, dizendo se tratar de um livro machista. Baseiam-se em texto, sem contexto, para esbravejar seu ódio pelos homens, pela Palavra de Deus e, sobretudo, pelo Altíssimo. Todavia, a afirmação não passa de um discurso barato e sem fundamento, vindo de quem, claramente, não conhece as Escrituras Sagradas.

Através dessa fala, a IURD afirma que o argumento de que a bíblia é um livro machista não passa de um discurso falso de pessoas que não conhecem a bíblia. Para evidenciar essa afirmação, eles continuam com um exemplo “onde a Bíblia revela o valor que a mulher possui” (I8, 2019). O exemplo é o das filhas de Zelofeade. E assim, contam a seguinte história:

Na época de Moisés, as leis eram severas. As mulheres tinham sua importância, mas seu espaço ainda era reduzido. Àquela época, por exemplo, apenas filhos homens poderiam receber heranças de seus pais. Ao sair do Egito, os hebreus caminharam durante 40 anos no deserto, rumo à terra prometida (Deuteronômio 8:2). Durante esse tempo, muitos hebreus faleceram, inclusive, Zelofeade. O homem hebreu não possuía filhos homens, apenas cinco mulheres. Eram elas: Maalá, Noa, Hogla, Milca e Tirza. Assim sendo, elas não poderiam herdar as posses de seu pai, pelo simples fato de serem mulheres. Contudo, vendo a situação, as cinco irmãs reivindicaram o direito à herança de seu pai, junto a Moisés. *“E apresentaram-se diante de Moisés, e diante de Eleazar, o sacerdote, e diante dos príncipes e de toda a congregação, à porta da tenda da congregação, dizendo: Nosso pai morreu no deserto, e não estava entre a congregação*

{...} Por que se tiraria o nome de nosso pai do meio da sua família, porquanto não teve filhos? Dá-nos a herança entre os irmãos de nosso pai”. Números 27:3-4. Moisés, por sua vez, viu que a luta das jovens irmãs era legítima e levou a causa a Deus, que, de pronto, respondeu: *“As filhas de Zelofeade falam o que é justo; certamente lhes darás a herança entre os irmãos de seu pai; e a herança de seu pai farás passar a elas. E falarás aos filhos de Israel, dizendo: Quando alguém morrer e não tiver filho, então fareis passar a sua herança à sua filha. E, se não tiver filha, então a sua herança dareis a seus irmãos.”* Números 27:7-9. (I8, 2019)

Essa passagem evidencia nossas suposições de que, sim, a bíblia é um livro machista. Tentando mostrar o valor da mulher perante a bíblia, a IURD apresenta um exemplo machista em sua essência, ainda que, aparentemente, possa parecer que não. “Perceba que as jovens conseguiram mudar a lei. Deus, por ser justo, deu a elas o que lhes era de direito O que há de machista nisso? Nada. ” (I8, 2019). Ainda que as filhas de Zelofeade tenham conseguido a herança de seu pai, o fato de Deus concordar que elas mereciam a herança e mudar a lei não é suficiente para mostrar o valor da mulher. Chamamos atenção para isso porque, posteriormente, Deus manda dizer aos filhos de Israel que, “quando alguém não tiver filho, então fareis passar a sua herança à sua filha”. Essa passagem, ainda que traga consigo uma conquista para as mulheres, que agora serão consideradas para receber a herança, não é suficiente, porque elas não possuem o mesmo direito que os homens no momento da decisão. As filhas só receberão a herança se o pai não tiver “filho” [homem]. Ou seja, mais uma vez, o homem vem à frente, o homem se mostra mais importante e de mais valor que a mulher.

Dentro dessa matéria, fomos levadas à outra, “O verdadeiro significado e o poder da mulher”⁹, que conta com uma passagem bíblica que corrobora nossas análises: *“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma (ezer kenegdo) ajudadora*

⁹ O verdadeiro significado e poder da mulher. Disponível em <https://www.universal.org/noticias/post/o-verdadeiro-significado-e-poder-da-mulher/>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

idônea para ele. ” (Gênesis 2. 18). A bíblia afirma, portanto, que a mulher é uma ajuda para o homem, um socorro, alguém criada para o auxiliar, para que ele não esteja só. A mulher, na ideologia da fé é sempre vista como inferior ao homem, ainda que os discursos possam negar essa condição para não causar “polêmica”, como vimos na notícia anterior.

Em continuidade, seguimos para apresentação dos movimentos criados pelo casal Renato Cardoso e Cristiane Cardoso. O movimento criado por Renato chama Intellimen¹⁰, que vem da junção de “inteligentes” + “homens”. Para fazer parte do movimento, os homens devem ler um manifesto em que constam alguns pilares básicos do programa e depois responde se ele aceita ou não o desafio de ser um homem melhor. Em seguida, os homens devem passar por um desafio, que é assistir a uma série de 5 vídeos com o nome “seja homem”.

Aqui vamos mostrar algumas frases proferidas por Renato Cardoso nos vídeos do desafio #5, “seja homem”¹¹:

Primeiras regras para ser homem: ser o provedor de si mesmo e da sua família, esposa e filhos. Devem olhar para o pai e para o marido para obter segurança, a firmeza. Se um homem fica apoiado a outras pessoas ou espera que outras pessoas façam por ele o que ele tem que fazer por ele mesmo, ele não está assumindo o papel de homem na sua família.

Renato mostra que, para ele [enquanto bispo da IURD, representando também seu pensamento] e para deus, o homem deve ser o provedor, é o papel principal da família, é quem provê, quem proporciona, quem dá origem a tudo. O homem não pode esperar ninguém fazer nada por ele, ele é quem faz, quem realiza, logo, ele é o ser de maior poder na família. Desde já, percebemos as posições hierárquicas determinadas por gênero dentro das famílias e como isso é dado sem possibilidade de crítica. Para ele, as mulheres também dependem do homem para obter segurança, dessa forma elas não podem ser seguras por si só, elas precisam sempre de alguém para protegê-las.

Em outro momento da série de vídeos, Renato diz que “um homem verdadeiro tem o cuidado de procurar uma mulher de verdade. Uma mulher que é tão especial que ele decide amá-la acima de todas as outras. Um homem de verdade é um homem de uma só mulher.” As expressões “homem de verdade” e “mulher de verdade” afirmam o que já apontamos anteriormente, sobre o conjunto específico de qualidades objetivas que constituem a subjetividade de homens e mulheres para serem considerados “de verdade”. “Homem de verdade é homem de uma só mulher. Todas as mulheres para ele poderiam ser homens, porque

¹⁰ Intellimen. Disponível em <https://sites.universal.org/intellimen/>. Acesso em 16 de janeiro de 2020.

¹¹ Seja homem. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bZ7sWl0f14o>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

ele não tem interesse por elas. ” Essa, então, é mais uma qualidade do homem de verdade, o ser um homem de uma mulher só, ou seja, ser fiel a uma só mulher. E não só isso, pois, como já vimos em outra notícia no tópico anterior, o homem não pode ter relações de amizade com o gênero oposto, logo, ela deve ser a única mulher com quem ele mantém relação de afeto — provavelmente, além de sua própria família. Quando ele afirma que todas as mulheres poderiam ser homens, já que assim ele não teria interesse por elas, ele desconsidera homens que têm interesse por homens. Para a IURD, essa é uma prática condenada por deus presente no Antigo e Novo Testamento. Assim, homens homossexuais não são homens de verdade. Em sequência, o autor afirma que “é preciso ser muito mais forte para permanecer fiel a uma só mulher, do que ter muitas mulheres”. Ou seja, ser fiel é um sinal de força, é um sinal de que o homem é forte. Neste momento, percebemos que designar a fidelidade como algo que requer força demonstra que é como um sacrifício, que é algo difícil de se realizar, portanto, importante, já que todo homem que acredita nesses argumentos deve querer possuir os atributos para ser considerado um homem.

O homem também deve ter “fortes convicções”. Para Renato Cardoso, “a esposa dele [do homem] se sente segura ao lado dele, porque ela sabe que qualquer situação que ela trazer para ele, ele vai ter um sim ou não, mas nunca um talvez ou um não sei, não sei amorzinho, o que que você acha? ”. O homem, então, deve ser um homem de certezas. Ele deve ter a resposta para todas as situações, ele sempre deve saber como agir. Nós os questionamos como isso deve ser difícil para um homem também. Ainda que esteja em uma posição de poder em detrimento da mulher e, por isso, pareça em uma situação confortável, isso exige que ele tenha atitudes que desconsideram sua própria humanidade. Será que existe alguém que sempre sabe de tudo? Que tem a resposta para tudo? Para isso, vale lembrar: o homem também sofre com o machismo.

Como nos aponta Saffioti (1987), o homem paga um preço para dominar a mulher. “Para agir como macho representado na ideologia dominante o homem deve aceitar, [...], sua própria castração” (SAFFIOTI, 1987, p. 24). Ao homem é imposta a necessidade do sucesso econômico, independente do quanto ele trabalhe, de quantos empregos tenha e do quanto é explorado, o que importa é que ele seja o provedor da família. Suas afetividades também são limitadas, uma vez que “o homem será considerado macho na medida em que for capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos” (SAFFIOTI, 1987, p. 25). Aqui está um condicionamento para o desenvolvimento unilateral dos afetos em um âmbito de tamanha sensibilidade, que é o compartilhar a vida de modo íntimo com alguém. As afetividades masculinas são limitadas e reprimidas, já que o homem deve inibir e disfarçar seus sentidos práticos em uma relação afetiva. Sua existência reificada lhe coloca a impossibilidade do choro,

da dor. Às mulheres, também reificadas, são impostas possibilidades de desenvolvimento das afetividades femininas que demonstrem sua vulnerabilidade, o oposto do homem. Enquanto o homem não pode sentir, e isso faz com que ele demonstre ser mais forte, a mulher deve ser inundada de sentimentos, expressando sua fragilidade. Assim, os modelos de mulher passiva e homem ativo são os estereótipos que aprisionam os sexos.

Quando se diz que "a mulher consegue tudo do marido se for habilidosa, se souber usar do jeitinho", na verdade, está-se afirmando que a mulher deve sempre ficar na sombra. Se for mais culta que o marido, deve calar-se em público, a fim de não humilhá-lo. Se tiver, porventura, um salário superior ao dele, deve manter o fato em segredo, pois seria inadmissível rebaixar o marido, que é, inclusive legalmente, o chefe da família. Se for segura de si e de suas convicções, deve fingir hesitação, de modo a deixar parecer que as decisões são tomadas por ele (SAFFIOTI, 1987, p. 37).

Considerar que o homem nunca vai perguntar “o que você acha?” para a mulher, também revela o silenciamento da mulher. Ela é vista como um ser que não tem opinião e depende do homem para tomar decisões. Por outro lado, “para ser homem, você precisa dar conta de se sustentar economicamente, ser responsável pela sua própria vida e não depender de ninguém. Deve prover para si mesmo”. Assim, enquanto a mulher depende do homem para tomar decisões, para se sentir segura, para viver, o homem deve ser independente, ele deve se sustentar sozinho e não depender de ninguém. Essa atitude indica claramente a relação de submissão da mulher em relação ao homem e contradiz o que foi apontado anteriormente com a negação da bíblia enquanto instrumento machista, uma vez que o que Renato está afirmando é como se fosse o pensamento de deus, já que ele é um bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e, a bíblia, por sua vez, é considerada não como um instrumento machista, mas, sim, justo. Renato termina a sequência de vídeos apontando, então, os pilares básicos de um homem verdadeiro. Além das qualidades mostradas anteriormente, é importante a “maturidade; já que homens de verdade não agem como criança”; é crucial também saber que

quando um homem de verdade é casado, ele não mais age como um homem solteiro. Ele deixa sua família de origem e forma uma nova família com sua esposa. Ele não é mais filhinho de mamãe e papai. Ele não é mais homem de ficar saindo com os amigos fim de semana. Agora ele tem uma esposa para cuidar. Por isso, o casamento dele sempre vem em primeiro lugar.

O homem de verdade deve cuidar da sua esposa, já que seu casamento vem em primeiro lugar. Ele não sai mais com os amigos, dando a entender que essa é uma situação praticada por homens solteiros. Essas afirmações moldam os estereótipos masculinos definindo claramente as qualidades específicas que o homem deve ter, dando ênfase ao casamento, que, ao nosso ver, deve ser a busca mais importante dos fiéis, qual seja, construir uma família [tradicional] e com ações e pensamentos conservadores, assim como proposto pela ideologia da IURD.

Renato Cardoso termina a sequência de vídeos afirmando:

“para concluir esse assunto, essa é a característica mais importante de um homem de verdade: ele sabe que ele não é Deus. Ele reconhece que por mais talentoso, inteligente e forte que ele seja, ele não pode fazer tudo sozinho. Ele faz de Deus o seu auxiliador. Deus é o mestre de todos os homens de verdade. Se você mulher está procurando um homem de verdade, procure saber se ele tem um relacionamento verdadeiro com o senhor Jesus.”

Agora apresentaremos o outro movimento da IURD, idealizado por Cristiane Cardoso, o Godllywood. As informações expostas estão contidas no site do movimento¹². O Godllywood é um movimento em que as mulheres vivem segundo determinados princípios e conceitos. O que apresenta o movimento são um conjunto de perguntas a respeito do mesmo. Logo no início vemos a pergunta se este é um movimento ideológico, e Cristiane afirma que:

Não. É um movimento que levanta a bandeira da ‘Santidade ao Senhor’. Não vemos isso como uma ideologia, pois não vem da cabeça de ninguém, senão da mente de Deus, da Sua Palavra. Hoje em dia, as pessoas dizem crer em Deus, mas não vivem essa santidade ao Senhor; suas vidas não condizem com essa crença. Quem faz parte do Movimento Godllywood pratica a palavra de Deus, mesmo que isso lhe custe seus achismos, jeito de ser, personalidade, moda, fama, popularidade e até amizades.

Justificar que o movimento não é ideológico porque não vem da cabeça de ninguém, mas sim da mente de deus parece uma justificativa plausível para os fiéis. Porém, diante de todas as discussões feitas até aqui, vemos que a religião é uma manifestação ideológica. Deus foi criado pelo ser humano, logo, independente dele ser considerado um ser supra-humano, sua raiz é humana. A ideologia da fé forma a consciência dos fiéis, e isso é sim um fenômeno ideológico. Praticar a palavra de deus é a subjetividade das fiéis sendo objetivada, subjetividade esta que foi construída a partir das objetivações da própria “palavra de deus”. Quando a fiel lê a bíblia, nela está objetivada uma ideologia; quando a fiel entra no movimento Godllywood, ela entra em contato com a objetivação de uma ideologia, que ao entrar em contato com ela, é subjetivada e faz parte dela. Logo, o que for proferido dela, terá relação com o que ela objetivou diante do movimento.

Como nos aponta Toledo (2003, p. 77–78), “as religiões em geral cumprem um papel decisivo na manutenção e propagação da ideia de que a mulher é o “sexo frágil” e o “ser inferior”, ajudando a mantê-la subjugada e oprimida”. Para a autora, a religião mantém a mulher presa a concepções retrógradas que não servem à luta por sua emancipação e infringem punições severas às mulheres que ousam desrespeitar seus preceitos.

Cristiane afirma que quem pode participar do movimento são “mulheres de todas as idades que não estão preocupadas com status, mas sim em fazer a vontade de deus acima de tudo. Não precisa ser obreira, nem ser da mesma denominação”. Nessa passagem, já vemos que a

¹² Godllywood. Disponível em <https://www.universal.org/sitegodllywood/>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

característica mais importante para o movimento é fazer a vontade de deus, a qual será expressa através da própria autora durante o movimento. “As mulheres interessadas estarão aos poucos renovando suas mentes e mudando de acordo com a Palavra de Deus”. Renovar suas mentes e mudar de acordo com a palavra de deus é o mesmo que construir suas subjetividades a partir da palavra de deus, a partir do que deus diz que o é o certo.

O movimento é composto de Regras, onde são realizados Desafios e Tarefas como Ofertas, para que “todas possam tirar proveito de cada uma delas e crescer espiritualmente”. Aqui vemos que o movimento dita regras para as mulheres seguirem e serem mulheres de deus. Quando questionada de onde veio a iniciativa de tornar o grupo mais inclusivo, Cristiane responde o seguinte:

Foi uma inovação inspirada por Deus para darmos tudo o que Ele tem nos dado a mais mulheres no mundo. Essa iniciativa estará também incentivando as mulheres que antes faziam parte do grupo fechado a se tornarem mais dependentes de Deus e menos dependentes uma das outras, pois terão que aprender a cobrar de si mesmas o melhor para Deus.

Incentivar mulheres a se tornarem “mais dependentes de Deus e menos dependentes uma das outras” é algo que chama atenção, por afirmar que as mulheres devem ser dependentes de deus e de sua vontade, e desfavorece o laço entre as mulheres, uma vez que é bom que elas sejam mais próximas de deus do que delas mesmas. O laço com deus é, assim, configurado como mais importante do que com as outras mulheres. Essa crença faz com que as mulheres estejam cada vez menos unidas entre si e mais dependentes de um pensamento aprisionador, de não emancipação, que é o que busca a IURD. Quando querem conquistar fiéis e mantê-los doutrinados no que acreditam, eles devem acreditar que são cada vez mais dependentes de deus, para que assim não saiam e não se emancipem da religião e, muito menos, do capitalismo.

As mulheres que participam do movimento também precisam passar por desafios.

Fomos até a página dos desafios da Godllywood¹³ e encontramos alguns, como:

- Desafio 76 - Faça uma faxina bem feita em todos os cômodos de sua casa
- Desafio 77 - Faça uma refeição bem caprichada para sua família ou as pessoas que moram com você
- Desafio 78 - Faça algo novo hoje com seu cabelo
- Desafio 79 - Use um vestido ou uma saia essa semana
- Desafio 80 - Agrade sua mãe

Ao observar o tipo de desafio que é proposto por Cristiane, vemos o quanto são reproduzidos comportamentos tradicionais, conservadores e machistas, que revelam a posição de submissão da mulher, bem como a posição de auxiliadora do homem e da família. Ao utilizar

¹³ Desafios da Godllywood. Disponível em: <https://www.universal.org/godllywood/desafio-godllywood/>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

o termo desafio, é como se ela estivesse propondo um tipo de competição, em que as fiéis devem realizar desafios para serem mulheres melhores e estarem de acordo com o posto no qual deus [supostamente] quer que elas estejam.

Esses desafios como “fazer uma faxina” e “fazer uma refeição” reforçam que a mulher deve ser “do lar”, que é ela quem cuida de casa, quem limpa, cozinha e arruma. Já o desafio que propõe que a mulher “Use um vestido ou uma saia essa semana”, define um padrão de estereótipo da mulher para que ela esteja de acordo com as regras convencionais de como se vestir. Essas regras ditam comportamentos de vestimenta e de atitudes, que objetivam ainda mais o ser mulher. As mulheres compartilham umas com as outras se estão cumprindo o desafio de forma a reforçar a importância de agir conforme está sendo [im]posto pela doutrina. Esses estereótipos são reproduzidos por elas, tanto das vestimentas, como vimos nos cultos frequentados e expomos no capítulo sobre o perfil dos fiéis, como nas atitudes, como percebemos pelos dados do Censo 2010 (IBGE, 2010), que, de 4,836 milhões de mulheres evangélicas ocupadas de origem pentecostal, 2,459 milhões se encontram nas categorias de: sem carteira de trabalho assinada ou trabalhando por conta própria ou não remuneradas ou trabalhadoras na produção para o próprio consumo.

No capitalismo, em que há a reificação humana e as pessoas já são objetificadas, em uma relação de opressão por gênero, a mulher é objetificada de uma forma ainda mais explícita. Além de a mesma ter a posição de auxiliadora, de ser considerada como alguém que existe não para ser alguém em si, mas sim para ajudar o homem, ela também é silenciada, ela não tem voz e é objetificada, é como um objeto que agrada ao homem. Por isso, ela deve estar bem vestida e se comportar de acordo com as regras ditas “de Deus”.

4.2.4.5 “A fé para vencer o diagnóstico”

“A fé para vencer o diagnóstico” (F4, 2019) é o tema que guia este tópico. Para trazer o tema da saúde, a doutrina evangélica neopentecostal não tem dúvidas quanto ao poder de deus para curar as doenças, já que “com Deus tudo é possível” (F3, 2019).

Ainda que a medicina tenha poucas explicações sobre a depressão, o suicídio e como vencê-los, a fé tem a solução. “A depressão começa com o medo, ansiedade e sua base é a dúvida, que traz pensamentos negativos, vontade de morrer. O que cancela a dúvida? A fé na palavra de Deus, pois ela é certeza. Nada pode resisti-la”, ensinou o bispo Edir Macedo (F2, 2019).

Para a IURD, a fé tem a solução para resolver qualquer problema, inclusive os problemas de saúde. A depressão, a ansiedade e todas as doenças psíquicas podem ser

resolvidas através da fé na palavra de deus. Para o bispo Edir Macedo, “a razão pela qual muitas mulheres sofrem com a ansiedade é a falta da presença do espírito de Deus em suas vidas” (B5, 2019).

“Quando você olhar para a sua vida, verá que não está sozinha. Então, não haverá razão para ter ansiedade. Mas para receber o Espírito de Deus é preciso entregar sua vida para Ele”, concluiu o Bispo Macedo, chamando à frente as mulheres que desejavam entregar suas vidas ao Senhor Jesus e, em seguida, buscou o Espírito Santo com todas. B5

Quando Macedo fala sobre “entregar sua vida para Ele”, isso significa agir conforme a palavra de deus, é fazer tudo que ele mandar, tudo que estiver escrito que deve ser feito. E não só escrito, mas também dito por seus servos, pelos bispos e pastores.

Acontece que, quando falamos de doenças, eles não se restringem às doenças psíquicas. Em um caso sobre hipertensão, o bispo afirma que:

Para a medicina, muitas doenças não têm cura. O número de pessoas desenganadas tem aumentado a cada dia e isso tem se tornado um pesadelo na vida de muitos. Contudo, a Bíblia mostra que existe um Deus que pode curar doenças “incuráveis”. *“Se ouvires atento a voz do Senhor; teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara.”* Êxodo. 15:26 (F3, 2019).

Para os fiéis, qualquer doença pode ser curada através de deus. Deus sara todas as feridas, para isso, é preciso ouvir a voz do senhor, dar ouvido aos seus mandamentos e agir de acordo com eles, assim, “nenhuma enfermidade virá sobre ti”. Os fiéis questionam a medicina em detrimento do poder de deus. Todas as doenças podem ser curadas, contanto que o fiel cumpra exatamente o que se pede. “A depressão e a ansiedade são problemas exclusivos da alma. Então, o único capaz de tratá-la é o Espírito de Deus” (I14, 2019).

A IURD demonstra importância com as questões vinculadas à saúde, ainda que reduza todos os problemas às mãos do fetiche-deus. O Tratamento para a Cura dos Vícios é um projeto da Universal para tirar das drogas as pessoas viciadas.

Você pode, sim, livrar-se dos vícios que fazem parte da sua vida e ser feliz de verdade. A cura dos vícios é uma luta que, quando decidida a ser travada até o fim, é vencida por cada pessoa que faz parte desse Tratamento. Todo vício é um espírito, e todo espírito pode ser arrancado, por isso a cura é real. Temos a direção para você que sofre com o vício, seja direta ou indiretamente, sair dessa prisão infernal (F1, 2019).

Quando afirma que todo vício é um espírito, o espírito da Enfermidade é um espírito ruim e o fiel não pode deixar que ele tome seu corpo. Para isso, é preciso arrancar este espírito do corpo para que a pessoa seja curada. E para que este espírito ruim saia do corpo do fiel, é preciso que ele se entregue verdadeiramente a deus, que ele cumpra os mandamentos da Igreja e siga as regras para ser um bom fiel. Nenhuma palavra é dita sobre as condições alimentares dos fiéis, sobre a sobrecarga

de trabalho, sobre as condições insalubres dos bairros periféricos que levam ao adoecimento da classe trabalhadora. Os males do corpo não são produtos da vida que se leva, mas da vida que não se leva, uma vida de devoção a deus.

O mesmo Deus que operou no passado é o que faz no presente, e isso tem sido real na vida daqueles que participam da “Corrente dos 70”, na Universal (F3, 2019). A Corrente dos 70 é outro projeto da Universal para curar os enfermos.

Você está enfrentando um drama na sua vida atualmente? Doenças que comprometem funções essenciais como a fala e a audição? Está enfermo, fraco, dependente, ou alguém da sua família se encontra nessa situação, mas, quer se libertar desse sofrimento? Então, participe da maior corrente de cura e libertação. A “Corrente dos 70” se refere a um corredor humano formado por 70 homens de Deus. Incluindo pastores e levitas, que oram e impõem as mãos consagradas sobre as pessoas que passam por ele. Semanalmente, são milhares de testemunhos de quem recebeu a cura total pela fé. Sobretudo, provando que o tempo de milagres não acabou. Com a autoridade que Deus deu a esses homens para curar todo tipo de enfermidade (F5, 2019).

Aqui é apresentado o “milagre” de deus, como ele cura as doenças através de um corredor composto por 70 homens de deus, que curam as pessoas que passam por ele. Para eles, deus deu a autoridade da cura, e, por isso, eles curam qualquer doença através desse corredor. “O corredor é o maior caminho de milagres para quem busca a cura” (I5, 2019). Para eles, deus é quem realiza o milagre, porém ele usa as mãos de outras pessoas para isso. Se no passado ele utilizou a mão dos apóstolos, agora ele utiliza as mãos dos bispos, pastores e obreiros. Dentro do corredor, os homens considerados de deus passam o Lenço Ungido, que é o lenço que cura. Este é um objeto claramente fetichizado, considerado sagrado, que passou por deus e contém nele a cura das doenças. As pessoas esfregam o lenço no corpo e isso supostamente ajuda para que elas se curem [sendo que, na verdade, isso pode inclusive transmitir doenças].

Quando se acredita que a raiz das doenças é espiritual, acreditam que “por trás de todo esse sofrimento, existe um mal que precisa ser confrontado por meio da fé” (F6, 2019). Dessa forma, os fiéis creem que as coisas ruins que acontecem com as pessoas aqui na terra, na materialidade da vida, têm raízes espirituais, portanto, só podem ser curadas através da fé. Essa é mais uma forma de negligenciar as relações materiais de vida e elevar aos “céus” os problemas, ou não buscar raízes materiais para que os conflitos possam ser resolvidos. Essa relação estranhada com a doença individual obscurece a doença da sociedade e impossibilita que as pessoas lutem na concretude da vida contra elas. Doenças psíquicas, psicossomáticas, são tratadas por crenças fantasiosas, deixando os fiéis cada vez mais refém de deus e menos refém de suas próprias ações e das relações sociais que estabelece.

4.2.4.6 A gente conta o que quer: sociedade, política e economia

Neste tópico apresentaremos brevemente algumas notícias com o viés social-político-econômico da IURD. Vale ressaltar que as notícias que foram publicadas nas datas de coleta dos documentos não têm muitas conexões entre si, mas abordam temáticas sociais na qual a IURD demonstra seu posicionamento, principalmente, político. Outro ponto importante é que devemos frisar que, na maioria das notícias, a IURD não demonstra claramente o seu posicionamento, mas traz outros autores para falar sobre o tema, que, ao nosso ver, são autores que defendem seu próprio posicionamento.

A primeira notícia é sobre um caso de transexualidade, com o nome de “Eles querem despertar atenção?”. Só pelo título, já percebemos que a notícia não parece ser de aceitação sobre a questão da transexualidade.

Saadeh é coordenador do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (Amtigos), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, em São Paulo. Para ele, a mídia populariza pessoas trans, “mas o fenômeno também atrai pessoas confusas e instáveis que se enquadram nesse novo paradigma como forma de extravasar sua dificuldade em pertencer a um grupo já existente ou para ser uma ‘celebridade midiática’ de pouco tempo”. (G1, 2019)

Ao trazer um profissional de um hospital para abordar o tema, a IURD tenta dar legitimidade à sua fala, que aponta a dificuldade de pertencimento em grupos ou a vontade de ser uma “celebridade midiática” como uma justificativa para a transexualidade. Este é um argumento simplista para abordar todo o complexo de informações que abrangem este tema.

O médico vê nisso um risco, conforme disse em entrevista ao blog. “Muita gente tenta fazer das diferenças identitárias uma bandeira política ou de engajamento social. Se, por um lado, isso divulga a existência de pessoas transexuais, por outro pode tornar a questão banal e fazer dela uma moda, gerando confusão.” (G1, 2019).

A Igreja está, basicamente, reduzindo a questão da transexualidade a uma possível confusão, como se os jovens que se dizem transexuais tivessem grandes possibilidades de se definir como “trans” pela moda. Esse pensamento conservador invade a mente dos fiéis, que provavelmente vão reproduzi-lo, mesmo sem conhecer as discussões a respeito do assunto. Chamamos atenção para o fato de esta ser uma notícia curta que aborda um assunto complexo e dá uma opinião pontual, sem contexto, para enfatizar o posicionamento da IURD com relação a este tema.

Outra notícia publicada no site da IURD é sobre o Partido Republicano Brasileiro (PRB). Ainda que o líder da Igreja, Edir Macedo, não possa declarar a Igreja como pertencente a um partido, é fato que a IURD publicar uma notícia falando sobre o partido demonstra apoio de seus membros ao mesmo. A notícia informa sobre a mudança de nome do PRB, que agora

se chamará “Republicanos” e terá uma frente centro-direita na política (G4, 2019). “A importância dessa mudança, na prática, é reconectar o partido à sociedade brasileira que clama por um conservadorismo mais presente nas questões de costumes. Bem como, por mais emprego e renda no setor produtivo” (G4, 2019). Claramente, são pautas pregadas também pela IURD, “um conservadorismo mais presente nas questões de costumes”, ainda mais por saber, declaradamente, que o partido é o braço direito da IURD, tendo como líder [do partido] um bispo licenciado da Universal, o que nos faz questionar como um Estado que supostamente deveria ser laico se aproxima da religião neopentecostal de forma escancarada.

Também existem algumas notícias publicadas que dizem respeito ao atual presidente do Brasil, Bolsonaro. A primeira notícia que consta sobre ele é a respeito de uma criança que sofreu *bullying* na escola por não o cumprimentar. Quando essa notícia repercutiu na mídia, logo buscaram justificar essa situação para que ninguém pensasse que a criança era contrária ao presidente. A IURD postou, assim, uma notícia em que consta a justificativa, como se fosse algo mal interpretado pelas mídias, ou seja, *fake news*. Independente do que realmente aconteceu, a intenção da IURD é claramente defender a visão do presidente e mostrar que a criança não está contrária à sua liderança no país (G2, 2019).

Em seguida, a IURD publicou uma notícia na qual Bolsonaro assume que foi um equívoco do economista Marcos Cintra criar um novo imposto para as igrejas. E Bolsonaro afirma o que se segue:

Em nosso governo, nenhum novo imposto será criado. Em especial, contra as igrejas. Que, além de terem um excelente trabalho social prestado a toda a comunidade, reclamam eles – em parte, com razão, no meu entendimento – que há uma bitributação nessa área. Então, não haverá um novo imposto para as igrejas”, afirmou o presidente (G3, 2019).

Demonstrando uma fala de Bolsonaro na qual ele se mostra favorável ao trabalho das Igrejas, a IURD evidencia, mais uma vez, seu consentimento com o presidente. E continua, em uma notícia seguinte, explicando por que não se devem tributar as instituições religiosas.

Quando se fala em tributar instituições religiosas é preciso pensar no trabalho realizado por elas para a melhoria do Estado. Taxar um fiel dizimista, como disse o secretário, é totalmente contrário ao que determina a Constituição, se tratando, então, de algo inconstitucional. Quando se fala em tributar a pessoa que dizima na igreja é preciso também deixar claro que ela não tem obrigação de informar o que doou, já que esse é somente um aspecto de fé. Não se cobra imposto de doações (G6, 2019).

A justificativa para a IURD de não taxar um fiel dizimista, claramente objetiva que os fiéis não parem de dar o dízimo à Igreja. O dízimo, para eles, “é somente um aspecto de fé”, uma doação. Como já apontamos em outro tópico deste texto, o dízimo é quase uma obrigação ao fiel que quer ser considerado um homem de deus. Sem o financiamento à Igreja, que é a casa

do senhor, deus não dará as bênçãos e prosperidade financeira na vida dos fiéis. É uma manipulação escancarada, e tudo é justificado através da fé.

A questão que se coloca aqui é que a Igreja não paga impostos e, diante disso, surge uma proposta para o pagamento dos impostos. O argumento utilizado para justificar o não pagamento dos impostos recaem ao trabalho social realizado pelas Igrejas que, com a fala do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, é reconhecido pelo Estado como algo de extrema importância. Mas vejamos o que é a realidade: os trabalhos que eles chamam de voluntários, na verdade, são trabalhos de evangelização, cujo objetivo é angariar fiéis para a IURD, o que veremos no tópico 4.2.1 deste trabalho; além disso, estes trabalhos sociais eram para ser realizados pelo Estado, através do fundo público, que é resultado do mais-valor explorado da classe trabalhadora. O Estado não realiza trabalhos sociais para populações carentes, algo que deveria ser de sua competência, e ainda vangloria as Igrejas por realizar este trabalho, isentando-as dos impostos. “Pensar no trabalho realizado por elas [as instituições religiosas] para melhoria do Estado” é tirar do Estado uma responsabilidade que é dele e que deveria ser feita sem evangelização e deixar que as Igrejas façam esse trabalho sustentado pelo dízimo dos fiéis, que escancara a dupla exploração do fiel, que, além de ter sido explorado seu mais-valor, que, parte, vai para o fundo público e não retorna para a sociedade em forma de trabalho social, tem explorado parte do seu salário, da reprodução da sua força de trabalho, que é destinado para a Igreja. Veremos, adiante, como estes trabalhos sociais são realizados.

Em uma outra notícia, é demonstrado que a União Nacional das Igrejas e Pastores Evangélicos (Unigrejas), à qual Edir Macedo faz parte, reuniu um “abaixo-assinado com assinatura de 7 mil representantes de igrejas de todo o País” (G5, 2019). O contexto para esse abaixo assinado é que, no carnaval deste ano, a comissão de frente da escola de samba Gaviões da Fiel “encenou a figura do diabo lutando com a de Jesus, como se estivesse vencendo-o [...]. A União entende que a escola de samba desrespeitou os cristãos, incitou o ódio e cometeu o crime de intolerância religiosa, previsto no Código Penal” (G5, 2019).

Expomos essas notícias por aqui para explicitar como a IURD seleciona o que será postado sobre o que acontece na sociedade. As notícias demonstram conteúdo conservador e pró-capital, não assumindo nenhum posicionamento crítico frente a nada que foi exposto, apenas às *fake news* sobre o Bolsonaro, deixando evidente sua concordância com a atuação do presidente, pois, caso contrário, essas notícias não seriam publicadas. Esse cenário demonstra que, politicamente, socialmente e economicamente, a IURD está de acordo com as práticas do capitalismo, defendendo um governo conservador que preza por costumes conservadores e visando a ações que prezam seu desenvolvimento. Como sabemos, isso só reforça nossas

constatações, de como o neopentecostalismo é uma produção do capital para reprodução de seus interesses, em que o estranhamento religioso corrobora para a construção de uma consciência cada vez mais distante da realidade material.

4.3 A prática dos membros e fiéis guiada pela ideologia da fé

A Tabela 2 (T2), disposta abaixo, conta com os documentos que consideramos que apresentam a prática dos membros e fiéis guiada pela ideologia da fé disseminada pela IURD. Os temas apresentados serão: Ação Social; Eventos da Universal; e Testemunhos e Depoimentos. Entendemos que estes contêm a prática dos crentes.

Esses assuntos, por sua vez, nortearão nossas análises para compreender como se dá a prática dos fiéis. Essas são formas que a IURD utiliza para divulgar a conduta que os fiéis devem ter, ou seja, suas práticas políticas, sociais, afetivas e cristãs. Através delas, a Igreja comunica como eles devem agir, expondo, assim, o comportamento adequado.

TABELA 2 - DOCUMENTOS QUE APRESENTAM A PRÁTICA DOS FIÉIS¹⁴

Assunto	Sigla dos Documentos	Quantidade de Documentos
Ação Social	A1; A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8	8
Eventos da Universal	C1; C2; C3; C4; C5	5
Testemunhos e Depoimentos	H1; H2; H3; H4; H5	5
		Total: 18 documentos

(Dados coletados pela autora entre 15 de abril de 2019 e 15 de maio de 2019)

¹⁴ Versão completa no Apêndice B.

4.3.1 Evangelização na miserabilidade humana

Neste tópico, abordaremos como a prática dos fiéis deve ultrapassar sua vida individual. Para tanto, eles devem estar dispostos a realizar trabalhos voluntários e se tornarem, assim, militantes da fé, para disseminar o conteúdo da obra de deus por onde passar.

Enquanto você pega este jornal e lê esta página, existem pessoas que não têm nem sequer um bocado de alimento no estômago. São muitos os que estão de mãos e barriga vazias neste momento. Sim, são muitos. A Universal não mede esforços nem recursos para realizar ações sociais em diversas partes do mundo. Um trabalho que ameniza o sofrimento e proporciona alento até mesmo para as pessoas das comunidades distantes, a exemplo dos indígenas da Aldeia Karitiana, que viviam isolados em Rondônia. Hoje eles recebem a visita dos voluntários e pastores da Universal, que oferecem atendimento médico, alimentos, roupas e calçados. E este é apenas um exemplo diante de milhares de outras ações realizadas diariamente. [...]. A Universal tem realizado um trabalho incansável, levando às pessoas não apenas o alimento físico, mas o alimento espiritual de que a sociedade tanto precisa (A7, 2019).

Nessa passagem, vemos que a Universal realiza trabalhos voluntários em “diversas partes do mundo”, não apenas no Brasil. O alimento espiritual ao qual se refere aqui é a fé, e não é qualquer fé, é a fé pregada e disseminada pela IURD, a fé neopentecostal. Com isso, os indígenas recebem alimentos, roupas, calçados e atendimento médico. Além disso, são inseridos em uma nova doutrina, que os ensina a pensar como os fiéis, que são reféns dessa crença.

Em uma outra notícia sobre a população indígena, os voluntários da Universal levaram doações a mais de 2 mil índios Xavantes, no Mato Grosso. “Além das doações, também foram oferecidos atendimento odontológico, como aplicação de flúor e tratamento dentário. Além disso, serviços de manicure – onde muitas índias tiveram o contato com uso de esmaltes pela primeira vez – e cortes de cabelo” (A2, 2019). Percebe-se que há uma inserção dos costumes tradicionais à população indígena, que tem uma cultura diferente. A proposta é levar para os índios o que eles não têm, e isso inclui coisas que eles nem precisam, mas que os cristãos acreditam que precisam. “Em decorrência de todo o trabalho que os voluntários têm realizado incansavelmente, frutos já têm sido colhidos, onde muitos Xavantes já se renderam à fé” (A2, 2019). Isso demonstra que a expansão da fé tem se dado até mesmo dentro das aldeias, para os índios que possuem costumes diferentes e tradições diferentes, inclusive espirituais.

O estranhamento religioso tem se disseminado mais a cada dia, principalmente através da doutrina neopentecostal, que trabalha de forma afetuosa para conquistar novos fiéis e ganhar “seus corações”. O mais novo projeto da Universal, EVG nos trilhos, também ganha muitos fiéis. É um projeto no qual os voluntários buscam “alcançar e abençoar pessoas que, desesperadas pelos problemas que têm enfrentado, enxergam as estações de trens e metrô como

uma forma de acabar com seu sofrimento, se jogando nos trilhos e acabando com a própria vida” (A3, 2019). Para isso, pastores e voluntários vão até essas pessoas propagar a fé como uma esperança de obter uma vida melhor.

Outro ramo que a Universal também atua com frequência são nos presídios. A IURD realizou um concurso de moda em Salvador para resgatar a autovalorização de detentas. O projeto Universal nos Presídios (UNP), “além de priorizar a evangelização da comunidade carcerária, em todo o Brasil e no mundo, periodicamente, realiza diversas ações” (A4, 2019).

“Essa prática social realizada pelo grupo resgata nas detentas o conceito e a prática da autovalorização, amor próprio e feminilidade. Atitudes deixadas de lado, dado o sofrimento que passam por terem sido esquecidas por aqueles que deveriam oferecer apoio”, concluiu o Pastor (A4, 2019).

Percebemos através desse exemplo como a fé embala as pessoas que estão em sofrimento e em condições de vulnerabilidade. Os presídios são espaços onde se reproduz mais ainda a desumanização do ser humano. As presas são maltratadas e são vítimas de grande preconceito por grande parte da população brasileira. A IURD aproveita a vulnerabilidade dessas pessoas, dando voz e espaço para a realização de atividades para, assim, disseminar a fé. “Para o Bispo Marcelo, quando alguém passa por uma situação de desastre, a maior perda da pessoa é da esperança e da vontade de viver” (A5, 2019).

O projeto UNP também realizou um curso de formação de design de sobancelhas para as detentas de Natal. De acordo com o Pastor Luis Henrique, responsável pelo grupo UNP local, as detentas se dedicaram e se doaram muito nesse curso, e o resultado foi magnífico em todos os sentidos. “Cada interna teve uma evolução positiva de 98% no seu comportamento” (A6, 2019). “Até dezembro de 2018, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, por meio de trabalhos sociais em presídios de todo o País, beneficiou mais de 526 mil detentos. Foram 14 mil que ganharam a liberdade e se tornaram membros da Igreja” (G6, 2019).

A IURD, dessa forma, ajuda na ressocialização das presidiárias, inserindo-as novamente no mercado de trabalho e ajudando a resgatar a autoestima e ter esperança de uma vida melhor. Acontece que, diante de tudo isso, elas são abraçadas pela religião, que é o motivo pelo qual acreditam que todas essas coisas estão sendo realizadas, imediatamente convertendo-se em fiéis.

Há pouco mais de dois meses, a Universal iniciou um trabalho evangelístico especial denominado “Ponto de Oração”. O objetivo desta ação é ajudar as pessoas que, na correria do dia a dia, não dispõem de tempo para frequentarem uma igreja, mas que precisam muito de uma oração e orientação (A1, 2019).

Para eles, a IURD precisa ir onde as pessoas necessitadas estão, e não apenas esperar que elas apareçam no templo. De acordo com uma outra notícia, “ainda nos dias de hoje, a

perseguição contra os cristãos é muito grande em alguns países. Há relatos de pessoas que são excluídas de suas comunidades, são presas ou oprimidas por irem à igreja, por exemplo (A5, 2019).

É por isso que a Universal tem ido por todo o mundo com o intuito de ganhar almas para o Reino de Deus (A5, 2019).

Dessa forma, com o acesso da Universal às pessoas carentes e em condições de vulnerabilidade, o próximo passo é elas aderirem à ideologia da fé. Os fiéis aprendem que devem conquistar o máximo de pessoas para a religião, para que a religião cresça, dissemine e ganhe cada vez mais adeptos. Para tanto, por estarem vivendo em uma realidade estranhada e embalados por uma consciência invertida de mundo, não percebem que isso só diminui, cada vez mais, as possibilidades de emancipação e libertação humana. Acreditando que estão fazendo o bem, eles acabam disseminando uma doutrina que mascara e obscurece a raiz da miséria humana, impossibilitando a luta real contra essas condições de vida. Assim, ao invés de ajudar para que as presidiárias lutem por melhores condições de vida, dar uma educação emancipadora, a IURD ensina a fé, para que elas acreditem e tenham esperança e convicção de que, se elas seguirem a palavra de deus, tudo irá mudar.

Isso corrobora o que estamos discutindo desde o item anterior, no qual percebemos que a evangelização diante da miserabilidade dos fiéis é um trabalho feito pela IURD para alcançar mais fiéis pelo país e, também, fazer um trabalho social que deveria ser realizado pelo Estado [mas não é], que supostamente deveria ser laico [mas também não é], e ainda obter seu apoio formal e real — desde a isenção de impostos até a glorificação da instituição religiosa — diante da sociedade.

4.3.2 A interação prática dos bispos e pastores

Neste momento, trataremos dos eventos promovidos pela Universal, momento em que os bispos e pastores apresentam suas práticas para influenciar os fiéis. Além disso, vale notar que também existem eventos restritos à cúpula central, ressaltando a importância de manter suas práticas coerentes com o que pregam. Com determinada frequência, há encontros de lideranças evangélicas para discutir como os pastores devem atuar e o quão importante são as mensagens passadas por eles.

O principal objetivo que move a fé de cada um ali presente, que é a Salvação e o ganho de almas para o Reino de Deus. Pois, muitos fiéis que estão nas igrejas ainda não nasceram de novo e estão na base da emoção. O Bispo Macedo abordou os grandes desafios das igrejas hoje no Brasil e falou da união de forças pela fé. Nesse contexto, o Pastor Márcio Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha, ressaltou que todos estão

imbuídos da mesma fé: “Temos doutrinas diferentes, mas temos o mesmo Pai” (C1, 2019; C3, 2019).

De acordo com informações levantadas no Congresso Renovação, estima-se que, hoje, “há cerca de 60 milhões de evangélicos no País, ou 30% da população brasileira. Diante desse dado, é importante que haja um espaço de reflexão e diálogo entre as diferentes denominações sobre a qualidade de conduta e de entendimento dos evangélicos” (C1, 2019; C3, 2019).

Referente a esse número, o Bispo Eduardo ainda afirmou: “Queremos 60 milhões de convertidos, pessoas nascidas de Deus e não apenas com o rótulo de evangélicos. Por isso, promovemos os congressos para orarmos uns pelos outros. Temos que orar não apenas para crescer em números, mas em qualidade. Porque se tivermos uma igreja de qualidade, então, o Brasil se tornará um bom testemunho para os demais países” (C3, 2019).

Percebemos que o objetivo dos pastores é fazer com que cresça cada dia mais o corpo evangélico no Brasil e no mundo. Edir Macedo também chama atenção para a responsabilidade dos pastores, sobre o que dizem e sobre a boa conduta de comportamento (C1, 2019; C3, 2019). Para o Bispo Christiano Guimarães, o desafio das Igrejas é devido ao fato de que “o mundo moderno de hoje é um mundo de informações muito rápidas. As pessoas não têm muito compromisso. E, acredito que, a principal característica do servo é o compromisso, com Deus, com a Igreja e com quem está perdido” (C1, 2019; C3, 2019).

O objetivo desses dois encontros apresentados nas notícias é frisar a responsabilidade dos bispos e pastores com a comunidade, mostrar que devem ter compromisso com deus e fortalecer a ideologia da fé. Eles precisam, antes de tudo, acreditar no que estão pregando. Eles precisam ter condutas adequadas com o que fazem, já que são exemplo do que deve ser seguido. Para tanto, eles representam a materialização humana da palavra de deus e, por isso, devem manter práticas coerentes com ela.

Os outros eventos trazidos aqui são eventos abertos ao público, ocasião em que os bispos e pastores marcam datas especiais para discutir determinados assuntos que fogem àqueles discutidos nos cultos semanais, por exemplo o momento da Páscoa, quando acontece o evento d’Os 3 Dias Santos. São três dias de encontro durante os quais se dá um intensivo da fé e os fiéis passam bastante tempo na Igreja realizando práticas de “cura”. Neste encontro, o Bispo Macedo lembrou a promessa de Jesus, quando ele disse que “em Seu Nome, demônios serão expulsos (Marcos, 16.17). Em seguida, o Bispo realizou orações com imposição de mãos em todas as pessoas que desejavam ficar livres dos problemas espirituais que as aprisionavam” (C2, 2019). De acordo com ele, é importante lembrar os fiéis que “não importa o quão baixo você esteja, Jesus vai lhe tirar daí e cumprir tudo o que prometeu” (C2, 2019). O nome “fiéis”

significa que os evangélicos devem ter fidelidade a deus, devem agir conforme a bíblia e conforme os representantes de deus, quais sejam os bispos, pastores e obreiros.

Em outra notícia, a IURD informa sobre o um evento para o Dia das Mães, apresentando um projeto idealizado pela Igreja chamado “Escola de Mães”. “O objetivo é auxiliar as mulheres a entenderem o seu papel diante dos filhos. Desde sua criação, até os dias de hoje, a “Escola de Mães” já alcançou mais de 226 mil mães. Atualmente, o projeto conta com o auxílio de 2.738 voluntários” (I14, 2019). A partir desse evento, que realça o projeto da Universal, mães de todo o país são convidadas a participar dessa escola; elas são educadas a cumprir seu papel de mãe, escutando seus filhos, participando mais ativamente da vida deles, mas sem deixar de lado os “bons e tradicionais” costumes da mulher, como já vimos anteriormente no tópico relacionado à ideologia de gênero. Chamamos atenção para a grande quantidade de mães já envolvidas no projeto, o que demonstra que o projeto está disseminado, formando cada vez mais mulheres com menor potencial para emancipação feminina.

O último evento noticiado dentro dos dados coletados é sobre o Jejum de Daniel, o qual já abordamos no tópico 4.2.4.1, em que os fiéis são convidados pelos bispos e pastores a realizar um jejum, se ausentando de entretenimentos e informações que não estejam vinculadas à religião, já que o objetivo é o alimento da palavra de deus. O intuito dessa notícia é divulgar conteúdos para os fiéis se “alimentarem”:

Acompanhe diariamente os conteúdos do Universal.org, do Univer Vídeo, da TV Universal e da Rede Aleluia. Bem como, a “Palavra Amiga”, realizada pelo Bispo Edir Macedo, ao meio-dia. Você também poderá assistir filmes e novelas bíblicas, ler livros espirituais – tais como, “Nos passos de Jesus”, “O Espírito Santo” ou “Novo Nascimento” – e ouvir os *podcasts* (C5, 2019).

Percebemos que os eventos da Universal são momentos em que os bispos e pastores chamam atenção para um projeto ou tema específico e têm, assim, uma relação mais próxima com os fiéis, gerando assim maior conforto e intimidade nas relações. Esses momentos são determinantes para inserir os fiéis em vivências específicas, e, assim, a doutrinação acontece de forma mais intensa. Vale notar que estes momentos, junto com os cultos, são determinantes para a constituição das subjetividades dos fiéis, uma vez que a consciência deles é formada a partir das manifestações objetivas de seus líderes, que são os considerados “homens de deus”. Dessa forma, o que é proferido e indicado por eles é o que deve ser feito. Notamos também que a possibilidade de crítica é pequena, visto que não é permitido criticar a palavra de deus, logo, o que parece como resultado de seus pensamentos é imediatamente considerado como real.

4.3.3 A prática [estranhada] dos fiéis

Este tópico se concentra nos testemunhos e depoimentos dos fiéis, quando são relatadas suas práticas para “vencer desafios”, sejam eles relacionados aos vícios, aos problemas cotidianos, às doenças psíquicas e físicas, às questões de relacionamentos amorosos e, também, financeiras. Depois de apresentada a ideologia da fé como a ideologia que guia suas práticas, veremos como eles mesmos relatam seus processos de “cura através da fé”. Além disso, traremos de algumas de nossas observações sobre a prática dos fiéis, que presenciamos nas idas aos cultos da Catedral da Fé, em Belo Horizonte.

Aqui, é necessário apresentar as práticas afetivas, ou seja, como as pessoas incorporam e expressam as ideias produzidas pela doutrina religiosa ensinada pela IURD. Sabemos que um conjunto de ideias só é uma ideologia na medida em que ele mobiliza as pessoas para resolver os problemas reais por meio daquela solução. Para tanto, precisamos perceber como as pessoas acreditam nesses discursos. Vale notar, também, que os relatos são um processo de educação. A ideologia precisa ser ensinada, mas isso não pode ser feito por vias racionais, uma vez que é uma ideologia edificada por uma consciência irreal de mundo, logo, ela é cheia de contradições e falhas. Por isso é necessário acionar as afetividades, para que as pessoas não questionem racionalmente, mas se sintam tocadas no âmbito sensível da coisa, diante das contradições de sua própria vida material, das expressões das objetividades subjetivadas mais estranhadas.

Em uma notícia publicada no site da IURD, a secretária Thainá, de 20 anos, participou do evento dos 3 Dias Santos [o qual apresentamos no tópico anterior], na Universal de Tapes, no interior do Rio Grande do Sul (C2, 2019). Ela conta que já tinha frequentado a IURD antes, mas, aos 13 anos de idade, ela abandonou sua fé. Por se manter longe de deus, sua vida se arruinou. “Entrei em depressão. Meu fundo de poço foi quando fiquei 24 horas sem comer. Vivia dopada, tinha convulsão e crises de surto psicótico. Além disso, também me automutilava” (C2, 2019).

A jovem voltou para o Senhor Jesus. Ela participou dos 3 Dias Santos e decidiu se batizar nas águas. “Decidi que se fosse para eu voltar que fosse diferente e que, se Deus existisse, tinha que mudar minha vida. Comecei um Jejum de Daniel para receber o Espírito Santo e larguei tudo que me afastava de Deus”, concluiu (C2, 2019).

Thainá confirma que sua cura veio através de deus, quando ela se batizou nas águas. Ela passava por vários problemas de raiz psicológica, como depressão, automutilação, surtos psicóticos e, por isso, “vivia dopada”. Tudo mudou quando ela se entregou a deus. Ela começou o Jejum de Daniel [ao qual já explicamos anteriormente do que se trata] e recebeu o espírito santo, se alimentou da palavra de deus e largou tudo aquilo que a afastava de deus que, para os

crentes, são as coisas mundanas, os assuntos políticos, sociais e tudo aquilo que atravessa a sociedade, uma vez que o reino dos céus, para eles, está distante dessa realidade social.

A cabeleireira Eliana, de 42 anos, também é mais um exemplo de alguém que obteve o “socorro pela fé”. Ela conta que passava por vários problemas familiares com sua filha de 23 anos. “Desde pequena, ela mentia para mim e quando chegou à adolescência isso só aumentou. [...]. Começou a namorar e as brigas só aumentaram, até que ela decidiu sair de casa. Depois acabou voltando, mas foi muito difícil para nós duas. Era uma verdadeira guerra” (H1, 2019).

Mas Eliana também reconhece sua parcela de culpa: “eu era viciada em álcool. Também não tinha consciência do quanto a minha filha precisava de mim. Eu a rejeitava porque ela foi fruto de uma gravidez não planejada. Acreditava que ela atrapalhava a minha vida, pois eu queria estar sempre em festas e não ter a responsabilidade de cuidar dela. Eu tinha dificuldade de aceitar um abraço e o carinho dela e não percebia o quanto ela também precisava do meu amor de mãe”, conta (H1, 2019).

Para Eliana, a mudança começou quando ela foi buscar ajuda na IURD para se livrar do vício. Conta que, quando chegou na Igreja, deus começou a trabalhar nela para acabar com seu vício e só assim ela percebeu que precisava se libertar, ou seja, só quando ela mudasse, a filha dela também mudaria. “Hoje sou completamente diferente do que eu era. Meus amigos de festa logo perceberam minha mudança e diziam até que eu tinha sofrido lavagem cerebral, pois eu não queria mais beber nem ir para baladas” (H1, 2019).

Quando Eliana conta da sua mudança, ela se diz liberta de algo a aprisionava e revela que seus amigos pensaram que ela tinha “sofrido lavagem cerebral” por não querer mais agir como ela agia antes, como beber álcool e ir para as festas. Interessante notar que a consequência foi ela ter assumido um comportamento oposto com relação à forma com que se comportava antes, ou seja, se antes ela era dependente do álcool e ia para festas, agora ela já não quer mais beber, nem ir para festas. Mas a consequência foi de algo que foi mudado nela, o que acreditamos que é a atividade religiosa. A atividade religiosa propôs a ela a consequência da mudança de seus hábitos, por trocar a dependência a uma substância que prejudica seu corpo, o álcool, por uma dependência à fé, a deus, algo que a acorrenta pelo coração (MARX, 2013b), pelos afetos, pelos sentimentos. A partir de então, sua relação com sua filha melhorou, e hoje elas são melhores amigas, conta Eliana, dizendo que, depois de Deus, sua filha é seu braço direito (H1, 2019).

Aqui, percebemos que o estranhamento do indivíduo é tanto que ele não consegue se perceber como responsável pelas transformações que acontecem em sua vida. Como ele é ensinado a ser visto como inferior diante de deus, tudo de bom que acontece em sua vida é resultado do trabalho de deus.

Jair também procurou ajuda para curar seus vícios. De acordo com a notícia “Jair não aguentava mais o vício em cocaína e outras drogas e buscou ajuda”, ele chegou ao Tratamento para a Cura dos Vícios dependente do álcool, do cigarro e da cocaína. Ele tinha gastado todo o seu dinheiro com as drogas e estava desacreditado de uma vida melhor.

“Ele acreditou e viu no Tratamento a saída para o seu sofrimento. Assim como Jair, que foi curado na hora e teve a sua vida restabelecida, milhares de pessoas que querem sair da dependência e seus familiares – cansados de todo o mal que as drogas causam em suas vidas – têm buscado ajuda” (H5, 2019).

Na IURD, o Tratamento para a Cura dos Vícios auxilia os dependentes a saírem do mundo das drogas. Como vimos com Jair e também com Eliana, eles acreditam deixar as drogas pela influência de deus. Percebemos que há uma troca de dependência [que permanece implícita, em alguns casos], já que os fiéis que buscam essa cura trocam a dependência por substâncias químicas pela dependência à fé. Ainda que possa parecer incabível para algumas pessoas esse tipo de comparação, visto que o tabu incumbido nas drogas não abre espaço para que as pessoas percebam como elas entram para sanar outros tipos de dores e faltas, acreditamos que a Igreja também age da mesma maneira, porém, sem causar danos físicos e psíquicos imediatos.

A fé — materializada, também, na figura da Igreja — é o que supre as carências humanas individuais e coletivas. São nesses espaços que as pessoas buscam ser escutadas e curadas. Acontece que a atividade religiosa é uma atividade estranha, criada e sustentada por uma fantasia humana que, como vimos em Marx, atua independente do indivíduo e também sobre o indivíduo. O ser humano, quando dependente da fé, não consegue perceber a realidade que o cerca, porque, para ele, a vida material é um momento de passagem, e não o fim último de sua vida individual. Sua vida individual termina no reino dos céus, ao lado da imagem ilusória de deus, uma criatura criada para determinar a vida daqueles que nele creem. Para as pessoas que têm sua consciência constituída com base na determinância da vida espiritual — e aqui, quando falamos de “vida espiritual”, não estamos falando da vida do espírito em si, mas sim do reino espiritual, do reino dos céus, caracterizado por fundamentos religiosamente cristãos —, a cura sempre virá de deus, o criador.

Juliana, de 32 anos, participou de um culto no Templo de Salomão onde revelou que foi refém da ansiedade por causa do seu trabalho. “Eu queria fazer tudo e mostrar meu trabalho, mas, quando eu vi, estava ansiosa demais. Cheguei ao ponto de uma médica, onde eu trabalho, dizer que eu teria que começar a tomar medicamentos para a ansiedade” (B5, 2019; B8, 2019). A partir dessa situação, ela diz perceber que precisava despertar sua fé. E se questionou: “Como

eu, com o espírito santo, poderia aceitar ser refém da ansiedade? Então, eu comecei a analisar a minha vida e ser menos inquieta, aprender a não ter ansiedade” (B5, 2019; B8, 2019). Ela diz que tudo isso só foi possível porque ela segue a direção da palavra de deus, por isso ela foi curada.

Aqui percebemos que a cura foi seguir a palavra de deus, daí veio o alívio e o aprendizado para não ter mais ansiedade. Assim é a ação da fé, ela não te ajuda a resolver os seus problemas, e sim a acreditar que um dia eles resolverão. Juliana estava ansiosa por questões relacionadas ao seu trabalho, mas em momento algum foram citados seus problemas de trabalho. Provavelmente eles continuam existindo. O que difere, neste momento, é que agora ela tenta vê-los de outra forma, ou com uma esperança de que aquela situação vai mudar, ou com a conformidade de que, se ela está passando por isso, é para seu crescimento, é porque deus colocou isso em seu caminho. A fé não vai à raiz dos problemas, ela apenas obscurece suas raízes reais e cria novas raízes e resoluções espirituais ilusórias. Por isso, quando não existe mais discurso para legitimar as contradições da vida real dos fiéis, deve-se apelar para a fé.

Jaceguai, de 51 anos, sofria de depressão. Ele era advogado e, mesmo com um bom emprego, era insatisfeito com sua vida. Jaceguai também tinha problemas no seu casamento e alega que se sentia cobrado materialmente pela esposa. Com isso, ele foi diagnosticado com síndrome do pânico. Pela quantidade e alto valor dos remédios, ele fez empréstimos e foi à falência. O testemunho de Jaceguai vem mostrar às pessoas a “mudança promovida por Deus” (H2, 2019), “mas, para isso, você precisa crer nEle e obedecê-LO. Ele não quer lhe julgar e condenar. Pelo contrário, o Santíssimo deseja lhe transformar completamente” (H2, 2019).

Ele recebeu o milagre sem ter o Espírito Santo. Mas todos os milagres realizados pelo Senhor Jesus tiveram a manifestação da fé dos agraciados. O Jaceguai, por exemplo, assistiu a programação na televisão e foi para a igreja. Então, ele recebeu o milagre naquele dia, quando creu na palavra de Deus”, esclareceu o Bispo Edir Macedo, durante a “Palavra Amiga” (H2, 2019).

Aqui, o bispo saúda Jaceguai, usando seu exemplo para mostrar que o mais importante é crer na palavra de deus. Mesmo ele não tendo o espírito santo, ou seja, não sendo batizado na Igreja, ele teve fé em deus, por isso, ele recebeu o milagre. Aqui, chamamos atenção para a questão do milagre. Para os cristãos, deus criou o mundo, a natureza e os seres humanos e, assim, criou uma “ordem natural”. Dessa forma, só ele é capaz de alterar essa ordem. Quando um milagre acontece, os cristãos acreditam que é uma intervenção de deus. Logo, se deus é um ser supra-humano, o milagre é um evento sobrenatural, ou seja, um evento que os seres naturais e humanos não são capazes de explicar. Geralmente, o milagre tem um tom positivo, já que afirma alguma alteração benevolente. Porém, a concepção de milagre também é algo criado

pelo ser humano, uma vez que não tem relação com a vida material. Ele é criado a partir da fantasia de que deus está atuando em algum plano para possibilitar que alguma ação aconteça. Essas são crenças ilusórias de uma possível realidade em que um suposto ser está agindo conscientemente para a transformação de algo — ser este que nem ao menos porta consciência, uma vez que não possui lastro com a humildade. Logo, quando são questionados sobre a realidade da ação, respondem ser algo inexplicável materialmente, dessa forma, “basta crer, para que seja real”.

O caso de Beatriz é mais um caso no qual a fé é a cura para o sofrimento. “Cada vez que eu tentava morrer e não conseguia, a dor aumentava. Então, entre os 14 e 15 anos, eu tentei o suicídio pela segunda vez. Tomei uns remédios que a minha avó usava para controlar a pressão. E esperei morrer” (H4, 2019). O Bispo Macedo, ao ouvir o caso de Beatriz, disse que o criador gosta de pessoas humildes e sinceras, por isso ele iria ajudar Beatriz. Em seguida, ressalta que, “em contrapartida, os soberbos são ignorados pelo Altíssimo. Porque são incapazes de perceber o amor que Ele tem” (H4, 2019). E continuou dizendo:

“O que mais me chama atenção, Beatriz, é que muito além da sua capacidade de raciocinar, de avaliar as coisas e de verificar se realmente existe o bem, é a sua sinceridade. Porque eu tenho visto pessoas intelectuais, mas que são orgulhosas. E esse tipo de gente não consegue ouvir a voz de Deus. Você, Beatriz, além de inteligente, é sincera. Você é o que é, sem máscara. É isso o que agrada a Deus: a pessoa pura. Embora, pecadora, mas, ao mesmo tempo, pura de alma” (H4, 2019).

O Bispo claramente chama atenção para a sinceridade de Beatriz que, mesmo diante de um pecado, foi até o Altar e se expôs dizendo a verdade. “Embora, pecadora, mas, ao mesmo tempo, pura de alma”. Para a IURD¹⁵, o pecado é a transgressão cometida pelo ser humano contra deus. Para os evangélicos, todos os pecados são graves e, se não houver arrependimento da pessoa que o cometeu, ela pode ser condenada ao inferno. Dessa forma, Beatriz, por tentar cometer suicídio, tirar sua própria vida, ela cometeu um pecado, é uma pecadora. Mas, para ele, isso não faz com que ela seja vista como uma pessoa ruim, já que ela se arrependeu e foi até o altar entregar sua vida a deus e pedir para que ele a escute e a cure. O Bispo finaliza dizendo que “a boa notícia é que você pode passar a ouvir a voz de Deus e se esvaziar da sua própria vontade, para se submeter ao desejo dele” (H4, 2019). Os fiéis são, assim, eternos submissos ao desejo de deus. Enquanto tiverem fidelidade ao criador, devem se submeter ao desejo e às palavras de deus. E o que é muito usado como força para obter mais seguidores e submissos a essa atividade religiosa são as [aparentes] possibilidades de cura dos males humanos.

¹⁵ Diferença de pecados. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/diferenca-de-pecados/>. Acesso em 21 de janeiro de 2020.

Percebemos aqui que essas são pessoas que vivem em situações de sofrimento, que relatam suas dores, suas angústias, medos, aflições. São pessoas que procuram a Igreja para mudar de vida, para se transformar. Acontece que, na verdade, a IURD não consegue ajudar essas pessoas a mudar verdadeiramente de vida. Ela está comprometida com o capitalismo e é produto de seu desenvolvimento, dessa forma, ela não pode [nem quer] tocar nas raízes das contradições humanas, na raiz do sofrimento e da miséria humana.

Quando estávamos em um culto na Catedral da Fé, em Belo Horizonte, presenciamos um momento em que o pastor falava sobre a ansiedade e como o pensamento e a obediência a deus seria a única forma de curar essa doença. Nesse momento, alguns fiéis começavam a chorar e apoiavam suas mãos sobre os rostos. Era nítido como aquelas pessoas sofriam. Eram pessoas, majoritariamente pobres, em situações vulneráveis e precárias de vida. A maioria eram mulheres. Elas demonstravam sentir dor e, ao chorar publicamente, expunham seu sofrimento e mostravam que faziam parte das pessoas que tinham problemas. Neste momento, alguns obreiros se aproximavam dessas pessoas, paravam próximos a elas com as mãos impostas sobre suas cabeças e começavam a orar em voz alta pedindo a deus que curasse essas pessoas. Elas choravam cada vez mais. É como diante do caos ter alguém que se preocupa com elas. É através dessas práticas que a IURD ganha o coração dos fiéis. É quando eles não têm ninguém com quem contar no dia a dia, mas, quando vão à Igreja, recebem um carinho, uma oração, uma palavra de conforto. Essas práticas afetivas acionadas pela Igreja é o que legitima a suposta eficácia de sua ideologia. Às vezes, a pessoa pode se sentir melhor por ter sido ouvida, por alguém ter dito uma palavra de conforto a ela, mas como a ideologia ensinada diz que isso é o trabalho de deus, ela subjetiva como a ação de deus em sua vida. O outro ser humano que a ajudou não é ninguém, senão um instrumento de deus. O outro é estranho para si, assim como si mesma. Ela não reconhece a humanidade no outro, nem em si. E assim, as ações humanas perdem o lastro com a humanidade e são, portanto, produtos divinos.

No caso de Manuela, seus pais acreditam que usaram a fé em deus para alcançar o milagre da vida. Manuela é um bebê que foi diagnosticado com arritmia cardíaca aos 4 meses de idade (H3, 2019). Seu caso era grave, e seus batimentos eram muito acelerados. A família de Felipe [o pai] frequentava a Universal e, em meio à aflição, ele resolveu ir em uma reunião de cura, que acontece nas terças-feiras em todo o país, participando também da Corrente dos 70 [a qual já mostramos neste texto].

“Eu peguei firme na corrente e obedeci ao que era ensinado. Tudo que o pastor falava vinha ao encontro da minha situação. Usei a minha fé. Levava peças de roupas dela e passava no corredor dos 70, levava a água que era consagrada no Templo e dava um pouco para ela. A certeza da cura só crescia dentro de mim” (H4, 2019).

Aqui percebemos o quanto os argumentos dos pastores vão de encontro às situações de fragilidade dos fiéis. Em reuniões de cura, as pessoas, obviamente, buscam ser curadas ou a cura de alguém querido. Os argumentos se referem às condições de vida que estão em coerência com a realidade vivida pelos fiéis, provocando, assim, afetos que os deixam emotivos e mais vulneráveis, principalmente por acreditam que os pastores sabem do que se trata e do que cada fiel precisa. Essas situações mobilizam a consciência dessas pessoas, que acreditam possuir ainda mais razões para acreditar na doutrina. Além disso, vemos os objetos utilizados como meios de cura. A água consagrada no Templo é como uma água benta, que contém nela as bênçãos de deus, dessa forma, acredita-se que quem beber dessa água será curado [assim como contém na bíblia]. A água consagrada é um fetiche, ela assume poderes sobrenaturais e supra-humanos, assim como deus. Ela é criada pelo ser humano e o faz refém dela. Por viver em uma situação estranhada, o ser humano acredita que a água consagrada foi criada por outrem, outrem este que é mais poderoso que o ser humano, outrem este que é deus, ser também fetichizado. A água consagrada assume poder natural, quando na verdade seu poder é social. Ela não tem si, em sua essência, o poder da cura. Mas os seres humanos, em suas relações sociais, acreditam que ela possui esse poder — poder dado a ela exclusivamente pelo ser humano. Na Catedral da Fé, logo na entrada, há uma fonte, e as pessoas levam suas garrafas de água para buscar ali a água consagrada. Forma-se uma grande fila para ter acesso à água, o que demonstra sua importância para os fiéis se curarem de suas dores e sofrimentos.

Larissa, a mãe de Manuela, conta que “ele [o pai] trazia a água consagrada e dava para a nossa filha e para mim e dizia que era para que Deus me desse forças. Passei a crer e a pedir para que Deus fizesse o milagre” (H4, 2019). Depois de Manuela piorar e sofrer paradas cardíacas, os médicos diziam que a situação só se agravava e tinha chance de Manuela ter sequelas. O casal continuou indo à Igreja e alguns dias depois Manuela foi para casa sem sequelas. Eles continuam frequentando a Corrente dos 70 e usam a fé no “Deus do Impossível” em favor da família. “É algo sem explicação. Nosso milagre veio de Deus. Vamos seguir, e a Manuela vai crescer nessa fé, porque tenho certeza que deus tem um grande plano para ela” (H4, 2019). A partir disso, o casal acredita piamente que a cura de Manuela se deu através de deus, ao qual eles se referem como “Deus do Impossível”, aquele que realiza milagres.

Aqui, vemos que a fé em deus é algo inabalável e se dá também como resposta às doenças físicas consideradas graves. O fato de não terem explicação para a recuperação da saúde torna-se imediatamente fé no inexplicável. Eliane já frequentava a Universal, mas ressalta que estava acomodada. Ela estava com trombose quando decidiu despertar novamente

na Igreja.

Ela pediu para a sobrinha levar a água consagrada para ela. “Eu lavava a minha perna com a água e a usava para tomar o comprimido. Isso fazia parte do meu tratamento. Eu determinava com Deus nas minhas orações que não teria hemorragia e que seria curada para honra dEle” (F4, 2019).

Fazendo uso da fé e com acompanhamento médico, no dia 5 de outubro do mesmo ano, após a realização de novos exames, a cura foi detectada. Segundo os médicos, as veias de Eliane estavam restauradas e com fluxo venoso em todos os vasos. A comerciante segue usando a água do tratamento e frequentando as reuniões. Após a cura, ela se voluntariou no Grupo da Saúde, um projeto da Universal que realiza visitas em hospitais, levando aos pacientes e seus familiares apoio espiritual por meio de palavras de fé e esperança. “Por meio desse trabalho, uso o que aconteceu comigo para glorificar a Deus e ajudar pessoas que se encontram doentes, como eu já estive. É muito gratificante”, finalizou (F4, 2019).

Para os crentes da IURD, Eliane é mais um exemplo de cura através da fé. Ela não só curou sua doença, como hoje serve à Igreja para ajudar outras pessoas a acreditarem nisso também. Para ela, isso é gratificante, já que ela foi despertada e teve sua doença curada, e agora ela pode ajudar para que outras pessoas façam o mesmo. É interessante notar como as pessoas realmente acreditam neste tratamento com a água consagrada. Se a doença foi curada, elas acreditam imediatamente que foi por causa da água, que foi por causa de deus, e não por outra razão. A crença está tão engendrada na pessoa, que nenhuma outra coisa ganha espaço como possibilidade de cura e tratamento, apenas aquilo que vem de deus.

Vimos que nos problemas cotidianos é assim, na saúde é assim e, obviamente, nos relacionamentos não seria diferente. Estivemos presentes na reunião da Terapia do Amor, na Catedral da Fé, em Belo Horizonte. Percebemos que a necessidade dos pastores de se aproximar da vida dos fiéis com discursos que passam por suas realidades é uma técnica brilhante para chamar atenção das pessoas e convencê-las do que pregam. O pastor chegou gritando: “Vocês estão sofrendo? ”, “A reunião hoje é para as pessoas que estão comendo o pão que o diabo amassou, para as pessoas que estão cansadas”. As pessoas começaram a gritar com ele e fazer suas orações em voz alta, chorando. As expressões eram de dor e sofrimento, e quanto mais ele gritava, mais elas gritavam. O pastor continuava: “Levantem suas mãos e gritem para o diabo que chega, que vocês estão cansados, que ele não vai mais mandar nada em vocês”. Logo em seguida, as pessoas se levantaram e começaram a gritar e levar suas mãos para trás como se estivessem jogando algo fora, e todas as pessoas gritam em tom elevado: “Diabo, chega! Digo sim para Deus! Digo não para o diabo! Sai diabo! ”. As luzes do altar se acendem e o pastor volta a falar, só que dessa vez ele fala mais baixo: “Calma, gente. Ninguém vai sair daqui como chegou”. Nesse momento as pessoas começaram a se acalmar. Notamos que o pastor criou esse

cenário de alarde onde todos gritam com ele e pedem socorro; logo depois que as pessoas “mandam o diabo embora”, as luzes do altar se acendem e parece estar tudo bem. O pastor tentava acalmar os fiéis. Era uma forma de fazê-los se sentir protegidos dentro do Templo.

Sabemos que o movimento neopentecostal traz grandes revoltas ao “diabo”, que é a figura oposta de deus. Mas se deus é quem comanda tudo, a quem devemos responsabilizar pelos erros e males das nossas vidas? Ao diabo? Será que tudo que dá certo é deus e tudo que dá errado é o diabo? Se somos controladas por deus e é deus quem nos garante tudo de bom que pode acontecer na vida, o que devemos fazer? E a resposta da Igreja é simples: merecer e honrar ao senhor. E como se faz isso? Agindo conforme a bíblia e reproduzindo o que acreditam ser a palavra de deus. E não é só isso, mas escutando e acreditando em tudo que os pastores dizem, já que eles são os porta-vozes de deus, criaturas que vieram ensinar como merecer e honrar “todas as maravilhas que podem ser ofertadas por deus”. Isso é o que respalda e dá força a todo o discurso dos pastores sobre a moral social. E as pessoas se mostram convencidas com todos esses argumentos e demonstram isso chorando, sorrindo, olhando para cima e agradecendo a deus.

Este culto que presenciamos era sobre o amor. O pastor pediu para que todas as pessoas que foram traídas, que precisavam se separar ou que estavam em crise no casamento, que pegassem sua água e levantasse para o céu. Em seguida, repetia: “Sim, meu Deus, que essa água seja consagrada com seu poder. Quando eu beber essa água, que essas maldades, praga, inveja, doença, inferno, demônios do Estado de Minas Gerais, provocando divórcio, agressão, feminicídio, pare. Que essa água seja antídoto”. Todos choravam e faziam suas orações em voz alta, enquanto começavam a cantar a oração do “Pai Nosso”. Elas choravam porque neste momento os discursos acionados pela Igreja eram sobre situações de sofrimento que aconteciam em suas vidas. A relação que os fiéis estabelecem com a água consagrada, como abordamos, é como uma água capaz de curar de todos os males e limpar as pessoas. Logo na entrada do templo, as pessoas iam até a fonte encher suas garrafas de água, e, durante o culto, existe um momento específico em que essa água é levantada para cima e as orações são feitas sobre ela. Algumas pessoas também vão ao altar benzer a água. Durante todo o tempo as pessoas estão gritando. O pastor, durante a maior parte do culto, também está gritando, mas tem alguns momentos que ele fala baixo propositalmente para chamar atenção dos fiéis para que eles respirem e se acalmem, porque as pessoas ficam muito eufóricas diante de tanto barulho e muitas vezes parecem até bem agressivas.

Em seguida, o pastor pede que todos se acalmem novamente e convida duas pessoas ao Altar para contar sua história. Era um homem e uma mulher. A mulher contou que foi casada

dezoito anos com outro homem e ele a tratava muito mal e a traía. Depois de muito sofrer, ela decidiu divorciar e já estava desiludida com o amor. O homem também contou sua história, que também estava divorciado depois de um casamento de dezoito anos, também, e sentia que não encontraria mais ninguém. Foi quando ele voltou para a IURD para curar seu coração e conheceu sua companheira. O casal contou que estavam juntos há dois anos e foi deus, através da IURD, que os enviou um para o outro. Nessa hora, as pessoas observavam atentamente, os casais se entreolhavam, e a intenção era que as pessoas fossem convencidas de que o amor é possível. O pastor dizia: “Deus vai enviar quem você precisa”. Na maior parte do tempo, elas estavam gritando, fazendo suas orações em voz alta, chorando e com as mãos levantadas para o céu. Elas gritavam por socorro, para diminuir suas dores, suas tristezas, para acabar com a miséria, com as brigas, com as traições. E o pastor gritava cada vez mais, pedindo para que deus tirasse o mal do coração dessas pessoas. Percebemos aqui como os afetos são “acionados” e as pessoas os manifestam com muita intensidade durante os cultos. Ressaltamos também como é importante ter pessoas testemunhando na Igreja, para “comprovar”, assim, o poder de deus na vida dos casais.

Natalicia descobriu traições de seu esposo depois de casada há 5 anos. Ela era obreira da IURD e tinha uma filha de 2 anos, além disso, foi abandonada por pessoas que se diziam “amigas” dela. Isso tudo gerou um grande sofrimento para ela. “Há quem se revolte de forma equivocada e quem aproveite o momento a sós com deus para sair da situação delicada fortalecido” (B6, 2019). Natalicia cita um versículo da bíblia para resumir o momento que estava vivendo: “faze-me conhecer, senhor, o meu fim, e a medida dos meus dias qual é, para que eu sinta quanto sou frágil” (Salmos 39.4) (B6, 2019). Agora, ela atesta estar firme pois teve com ela a presença de deus. Esse versículo citado por ela, no qual afirma que é um ser frágil, é uma maneira de demonstrar a grandiosidade de deus e como a humanidade é pequena perto da imensidão desse ser.

“Entendo o que o Bispo Edir Macedo nos ensina quando diz para fazermos do limão uma limonada ou seja, uma coisa azeda, ruim da nossa vida, com Deus vira algo doce”, [...] “eu era criança na fé. Hoje, nada, nada mesmo, me separa de Jesus. Sei o que passei e não vou deixar que ninguém tire o que conquistei. Nada é mais importante do que a minha Salvação” (B6, 2019).

Como ela afirma, com deus tudo se torna mais fácil, “doce”. A esperança nesse ser é tão grande que, aparentemente, cura as dores das pessoas. Elas se fortalecem nesse sentimento de fé, de convicção. Se prendem ao sentimento, a uma crença irreal, mas que é o que preenche o espaço da falta, que causa dor. Natalicia afirma que nada é mais importante do que sua Salvação. Esse é o objetivo principal dos crentes, a Salvação. O momento em que serão presenteados pela

luz divina, pela garantia de ter um encontro com deus pela eternidade e, assim, estarão libertos dos sofrimentos humanos. Lutam durante a vida agindo conforme “deus acredita” — a palavra de deus — para terem a garantia da Salvação, para serem aceitos no reino dos céus quando for a hora. Querem ter certeza de que serão reconhecidos por deus e, para que sejam aceitos e reconhecidos, devem ser exemplo.

Neste momento, vale lembrar, para além do caso de Natalicia, como a busca pela Salvação, pela libertação do sofrimento, é uma falsa libertação. Como Marx (2004) nos lembra, os sentidos humanos, refletidos em seus comportamentos, são a apropriação da efetividade humana, ou seja, a apropriação do ser humano ao objeto, ou a vida objetiva [vida material]. Assim, o sofrimento humano são respostas dos seres humanos às suas condições materiais de vida. Se a vida material não importa e o objetivo é o reino dos céus, as condições materiais de vida não serão transformadas para que o ser humano seja liberto do sofrimento. Assim, a Salvação que tanto buscam nunca será uma libertação efetiva da humanidade, pois ela não está comprometida com as relações concretas de vida.

Karen, de 30 anos, também resolveu seus problemas afetivo-amorosos através da fé, ela confiou no “Autor do Amor” [como dizem]. Ela frequentava a Terapia do Amor [reunião que acontece nas quintas-feiras nos templos da IURD] e conseguiu vencer seus traumas. “Antes de me casar, eu já tinha sofrido muito sentimentalmente. Vivi relacionamentos conturbados, desilusões, frustrações e, por causa disso, era muito carente” (E5, 2019).

“Quando fiquei viúva foi um choque. Não via como me reconstruir ou ter outra pessoa. Era uma dor terrível dentro de mim. Só Deus foi capaz de curar o meu interior. [...]. Como eu tinha conseguido conquistar uma vida amorosa completa na Terapia do Amor antes, então me lembrei que poderia reconstruí-la colocando em prática o que aprendia nas palestras. [...] Cuidei em primeiro lugar do meu interior e, quando menos esperei, Deus me respondeu com uma pessoa que me faz muito feliz.”

Hoje Karen é casada com Rodrigo, de 36 anos. Ela diz que deus curou seu interior, fazendo com que ela resgatasse sua autoconfiança e logo enviou essa boa pessoa para ela. Hoje ela se diz realizada, graças a Deus (E5, 2019). Interessante perceber que todo o mérito da pessoa para o encontro com alguém é retirado no momento em que essa responsabilidade é passada para deus. Para os praticantes dessa atividade religiosa, não importam as características e qualidades que Karen tem que possa ter atraído Rodrigo, o que importa é sua fé. É por ela ter fé que deus enviou uma pessoa para ela.

Em um outro culto que presenciamos, também da Terapia do Amor, nos chamou atenção o momento que o pastor convidou sua esposa ao Altar e disse que o primeiro passo para saber se uma pessoa é uma boa pessoa para você se relacionar é saber se ela é uma pessoa dizimista,

ou seja, que entrega o dízimo à igreja. Ou seja, para você se relacionar com alguém, essa pessoa deve entregar todo mês o dízimo à igreja e, não só isso, mas, para você ser uma pessoa que irá atrair o interesse de outras, você deve fazer o mesmo. Resumindo, todas e todos devem ser dizimistas para merecerem o amor do próximo. E as pessoas acreditam nisso com vigor e alegria, se orgulhando de si mesmas por serem dignas de receber amor através da oferta do que elas receberam — desde parte do salário, de um carro, de uma casa e até mesmo o amor do próximo, ou seja, para que as pessoas recebam amor, elas devem ser capazes de devolver a deus, de alguma forma, o que ele permitiu que elas recebessem.

Por fim, também devemos saber que há a cura para problemas financeiros, afinal, a Teologia da Prosperidade propõe e garante a abundância financeira a partir da ideologia da fé. Com Alan não foi diferente. O homem de 42 anos diz ter conquistado as bênçãos de deus. Ele afirma ter passado por problemas com drogas, ter morado na rua e se alimentado com o que encontrava no lixo. Conta ter se envolvido em assaltos e até ter sido preso. Alan decidiu buscar ajuda na reunião da Nação dos 318 [reunião que acontece nas segundas-feiras nos templos da IURD, dedicada à superação na área financeira] em Maceió. “Vi que ser obediente a Deus mudaria realmente minha vida. Então, passei a ser fiel no dízimo e à Palavra de Deus. Pouco tempo depois, arrumei um trabalho” (D2, 2019). Ele conta que, durante as reuniões, ele teve a visão de construir seu próprio negócio. Ele afirma que “a fidelidade a deus o levou a conquistar casa, carros e uma empresa” (D2, 2019). “Hoje, graças ao pacto que fez com Deus, ele é formado em Arquitetura e conhecido em sua cidade por desenvolver um trabalho de qualidade” (D2, 2019).

Alan também acredita ter sido salvo por deus. Para quem já morou na rua, ele diz ter conquistado “casa, carros e uma empresa”, tudo isso por ter sido fiel a deus. Quando aparecem essas afirmações, logo pensamos como deus pode ter dado tudo isso a Alan. Será que Alan trabalhou para conseguir comprar uma casa, um carro e adquirido uma empresa? Ou deus trabalhou por ele? No modo de produção ao qual estamos determinados a reproduzir nossa existência, parece inviável que alguém que já morou na rua tenha conquistado tantas coisas sem vender sua força de trabalho ao capital. Se Alan não ganhou na loteria, não recebeu uma herança ou não roubou, ele deve ter arrumado um trabalho, trabalho este que lhe custou a venda de sua força de trabalho por um valor menor do que ela vale, assim como ocorre nas relações de trabalho capitalistas. A partir disso, percebemos que todo esforço de Alan não é considerado, já que deus é considerado o maior responsável por suas conquistas. Foi por deus que Alan conseguiu o que conseguiu. Dessa forma, ele deve devolver essa conquista a deus, através da sua fidelidade a deus e ao dízimo.

Em um culto que presenciamos com o tema da vida financeira, em determinado momento o pastor começou a falar sobre a Fogueira Santa, que é um evento realizado pela IURD semestralmente cuja pauta principal é o sacrifício monetário. Cada fiel deve levar ao altar tudo o que tem, tudo o que “deus pede a ele”, seja todo o seu salário, sua caderneta de poupança, seu carro, sua casa, etc. Diante disso, as pessoas entregam as ofertas e fazem seus pedidos e suas preces, que, de acordo com a IURD, são levados e queimados na Fogueira Santa de Israel, visando a sua concretização.

Nesse momento, uma mulher foi até o altar e pediu o microfone para dar seu depoimento. Ela disse que estava desempregada e pegou o dinheiro para pagar a água da casa dela que o filho havia deixado em cima da mesa e levou para a Fogueira Santa. Depois disso, ela vendeu praticamente todos os móveis da sua casa e levou este dinheiro para a igreja. Hoje ela diz ter a casa dela e uma empresa de gás. Depois disso, o pastor pegou o microfone da mão dessa mulher e pediu que todo mundo repetisse: “Meu Deus, eu vou me humilhar, me vestir de pano de saco, mas essa afronta vai morrer. Eu vou lutar para gerar esse valor”. Todos gritavam e choravam. O pastor dizia em voz alta: “Eu não quero saber se vocês têm condições financeiras, o que importa é se vocês têm disposição, se vocês vão doar tudo o que tem”.

Notamos que a todo tempo se vincula o dinheiro a isso. É por ofertar o dinheiro e seus bens a deus, que na verdade quem se apropria é a Igreja, que o fiel será curado, que sua vida vai melhorar. É por dar a deus o que ele pede, que o fiel terá tudo multiplicado. E o que de bom que acontece com a pessoa é ordem de deus. E o que de ruim que acontece ou é ordem do diabo ou é porque o fiel não está seguindo a palavra de deus. Diante disso, a responsabilidade da pessoa é vinculada a deus. Se ela não paga o dízimo, por exemplo, ela está escolhendo não provar a deus que reconhece o amor dele e, ao fazer isso, abre as portas para o diabo. Assim, as pessoas interiorizam a necessidade de pagar o dízimo por meio de práticas de afetividade.

O pastor dizia que tiraria todo mundo da miséria, bastava ser dizimista. Ele dizia que sabia que tinha muita gente “quebrada financeiramente, com muito olho gordo em cima”. E questionava: “O que custa dar dízimo? O que custa dar o dízimo para a Igreja? Coloca no altar o dinheiro e vai para a rua. A riqueza não está no céu. A riqueza está na terra, está no Altar. Mil reais é lixo”. Em seguida, ele pedia que todo mundo gritasse com ele: “Mil reais é lixo!”. E todo mundo gritava. Inúmeras pessoas presentes recebiam um salário próximo a esse valor, logo, o pastor está dizendo que o salário delas é lixo. Ele pode mudar tal realidade, porque isso é resultado de olho gordo, mas, para isso, é importante que o fiel dê o dízimo. Acontece que muitos fiéis não têm esse dinheiro para dar. Vemos que essa situação cria uma tensão, um conflito interno, que transfere para a pessoa a responsabilidade de ter que viver com um lixo,

ao mesmo tempo que faz com que ela não se sinta bem por viver assim. Percebemos como isso afeta os fiéis — que vivem em condições de vulnerabilidade, por isso, eles gritam e choram durante o culto. Quando elas entram em contato com esses argumentos, elas precisam ser motivadas a acreditar que tudo vai melhorar, que deus, o ser que cura e tira da miséria, vai atuar em suas vidas. Para isso, elas precisam ser notadas e farão o que for preciso para que isso aconteça.

Em outro culto, no momento da oferta, os obreiros que recolhiam as ofertas paravam com o saco de pano na frente dos fiéis, individualmente, e falavam que aquilo era por um motivo social, era para ajudar as pessoas necessitadas. Mas os fiéis também não necessitam uma melhora de vida? Assim, os fiéis [majoritariamente pobres] tiravam 20 reais, 50 reais do bolso e colocavam no saco. Eles eram tocados, seja pela vergonha, pela humilhação, pelo medo, pela empatia, por pena. E isso era suficiente para mobilizá-los a tirar do pouco dinheiro que tinha em seu bolso, uma quantidade para ofertar à Igreja. Diante da coação, uma vez que os obreiros faziam uma pressão para que o dinheiro fosse ofertado, um por um, os fiéis faziam o que era solicitado, já que eles querem ter uma boa vida, agradar a deus e não querem dar espaço para o diabo em suas vidas.

Diante disso, nos questionamos o quanto há uma preocupação da IURD em manter seus ganhos com os dízimos e ofertas e, ao mesmo tempo, garantir o compromisso dos fiéis fazendo- os acreditar que só assim é possível conseguir alguma coisa de deus. Os pastores, que são considerados porta-vozes de deus, convencem os fiéis de que eles só conseguirão o que querem quando eles abrirem mão de suas coisas materiais, só quando eles ofertarem tudo a deus, o mesmo dará tudo multiplicado para eles. Afinal, sem o dinheiro dos fiéis, como a Igreja [e deus] se sustentará em um sistema capitalista?

Até aqui, percebemos claramente o estranhamento do indivíduo. O conjunto de ideias produzidas pela IURD não responde aos problemas reais. As pessoas frequentam a Igreja buscando melhorar a vida, mas os dados e as observações nos revelam que elas continuam em situações precárias de vida. Diante disso, a contradição entre o discurso e a prática é evidente. Para tanto, é necessário que a Igreja encontre formas de deixar as falhas latentes, porém soluções parciais, que parcializam os problemas. Nisso, percebemos dois movimentos importantes: a culpabilização do indivíduo e a fetichização de deus.

Se a IURD, supostamente, oferece ao fiel a solução para seu problema e esse problema não é solucionado, é porque ele não soube fazer da maneira correta. Deus sabe tudo, se o fiel não conseguiu, é porque ele não está fazendo como deus ensinou. Em última instância: a culpa é do indivíduo. Assim, percebemos que não há apenas a supervangloriação de deus, mas a

superinferiorização do indivíduo. O indivíduo não tem poder de nada. Esse é o máximo de estranhamento humano, em que o ser humano não é nada, não é ninguém. Ele só terá uma boa vida se ele for deus na terra, mas ele nunca será [inclusive, os próprios bispos falam que todo mundo deve saber que ninguém é deus]. Então, não há maneira de dar certo. É uma busca eterna por algo que é impossível de se concretizar. É a própria desumanização.

Ao pensar sobre isso, parece algo absurdo [e é], mas os fiéis realmente acreditam nisso. Eles são afetados por esse discurso. Por quê? Essas igrejas fazem parte das poucas organizações que, de alguma forma, se aproximam dessas pessoas, que vivem em precárias condições de vida, e buscam educá-las de acordo com os dogmas e crenças da Igreja para espalharem a ideologia da fé. Essas pessoas, socialmente, já vivem em condições mais vulneráveis e com menos acesso ao conhecimento, a Igreja entra, assim, sendo essa porta para o conhecimento. Mas não é qualquer conhecimento, é um conhecimento estranhado, é um conhecimento pautado em fantasias e ilusões, que anda de acordo com as leis do capitalismo. É um conhecimento que tem como base e fundamento a imagem de um ser extra-humano, de um ser mais poderoso que qualquer outro ser humano.

Assim, diante das nossas análises e observações, percebemos que a fetichização de deus é o que dá sustentação aos argumentos dos bispos e pastores, que são reproduzidos pelos fiéis. E, é a partir do fetiche-deus, que se produz a subjetividade dos fiéis, que, por realizarem a atividade religiosa, são conduzidos a reproduzirem práticas estranhadas. É a partir da fetichização de deus que se obstaculiza, desde o princípio, as possibilidades de transformação das condições materiais de vida dos fiéis. Para tanto, vamos às conclusões...

5 À GUIA DE CONCLUSÃO: URGE SUPERAR A RELIGIÃO, MAS NÃO APENAS...

Agora que já investigamos o ideário religioso que guia as práticas dos fiéis e apreendemos suas práticas, entendemos como a fetichização de deus cria a ideologia da fé que produz as práticas estranhadas dos fiéis. Vimos neste texto que a subjetividade é a objetividade subjetivada. A atividade religiosa é uma atividade objetiva, e como uma atividade estranha, produz uma consciência estranhada — uma subjetividade estranhada. “Se minha própria atividade não me pertence, é uma atividade estranha, forçada, a quem ela pertence, então? A outro ser que não eu. Quem é este ser? Os deuses?” (MARX, 2004, p. 86).

Podemos voltar, então, à pergunta: qual a natureza de deus? Como nos traz Marx (2013, p. 151), “este é o fundamento da crítica irreligiosa: o [ser humano] faz a religião, a religião não faz o [ser humano]”. Deus, portanto, é uma ideia humana que reflete a tensão entre relações de poder e dominação, fazendo uma mediação externa à relação para mobilizar a prática do dominado em direção ao interesse daquele que domina.

O ser que produz a atividade religiosa não se reconhece enquanto produtor da mesma. Este é o fenômeno do estranhamento. O ser estranho ao qual pertence a atividade religiosa e a religião, para a qual a atividade religiosa está a serviço e para a fruição da própria religião, só pode ser o próprio ser humano. Nem os deuses, nem a natureza, apenas o ser humano mesmo pode ser este poder estranho sobre a humanidade (MARX, 2004).

Quando a ideologia da fé afirma que o reino espiritual está sobreposto ao reino material e, assim, os seres humanos devem abdicar de seus próprios desejos materiais, buscando seguir o caminho de deus para chegar ao reino dos céus, o ser humano para de relacionar como humano com a própria humanidade. Nesse processo, ele deixa de se reconhecer enquanto ser humano. A efetivação da humanidade se dá ao reconhecer a humanidade no outro. Mas o outro, na religião, não é o outro ser humano, é deus. O fetiche-deus é o que cria a ideologia da fé e produz a prática estranhada dos fiéis.

Aqui, acontece o mesmo que nas relações de trabalho, em que há um estranhamento do objeto produzido e do próprio trabalhador. Quando se produz um objeto fetichizado, o ser humano se torna refém deste objeto, acreditando que ele tem poderes maiores que os seus. Assim, o ser humano não se reconhecesse como produtor do objeto e nem reconhece o objeto como produto humano. É o que acontece com deus. O ser humano cria deus e não se reconhece enquanto produtor de deus, logo, ele dá a deus poderes que acredita ser “naturais” de deus, mas não percebe que são poderes “sociais”. Deus não nasceu estranhado ao ser humano, o ser humano que se estranha para reconhecer deus. Dessa forma, ele não tem poderes naturais, seus poderes só existem na medida em que a humanidade dá poderes a ele.

Para tanto, afirmamos: urge superar a religião!

Todas as religiões criam o fetiche no extra-humano, em deus, que é um ser-objeto que adquiriu poderes humanos, dados como supra-humanos. Mas o neopentecostalismo, ele sim vem se alastrando como um monstro domador. Ele atua de forma diferente, porque ele acompanha precisamente o movimento do capitalismo. Ele se apropria dos corações humanos, ele produz afetos que acorrentam os corações dos fiéis, por isso gritam, choram, se emocionam durante os cultos. Por ele, se mata e se morre. Ele é a expressão mais clara, atual, da desefetivação da humanidade. Sua ideologia produz seres humanos cada vez menos humanos e cada vez mais dependentes do ser-irreal — deus. À medida que o fiel nega a humanidade e busca sua Salvação para se livrar do sofrimento humano e realizar a vida eterna com deus, ele se torna um ser não efetivo socialmente. Se a existência de cada ser é sua atividade social, ou seja, a ação de cada um é uma ação social — para com a sociedade —, a partir do momento em que se nega o social e se evidencia a fantasia dos céus, o ser humano, que é um ser social, está estranhado de sua essência humana.

E aqui, vale ressaltar que a fé não é só na religião, é qualquer tipo de fé, qualquer crença que transcenda a realidade material, ou seja, que vai além da materialidade da vida, que é o que determina as bases fundantes das religiões. Isso porque a atividade religiosa é fundada no argumento de que para o ser humano estar completo, ele precisa se ligar a um outro ser, um ser não humano, que, neste caso, é deus. Como não se conhece esse outro ser, faz-se o uso da fé. Dessa forma, a fé é a mediação dessa ligação entre o ser humano e o ser extra-humano, o divino. Porém, como sabemos, a raiz do ser humano não pode ser outra coisa senão o próprio ser humano (MARX, 2013b), o que significa que não é preciso se ligar a nada exterior ao ser humano para se efetivar enquanto ser.

O ser humano engendra sua própria produção [a religião] para a sua desefetivação, “assim como [engendra] o seu próprio produto para a perda” (MARX, 2004, p. 87) — deus. O que o pentecostalismo e o neopentecostalismo fazem é [aparentemente] tornar a religião a essência do ser humano, é fazer com que ela deixe de ser algo objetivamente externo, mas sim essencialmente interno e incorporado em si. Por isso, como a IURD afirma, o espírito de deus está no coração de cada um. Assim, a ideologia da fé é incorporada aos fiéis e age independente deles, ela é a fantasia humana que se incute nos seus cérebros e corações.

Isso posto, sabemos que é necessário superar a religião. Mas também sabemos que não é suficiente. Este ser-deus, que é um suprasser, aparenta ter desejos próprios, através de seus manifestos, mandamentos e, principalmente, através da bíblia. Mas este ser criado-fetichizado como deus, é a representação de outro ser. Se o ser humano criou deus, ele também criou os

pensamentos de deus, as vontades de deus e as intenções de deus. Sabemos, portanto, que deus é a figura central de uma ideologia sustentada pelo modo de produção de capitalista. A ideologia da fé corrobora o desenvolvimento do capital, produzindo humanos cada vez menos humanos

— produzindo fiéis cada vez menos conscientes da realidade material, ou seja, servindo como um obstáculo para a formação da consciência de classe — como consciência real, efetiva. A religião é, portanto, uma ideologia que é produto do modo de produção que vivemos. O neopentecostalismo é uma particularidade deste fenômeno universal — a religião. Com suas singularidades, o neopentecostalismo age potencializando cada vez mais a prática estranhada dos fiéis, à medida que se expande por todo o mundo.

O que chamamos atenção aqui é que não basta superar o neopentecostalismo. Existem outras diversas religiões espalhadas pelo mundo. Aqui, trouxemos uma particularidade da religião — a doutrina neopentecostal — que acreditamos que tem potência para conquistar cada vez mais fiéis e se alastrar pelo mundo, andando lado a lado com o capital — uma vez que essa doutrina dá [falsas] “respostas” imediatas aos humanos já desumanizados pelo sistema.

Por isso, para que seja possível o desenvolvimento omnilateral, para que o ser humano possa se desenvolver com toda potência humana, é necessário superar o neopentecostalismo. É também necessário nos emancipar da religião, ou seja, superar todas as outras religiões, que também se fundamentam no fetiche-deus, conduzindo seus seguidores a práticas, também, estranhadas, por produzirem objetividades e subjetividades fantasiosas — irreais. E além disso, superar a necessidade da religiosidade, o que quer dizer que qualquer argumento que diga que o ser humano precisa se ligar a algo externo a ele para se efetivar como ser precisa ser superado.

Mas nada disso é suficiente.

Nosso objetivo deve ser a emancipação humana. Devemos superar as condições que mantêm necessárias a relação humana com a religião, aqui, o capitalismo. Por isso, devemos lutar arduamente contra o modo de produção opressor que nos desumaniza desde o princípio. A atividade religiosa é, portanto, uma contribuição à nossa desumanização, mas já estamos em condições desumanas desde nossa condição-determinação de reprodução da vida em um sistema capitalista. A religião é só mais uma forma desenvolvida para nos manter estranhados e sem consciência efetiva diante do capital. Porém, não aceitaremos essas condições. Ao termos consciência da realidade material, se faz necessário lutar contra essas formas ideológicas que nos acorrentam aos pés do fetiche maior, o pai de todos os fetiches, o capital. E essa luta não se faz nos céus nem no inferno, se faz é aqui e agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. **A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo**. *Cadernos Pagu* (50), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2017
- ARAÚJO, R. M. L.; TEODORO, E. G.. **Aproximações para entender a subjetividade numa perspectiva marxista**. *Revista Trabalho e Educação*. Belo Horizonte: NETE/UFMG. Vol. 15, nº 01. 2006.
- BICALHO, R. A. **Elementos para uma Análise Categorical da Objetividade/Subjetividade em O Capital (1867): Um Aporte Teórico para os Estudos Organizacionais Marxistas**. 2014. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação de Pesquisa em Administração, Belo Horizonte, 2014.
- BIRMAN, P. **O poder da fé, o milagre do poder: mediadores evangélicos e deslocamento de fronteiras sociais**. *Horiz. antropol.* vol. 18, no.37, Porto Alegre, jan./jun., 2012.
- BOHN, Simone R. **Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral**. *Opin. Pública* [online]. 2004, vol. 10, n. 2, pp. 288– 338.
- CARVALHO, Israel da Costa. **Mídias sociais: um espaço para a evangelização utilizado pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas**. Dissertação (de mestrado). 2016. São Leopoldo: Faculdades EST, 2016.
- CHASIN, J. **"Marx - Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica"**. In: Teixeira, Francisco - *Pensando com Marx*, São Paulo: Ensaio, 1995.
- FERRAZ, D. L. S.; MOURA-PAULA, M.; BIONDINI, B. K. F.; MORAES, A. G. **Ideologia, subjetividade e afetividade nas relações de trabalho: análise do filme 'Que horas ela volta?'**. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, v. 4, p. 278–318, 2017.
- FERRAZ, D. L. S. **Desemprego, exército de reserva, mercado formal-informal: rediscutindo categorias**. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, 2010.
- FERRAZ, D. L. S. **Sequestro da subjetividade: revisitar o conceito e apreender o real**. *REAd* : Porto Alegre – Vol. 25; Nº 1 – Janeiro/Abril, 2019 – p. 238–268.
- FERRAZ, J.; BIONDINI, B. **Um convite ao materialismo histórico e dialético ou porque a ciência administrativa é a ciência da superficialidade**. VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, Florianópolis, 2017.
- FORTES, R. V. **Trabalho e gênese do ser social na Ontologia de George Lukács – Dissertação apresentada ao Mestrado de Filosofia, UFMG, 2001.**

- HORST, A. C.; FERRAZ, D. L. S.; FARIA, J. H. **Proposta de estudo das lutas sociais no Brasil: uma análise de caso a partir de Nancy Fraser e István Mészáros**. In: Direito à cidade e ao trabalho: olhares de Brasil e Cuba; Derecho a la ciudad y al trabajo : miradas desde Brasil y Cuba / Organização de Jaime García Ruiz et al. — Curitiba : Kairós Edições, 2016.
- IASI, Mauro Luis. **As metamorfoses da consciência de classe** (o PT entre a negação e o consentimento). - 2. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- IBGE, **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.
- IBGE, **CENSO DEMOGRÁFICO 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.
- IBGE, **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios 2005-2015**, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.
- IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumento o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao&view=noticia>. Acesso em 10 de setembro de 2019.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II** (Ebook). São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**, Boitempo, 2013.
- MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos**. Revista de Estudos da Religião, p. 68–95, dez, 2008.
- MARTINOFF, E. H. S. **A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade**. Revista da Associação Brasileira de Educação Musical, v. 18, n. 23, 2010.
- MARTINS, J, S. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil**. - São Paulo: Edusp, 1998.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª edição – São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3ª edição - São Paulo: Boitempo, 2013b.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

- MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Tradução e notas de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Volume I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **Sobre a Questão Judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Editora: Grijalbo. 1977.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MÉSZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social**; [tradução Ester Vaisman]. - São Paulo: Boitempo, 2008.
- NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NOVAES, R. R. **A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política**. REVISTA USP, São Paulo, n. 49, p. 60–81, março/maio 2001.
- OLIVEIRA, H. S. **Educação de jovens e adultos em espaços religiosos: Escolhas, Negociações e Conflitos**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2012.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **"Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000**. *Estud. av.* [online]. 2004, vol. 18, n. 52, pp. 17–28.
- REBELLO, M. **Mercado evangélico cresce ao apostar em consumidor fiel**. Terra. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/vida-de-empresario/mercado-evangelico-cresce-ao-apostar-em-consumidor-fiel,ccccff10d0f6156d00846f3f517978c3mgqxuxdu.html>. Acesso em 17 de outubro de 2018.
- ROSAS, Nina. **A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 17–26, jan/abr 2016.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SENADO, 2016. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais**. Senado, 2016. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.
- SILVA, Enedina Maria Teixeira. **A Indústria e seus impactos e perspectivas no desenvolvimento do Município de Cruz Alta RS**. Disponível em < <http://www.fee.tche.br/3eeg/Artigos/m07t03.pdf>>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

- SILVEIRA, M. **O discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais**. Estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa, São Paulo, 2007.
- SOUZA, S. D. **Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo**. Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos, v. 27, n. 1, 2013.
- SPROUL, R.C. **O que é fé?**. Editora FIEL. 1ª edição, 2010.
- TOLEDO, C. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. (2ª. ed., Série Marxismo e opressão). São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2003.
- TORRES, R. **O Neopentecostalismo e o Novo Espírito do Capitalismo na Modernidade Periférica**. Perspectivas, São Paulo, v. 32, p. 85–125, jul./dez. 2007.
- UNIVERSAL, 2020. **Site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/home/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.
- VAISMAN, E. **A determinação marxiana da ideologia**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 251 p. 1996.
- VAISMAN, E. **A ideologia e sua determinação ontológica**. Verinotio revista on-line – n. 12, Ano VI, out./2010.
- VAISMAN, E. **A usina onto-societária do pensamento**. Verinotio, n. 4, ano 2, 2006.
- VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 1ª ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.
- VITAL DA CUNHA, C. **'Traficantes Evangélicos': novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas**. Plural Newsletter, 15, 23–46, 2008.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1982.

**APÊNDICE A -
VERSÃO COMPLETA DA TABELA 1**

A seguinte tabela conta com as notícias publicadas no site da IURD sobre assuntos que apresentam a ideologia da Igreja. As notícias datam de 15 de abril de 2019 a 15 de maio de 2019, totalizando 1 mês. Foram encontradas 42 notícias com temáticas diversas. Dividimo-las em: Autoajuda; Finanças; Relacionamentos; Saúde; Sociedade, Política e Economia; e Vida Cristã. Nomeamos os documentos com siglas para facilitar o entendimento.

Sigla do Documento	Nome da Notícia	Assunto	Data	Link
B1	Você é uma pessoa “desfocada”?	Autoajuda	15/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/15/voce-e-uma-pessoa-desfocada/
B2	Não se contente com migalhas.	Autoajuda	22/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/22/nao-se-contente-com-migalhas/
B3	Você não é um fracassado.	Autoajuda	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/voce-nao-e-um-fracassado/
B4	É falta de tempo ou de prioridade?	Autoajuda	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/e-falta-de-tempo-ou-de-prioridade/
B5	Como superar o transtorno que já atinge mais as mulheres do que os homens?	Autoajuda	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/como-superar-o-transtorno-que-ja-atinge-mais-as-mulheres-do-que-os-homens/
B6	Livre-se do desânimo	Autoajuda	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/livre-se-do-desanimo/
B7	Como ter a fonte de sabedoria	Autoajuda	03/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/03/como-ter-a-fonte-de-sabedoria/

B8	Por que a mulher é inquieta?	Autoajuda	07/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/07/por-que-a-mulher-e-inquieta/
D1	Por que o homem precisa vencer também os problemas financeiros?	Finanças	22/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/22/por-que-o-homem-precisa-vencer-tambem-os-problemas-financeiros/
D2	Sua vida financeira está um caos?	Finanças	07/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/07/sua-vida-financeira-esta-um-caos/
E1	Você está em um relacionamento "Titanic"?	Relacionamentos	15/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/15/voce-esta-em-um-relacionamento-titanic/
E2	Como eliminar a ansiedade na área amorosa	Relacionamentos	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/como-eliminar-a-ansiedade-na-area-amorosa/
E3	"Fico com meu namorado ou escolho as amizades?"	Relacionamentos	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/fico-com-meu-namorado-ou-escolho-as-amizades/
E4	Como aprender a exercer o seu papel?	Relacionamentos	07/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/07/como-aprender-a-exercer-o-seu-papel/
E5	É possível reconstruir a vida amorosa após uma perda.	Relacionamentos	12/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/12/e-possivel-reconstruir-a-vida-amorosa-apos-uma-perda/
E6	Como anular o sentimento por uma pessoa?	Relacionamentos	12/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/12/como-anular-o-sentimento-por-uma-pessoa/
F1	Os riscos do consumo de álcool durante	Saúde	18/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/18/os-riscos-do-consumo-de-alcool-durante-a-gravidez/

	a gravidez			
F2	A depressão faz mais uma vítima	Saúde	22/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/22/a-depressao-faz-mais-uma-vitima/
F3	Hipertensão: a doença silenciosa que mata	Saúde	25/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/25/hipertensao-a-doenca-silenciosa-que-mata/
F4	Trombose e os riscos de morte	Saúde	12/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/12/trombose-e-os-riscos-de-morte/
F5	A cura para as doenças que comprometem a fala e a audição	Saúde	06/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/06/a-cura-para-as-doencas-que-comprometem-a-fala-e-a-audicao/
F6	Talvez o seu filho precisa de ajuda e você nem sabe.	Saúde	02/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/02/talvez-o-seu-filho-precisa-de-ajuda-e-voce-nem-sabe/
G1	Eles querem despertar atenção?	Sociedade, Política e Economia	21/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/21/eles-querem-despertar-atencao/
G2	Garota de apenas 8 anos, vítima de fake news, tem medo de ir à escola.	Sociedade, Política e Economia	24/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/24/garota-de-apenas-8-anos-vitima-de-fake-news-tem-medo-ate-de-ir-a-escola/
G3	Bolsonaro nega criação de novo imposto sobre igrejas.	Sociedade, Política e Economia	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/bolsonaro-nega-criacao-de-novo-imposto-sobre-igrejas/

G4	PRB, uma das maiores bancadas políticas, mudará de nome para "Republicanos.	Sociedade, Política e Economia	06/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/06/prb-uma-das-maioras-bancadas-politicas-mudara-de-nome-para-republicanos/
G5	Unigrejas processam escola de samba Gaviões da Fiel.	Sociedade, Política e Economia	12/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/12/unigrejas-processa-escola-de-samba-gavioes-da-fiel-2/
G6	Por que afinal as igrejas não pagam impostos?	Sociedade, Política e Economia	12/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/12/por-que-afinal-as-igrejas-nao-pagam-impostos/
I1	Entenda o perigo de ser um cristão ioiô.	Vida Cristã	15/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/15/entenda-o-perigo-de-ser-um-cristao-ioio/
I2	“O servo verdadeiro pensa apenas em agradar a Deus.”	Vida Cristã	15/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/15/o-servo-verdadeiro-pensa-apenas-em-agradar-a-deus/
I3	Você decide a quem servirá.	Vida Cristã	18/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/18/voce-decide-a-quem-servira/
I4	Critério da resposta de Deus	Vida Cristã	22/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/22/criterio-da-resposta-de-deus/
I5	A fé e a disposição para o milagre	Vida Cristã	22/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/22/a-fe-e-a-disposicao-para-o-milagre/
I6	O que não lhe contaram sobre o Salmo 23.	Vida Cristã	26/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/26/o-que-nao-lhe-contaram-sobre-o-salmo-23/

17	Segredo do Sucesso	Vida Cristã	01/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/01/segredo-do-sucesso/
18	O que a Bíblia fala sobre igualdade de gênero?	Vida Cristã	02/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/02/o-que-a-biblia-fala-sobre-igualdade-de-genero/
19	Aprenda com a tentação de Jesus.	Vida Cristã	03/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/03/aprenda-com-a-tentacao-de-jesus/
I10	Sem vergonha	Vida Cristã	05/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/05/sem-vergonha/
I11	Não diga que ninguém avisou.	Vida Cristã	06/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/06/nao-diga-que-ninguem-avisou/
I12	As 7 qualidades do Espírito de Deus	Vida Cristã	10/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/10/as-7-qualidades-do-espírito-de-deus/
I13	Seja homem, seja honrado.	Vida Cristã	12/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/12/seja-homem-seja-honrado/
I14	O segredo para alcançar a paz definitiva	Vida Cristã	13/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/13/o-segredo-para-alcancar-a-paz-definitiva/
Total: 42 documentos				(Dados coletados pela autora entre 15 de abril de 2019 e 15 de maio de 2019)

**APÊNDICE B -
VERSÃO COMPLETA DA TABELA 2**

A seguinte tabela conta com as notícias publicadas no site da IURD sobre assuntos que apresentam a prática dos fiéis. As notícias datam de 15 de abril de 2019 a 15 de maio de 2019, totalizando 1 mês. Foram encontradas 18 notícias. Dividimo-las em: Ação Social da Universal; Eventos da Universal; e Testemunhos e Depoimentos.

Sigla do Documento	Nome da Notícia	Assunto	Data	Link
A1	Pare neste “Ponto de Oração”	Ação Social da Universal	15/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/15/pare-neste-ponto-de-oracao/
A2	Voluntários levam doações a mais de 2 mil índios Xavantes, no estado do Mato Grosso.	Ação Social da Universal	18/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/18/voluntarios-levam-doacoes-a-mais-de-2-mil-indios-xavantes-no-estado-do-mato-grosso/
A3	EVG nos trilhos: mais um novo projeto da Universal	Ação Social da Universal	26/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/26/evg-nos-trilhos-mais-um-novo-projeto-da-universal/
A4	Concurso de moda resgata a autovalorização de detentas em Salvador	Ação Social da Universal	26/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/26/concurso-de-moda-resgata-a-autovalorizacao-de-detentas-em-salvador/
A5	Cristianismo avança em cidade que foi controlada pelo estado islâmico	Ação Social da Universal	03/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/03/cristianismo-avanca-em-cidade-que-foi-controlada-pelo-estado-islamico/
A6	"SOS Moçambique" arrecada 230 toneladas de alimentos não	Ação Social da Universal	03/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/03/sos-mocambique-arrecada-230-toneladas-de-alimentos-nao-perciveis-agua-e-roupas/

	perecíveis, água e roupas.			
A7	Que importância isso tem para você?	Ação Social da Universal	07/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/07/que-importancia-isso-tem-para-voce/
A8	Jovens detentas se formam em curso de design de sobancelhas.	Ação Social da Universal	13/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/13/jovens-detentas-se-formam-em-curso-de-design-de-sobancelhas/
C1	Encontro de lideranças evangélicas com o Bispo Edir Macedo no Templo de Salomão	Eventos da Universal	23/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/23/encontro-de-liderancas-evangelicas-com-o-bispo-edir-macedo-no-templo-de-salomao/
C2	Três dias de libertação e encontro com Deus	Eventos da Universal	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/tres-dias-de-libertacao-e-encontro-com-deus-2/
C3	Congresso Renovação reúne lideranças evangélicas.	Eventos da Universal	07/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/07/congresso-renovacao-reune-liderancas-evangelicas/
C4	Dia das Mães e o verdadeiro papel da figura materna	Eventos da Universal	10/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/10/dia-das-maes-e-o-verdadeiro-papel-da-figura-materna/
C5	Participe do "Jejum de Daniel" que acontecerá entre os dias 19 de maio e 9 de junho	Eventos da Universal	13/05/2019	https://www.universal.org/blog/2019/05/13/participe-do-jejum-de-daniel-que-acontecera-entre-os-dias-19-de-maio-e-9-de-junho/

H1	Elas conseguiram vencer os conflitos familiares.	Testemunhos e Depoimentos	22/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/22/elas-conseguiram-vencer-os-conflitos-familiares/
H2	"Eu passava mal, tinha síndrome do pânico."	Testemunhos e Depoimentos	25/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/25/eu-passava-mal-tinha-sindrome-do-panico/
H3	O coração dela parou de bater por 20 minutos.	Testemunhos e Depoimentos	29/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/29/o-coracao-dela-parou-de-bater-por-20-minutos/
H4	"Cada vez que eu tentava morrer e não conseguia a dor aumentava."	Testemunhos e Depoimentos	30/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/30/cada-vez-que-eu-tentava-morrer-e-nao-conseguia-a-dor-aumentava/
H5	Jair não aguentava mais o vício em cocaína e outras drogas, e buscou ajuda.	Testemunhos e Depoimentos	30/04/2019	https://www.universal.org/blog/2019/04/30/jair-nao-aguentava-mais-o-vicio-em-cocaina-e-outras-drogas-e-buscou-ajuda/
Total: 18 documentos				(Dados coletados pela autora entre 15 de abril de 2019 e 15 de maio de 2019)